



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IPS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA



PAULO MACIEL MACHADO

**“CULTURA, AFETO E NARRATIVAS: OS CAMINHOS SEMIÓTICOS DA
PATERNIDADE NO CONTEXTO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL”**

Salvador

2017

PAULO MACIEL MACHADO

**“CULTURA, AFETO E NARRATIVAS: OS CAMINHOS SEMIÓTICOS DA
PATERNIDADE NO CONTEXTO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cecília de Sousa Bastos

Salvador

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IPS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA



TERMO DE APROVAÇÃO

“Cultura, afeto e narrativas: os caminhos semióticos da paternidade no contexto da separação conjugal”

Paulo Maciel Machado

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos (orientadora)

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.^a Dr.^a Vivian Volkmer Pontes

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Luca Tateo

Universidade de Aalborg

Dissertação aprovada em 05 de Setembro de 2017.

M149 Machado, Paulo Maciel
“Cultura, afeto e narrativas: os caminhos semióticos da paternidade no contexto da separação conjugal”/ Paulo Maciel Machado. – Salvador, 2017.
158 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cecília de Sousa Bastos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia.
Salvador, 2017.

1. Paternidade. 2. Cônjuges – Separação (Psicologia). 3. Psicologia – Cultura. I. Bastos, Ana Cecília de Sousa. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD – 158.24

RESUMO

Desde o final da década de 1990, a paternidade passou a ser alvo de interesses científicos e jurídicos. Muitos estudos foram feitos, buscando verificar possíveis consequências da presença/ausência do pai no desenvolvimento infantil; outros, investigaram o fenômeno do envolvimento paterno; pesquisas também foram feitas, descrevendo que com o passar do tempo, a forma de se exercer a paternidade teve significativas alterações. Diversas leis foram editadas sobre o tema (como a mais recente Lei 13.058/14, que dispõe sobre a aplicação da guarda compartilhada), concorrendo para a legitimação do pai enquanto um personagem com papel singular, portador de direitos e deveres. Outras investigações voltaram-se também para o comportamento paterno – tendo como fonte de dados as percepções de filhos e cônjuges a respeito desses pais. Nota-se entretanto que, no atual estado da arte, pouca atenção foi dedicada à subjetividade dos pais – buscando compreender como estes personagens, na atualidade, pensam, sentem e agem, enquanto pais. A presente investigação foi teoricamente referenciada na Psicologia Cultural de Orientação Semiótica e teve como objetivo explorar as possíveis formas de se construir significados sobre paternidade por pais que passaram pela transição pessoal da separação conjugal, em um momento histórico marcado por transições na forma de atribuir significados à experiência de ser homem e ser pai. Para isto, quatro pais, representantes de paternidades construídas em condições diversas – idade; tempo de separação; modalidade da guarda; coabitação com filhos; estado civil; classe social -, foram entrevistados, proporcionando a exploração qualitativa sobre o tema. A investigação obteve como resultados indicativos sobre quais roteiros sociais a coletividade tem disponibilizado para balizar a experiência afetiva de paternidade no contexto de separação conjugal, além de indicativos a respeito de quais recursos semióticos estão sendo utilizados pelos pais contemporâneos para significar as suas experiências enquanto “pais separados” – como a percebem, o que pensam, o que sentem e o que fazem.

Palavras-chave: Paternidade. Separação conjugal. Significados. Psicologia Cultural de Orientação Semiótica.

ABSTRACT

Since the late 1990s, paternity has come to be the subject of scientific and legal interests. Many studies were done, seeking to verify possible consequences of the presence / absence of the father in the development of children; Others have investigated the phenomena of parental involvement; Researches were also made, describing that over time, the way of exercising paternity had significant changes. A number of laws have been issued on the subject (such as the latest Law 13.058 / 14, which provides for the application of shared custody), which contributes to the legitimacy of the father as a person with a singular role, bearer of rights and duties. Other investigations have also turned to paternal behavior - having as a source of data the perceptions of children and spouses about these parents. It is noteworthy, however, that in the current state of art, little attention was paid to the subjectivity of fathers – looking for understanding how these characters nowadays think, feel and act as parents. The present research was theoretically referenced in the Cultural Psychology of Semiotic Guidance and aimed to explore the possible ways of constructing meanings on paternity by fathers who underwent the personal transition of the conjugal separation, in a historical moment marked by transitions in the form of assigning meanings to the experience of being a man and being a father. For this, four parents, representatives of paternities built in diverse conditions - age; separation time; guardian mode; cohabitation with children; marital status; social class - were interviewed, providing qualitative exploration on the topic. The research obtained as indicative results on which social routes the community has made available to mark the affective experience of paternity in the context of conjugal separation, as well as indicatives as to what semiotic resources are being used by contemporary fathers to mean their experiences - how they perceive it, what they think, what they feel and what they do.

Key words: Fatherhood. Marital Separation. Meanings. Semiotic Cultural Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. OS ESTUDOS SOBRE PATERNIDADE	8
A nova paternidade: história, transições socioculturais, família, gênero e legislação	9
A paternidade após a separação conjugal	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3. JUSTIFICATIVA	25
4. OBJETIVOS	25
METODOLOGIA.....	27
2.1. PARTICIPANTES	28
RESULTADOS	33
1. BARTOLOMEU	33
2. ROMÁRIO	48
3. DAVI	70
4. JOSÉ	96
DISCUSSÃO – PARTE 01	119
Considerações sobre a paternidade no contexto de separação conjugal.....	119
1. A PATERNIDADE ANTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL	120
A decisão de tornar-se pai.....	120
A gênese do sentimento de paternidade.....	121
A construção dos caminhos semióticos: paternidade anterior à separação conjugal.....	122
2. A SEPARAÇÃO CONJUGAL	127
3. A PATERNIDADE APÓS A SEPARAÇÃO CONJUGAL	128
O fenômeno da Alienação Parental e a experiência de Invalidação Parental	128
A construção de novos caminhos semióticos	131
DISCUSSÃO - PARTE 02	136
Um modelo semiótico para a paternidade na condição de separação conjugal	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	150
ANEXO A	153
ANEXO B	155

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Desde o final da década de 1990, a paternidade passou a ser alvo de interesses científicos e jurídicos. Muitos estudos foram feitos sobre este tema, em diversas áreas (mudanças na paternidade no decorrer da história; consequências da ausência ou presença do pai no desenvolvimento infantil; o fenômeno do envolvimento paterno), e diversas leis foram também editadas sobre esta temática. Porém, pouca atenção foi dedicada à pessoa dos pais – buscando compreender como os pais da atualidade pensam, sentem, e agem, enquanto pais.

1. Os estudos sobre paternidade

A paternidade é cada vez mais alvo de pesquisas, em diversas dimensões do fenômeno. A literatura aponta estudos interessados em investigar a influência da presença do pai, ou da sua ausência, no desenvolvimento dos filhos, em aspectos como problemas de comportamento internalizantes (Aiello, Cia e Williams, 2005; Bandeira e Wellausen, 2010; Laskey e Hatton, 2009) e externalizantes (Crepaldi e Gomes, 2013); gravidez precoce (Ellis et al., 2003); e desenvolvimento de habilidades sociais (Barham e Cia, 2009). As percepções de filhos e esposas sobre o comportamento do pai também são estudadas (Goetz e Vieira, 2008; Prado, Piovanotti e Vieira, 2007; Souza, 2000). Outros estudos passam a investigar quais as variáveis envolvidas no fenômeno do envolvimento paterno – buscando verificar o que influencia o pai contemporâneo a adotar, ou não, posturas de envolvimento afetivo e proximidade (Arsénio, 2012; Beltrame e Bottoli, 2010; Barham e Cia, 2009; Grzybowski e Wagner, 2010; Hall, 2005). Tais estudos listam desde fatores biológicos (predisposições), culturais (habilidades relacionadas ao gênero), sociais (escolaridade; padrões de emprego do casal; número de horas dedicadas ao profissional; status conjugal), até psicológicos e interacionais (valores sobre educação, nível do sentimento de autonomia das esposas, qualidade da relação entre os cônjuges). Diversos são também os estudos que destinaram-se a investigar a mudança nos sentidos e práticas de paternidade (Aiello, Cia & Williams, 2005; Arsénio, 2012; Barham et al, 2009; Bottoli, 2010; Cezar-Ferreira & Macedo, 2016; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004; Freire, 2009; Grzybowski e Wagner, 2010; Lewis, 1999; Mosmann e Warpechowski, 2012).

A nova paternidade: história, transições socioculturais, família, gênero e legislação

A literatura aponta também uma mudança nas atitudes dos pais contemporâneos, em relação às gerações anteriores, quanto às formas de se relacionar com esta etapa do desenvolvimento (Aiello, Cia & Williams, 2005; Arsénio, 2012; Barham et al, 2009; Bottoli, 2010; Cezar-Ferreira & Macedo, 2016; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004; Freire, 2009; Grzybowski e Wagner, 2010; Lewis, 1999; Mosmann e Warpechowski, 2012). Os autores indicam mudanças no imaginário social sobre a paternidade, apontando a coexistência de definições tradicionais (nas quais o signo “pai” está associado a conceitos como omissão, no contexto das questões relativas ao cotidiano da criação dos filhos; com atitudes de afastamento físico e afetivo; com autoritarismo na forma de relacionar-se; e com responsabilidade quanto à função de provimento financeiro da família) com novas conceituações contemporâneas (nas quais o signo “pai” associa-se a conceitos como confidencialidade e envolvimento afetivo).

Os estudos sugerem que a forma tradicional através da qual os pais costumavam ocupar o seu espaço na família e na sociedade passou a não responder mais de forma adaptativa às mudanças sociais que vêm ocorrendo desde o último século - como a inserção da mulher no mercado de trabalho; o aumento do desemprego e da violência; os elevados preços das escolas e dos profissionais voltados para o cuidado infantil (Barham e Cia, 2009; Cezar-Ferreira & Macedo, 2016; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004; Lewis, 1999). Como efeito colateral dessas reconfigurações sociais, a literatura indica que os pais passaram a estar mais tempo no ambiente doméstico, entrando mais frequentemente em contato com as rotinas do lar – tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres.

Para entender a gênese dos papéis familiares na realidade brasileira e a atual transição pela qual atravessa a instituição familiar nesta nação, é necessário um retorno à história da construção dos valores sociais e conseqüentemente do pensamento jurídico nacional. Cezar-Ferreira & Macedo (2016) situam o direito brasileiro enquanto gestado a partir das heranças de ideais e valores das denominadas “Ordenações Filipinas Portuguesas” – marcadas por fortes características do sistema de patriarcado. Assim, o primeiro Código Civil brasileiro (1916) reservava ao pai o denominado *pátrio poder*, que traduzia-se na posição de intrínseca soberania paterna sobre os demais membros da família - que por sua vez deveriam submeter-se e invariavelmente acatar as suas decisões. Era também o pai o representante da família na esfera pública, ficando a mulher incumbida de zelar pela vida familiar na esfera doméstica, estando afastada das esferas profissional e educacional.

As autoras expõem que apenas com o Estatuto da Mulher Casada (1962), a mulher pôde, pela primeira vez, exercer profissão lucrativa sem necessitar de autorização do marido, e passou também a poder responsabilizar-se pelos rendimentos do seu trabalho. Outros marcos jurídicos figurativos de uma transição nos valores da família foram a Lei do Divórcio (1977) e a Constituição Federal (1988), que expressavam a tendência do ideário legislativo nacional à valorização da dignidade da pessoa humana, à liberdade e à igualdade. A CF/88 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) demonstram mais especificamente a mudança de significado quanto ao poder familiar, entendido enquanto horizontal entre os genitores, e quanto à criação de filhos, compartilhando a responsabilidade da família com a sociedade e com o Estado. O ideário do pátrio poder entrava assim em extinção.

Segundo Cezar-Ferreira & Macedo (2016), o advento da pílula anticoncepcional concorreu também para a transição nos valores socioculturais da população. Com o advento desta tecnologia, a mulher passou a ter maior poder decisório quanto à gestação: quando e se irá engravidar, e quem será o pai dos seus filhos. Passou assim a haver uma cisão entre as dimensões da sexualidade, parentalidade, casamento e a constituição de família, antes culturalmente fundidas. A tradicional figura da mulher diminuta em seu poder, subordinada à autoridade masculina e estranha ao mundo do trabalho e à vida pública dá lugar a uma mulher sexualmente independente e também em busca da autonomia financeira – passando assim a ocupar lugares sociais anteriormente reservados ao homem.

O discurso de gênero começa então a ser realçado nesse processo de desconstrução dos papéis entendidos até então como intrinsecamente masculinos ou femininos e tradicionalmente relacionados ao sexo biológico - trazendo para o imaginário social a ideia de comportamentos socialmente construídos para diferenciar homem e mulher.

O universo feminino entrou então num processo de expansão de significados e de expressões comportamentais e políticas no cotidiano, fundando novas formas de perceber, sentir, pensar e agir, na relação com o mundo. Como consequência, provocou também mudanças em tudo aquilo com que se relacionava – inclusive, e obviamente, rompendo as correntes que intrinsecamente a vinculavam às fronteiras do antigo casulo familiar. Restou ao homem relacionar-se com as reverberações da revolução feminista, e responder adaptativamente.

De acordo com estudiosos da paternidade, o homem foi historicamente preparado para ter traços de objetividade e praticidade nas relações sociais, e para ser impassível de erros – habilidades necessárias para circular pelo mundo exterior ao universo do lar, ocupar o papel de trabalhador, provedor financeiro e autoridade suprema da família. Assim, enquanto um possível efeito colateral, o homem teve pouca preparação, em seu processo socializatório, para o desempenho de habilidades sociais relativas a contextos de relacionamento humano que envolvem subjetivismo, intimidade e cuidado; para o lidar com as diversas emoções a tais contextos associadas, e para a expressão afetiva nestes conformes.

Consequentemente, em contato com novas situações contingentes à transição familiar, passou a ser demandado ao homem reformular o seu papel na família, e passar a construir atitudes tão diversas e novas quanto as inéditas exigências. Ao lado do modelo provedor, objetivo, autoritário e afetivamente distante, a literatura aponta o surgimento de uma nova paternidade, com traços de subjetividade intra e interpessoal; com atitudes relacionadas à participação nas rotinas domésticas e na intimidade das interações; e com características de envolvimento afetivo (Barham e Cia, 2009; Cezar-Ferreira & Macedo, 2016; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004; Freire, 2009; Lewis, 1999).

Ampliando a visão focalizada na transição histórica do papel masculino no âmbito familiar, é válida a contextualização de uma transição histórica na própria instituição do casamento e da consequente constituição de família. Estudiosos sugerem que os tradicionais e historicamente bem demarcados papéis maternos (tarefas domésticas, cuidado e atenção com os filhos e a família) e paternos (provisão financeira, demarcar limites morais) passaram a mesclarem-se (Cezar-Ferreira & Macedo, 2016; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004). Uma possível consequência para isso, na vida dos pais, é dispender mais tempo vivenciando questões novas, e desafiadoras, relativas à proximidade e ao cuidado com os filhos.

A formação e assunção da identidade social de pai não é um processo que ocorre de modo isolado/ensimesmado. Pelo contrário, é resultante, dentre outros fatores, da identificação de si mesmo com pares, nas esferas de experiência cotidiana, assim como do reconhecimento de si enquanto diferente de outros possíveis personagens que desempenham papéis diversos aos seus (Braghirolli, Pereira e Rizzon, 2005). Deste modo, a formação de uma identidade, ou papel social, é um processo que ocorre no âmbito das relações sociais; no modo como os indivíduos relacionam-se entre si e com o meio histórico e cultural específico onde são socializados. Assim, não podemos falar de identidade paterna como uma essência substantiva e apriorística,

mas enquanto um processo que pode assumir diferentes formatos, e que reflete a estrutura social e cultural de uma população num dado momento histórico - ao mesmo tempo que o sujeito assim construído retroativamente age sobre a cultura e a sociedade em que foi gestado, conservando-as, ou transformando-as.

Com a finalidade de compreender quais formatos vem tomando esta “nova paternidade” - considerando a transição por qual vem passando este instituto, apontada pela literatura revisada -, é válida uma incursão na legislação que versa sobre o tema em questão. As leis são aqui entendidas e consultadas enquanto moldes normativos de conduta, que apesar de não apresentarem direções específicas para a infinita diversidade de situações do cotidiano, delimitam fronteiras quanto ao que é aceito ou negado numa determinada cultura, em determinado momento histórico. Desta forma, é notável o advento de leis que passam a legitimar o pai enquanto um papel socialmente nomeado e reconhecido, com características próprias, possuidor de direitos e deveres, como a lei 6.515/77 (que dispõe sobre o divórcio); a lei 8.560/92 (que dispõe sobre a investigação de paternidade de filhos concebidos fora do casamento); a lei 11.698/08 (que sanciona a guarda compartilhada); a lei 12.318/10 (que dispõe sobre o fenômeno da alienação parental); a mais recente Lei 13.058/14, que dá um novo sentido à guarda compartilhada, legalmente tornando-a o modelo cultural a ser buscado nos casos de separação conjugal; e as diversas campanhas governamentais sobre o reconhecimento da paternidade costumeiramente veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

É notável que, nos moldes legais contemporâneos, a paternidade encontra-se razoavelmente demarcada e também separada da conjugalidade, sendo o pai alguém que é nomeado e visto, e sobre o qual recaem direitos e deveres, além de expectativas sociais sobre como este papel, em linhas gerais, deve ser desempenhado. O nome “pai” vai tornando-se um conceito cada vez mais nítido na cultura brasileira, com potencial de evocar opiniões, afetos e tendências nos sujeitos que entram em contato com este signo. Reconhecer, por exemplo, que diante da situação de separação conjugal o ideal é compartilhar a guarda dos filhos, como prevê a disposição legal, demonstra indícios de que o signo “paternidade”, em tal cultura, possivelmente passa a evocar algumas atitudes semelhantes àquelas evocadas pelo signo “maternidade”, quando o contexto semiótico envolve signos como “cuidados”, “desenvolvimento dos filhos”, e “responsabilidade”.

Diante de um momento de especial interesse da ciência, da cultura e do processo de positivação jurídica envolvendo a figura paterna, e face a uma transição na identidade paterna massivamente denunciada pela literatura, torna-se válida a investigação dos significados

presentes na formatação da atual paternidade – buscando os sentidos atribuídos pelos próprios pais ao seus processos de formação de identidade paterna.

O atual estudo leva em conta, além da transição histórica do papel paterno, a elevada taxa de separações conjugais apontadas pelas pesquisas sociodemográficas, indicativas de uma transição histórica também na organização das relações familiares – e conseqüentemente na construção de identidades dos seus componentes. De acordo com estatísticas do IBGE, para cada quatro casamentos realizados em 2012, ocorria um divórcio. Tomou-se assim por sujeito de pesquisa o pai que passa pelo processo de transição histórica do papel paterno, assim como por uma transição na própria história de vida, tendo como marco a separação conjugal.

A paternidade após a separação conjugal

Apesar de ter dado maior visibilidade ao pai, a literatura científica é ainda escassa em estudos que busquem uma compreensão qualitativa sobre como é significada a paternidade após a separação conjugal (Barham e Cia, 2009; Bottoli, 2010; Freire, 2009; Grzybowski e Wagner, 2010). Há poucas informações a respeito de como os pais contemporâneos respondem à situação de separação conjugal (emocional, cognitiva e comportamentalmente), como esta transição impacta em suas diversas esferas de vida, e como significam as suas próprias identidades enquanto pais, envoltos num contexto de mudanças em suas trajetórias de vida particulares, atravessado por mudanças históricas na forma que a sociedade significa o pai.

Poucos autores buscaram aproximar-se deste fenômeno, que apesar de exercer atual sedução sobre o interesse científico e político, é pouco tateado em sua manifestação na vida cotidiana – ao menos enquanto expressos através das vozes dos próprios sujeitos que vivenciam-no. Shapiro e Lambert (1999) apontam neste sentido a existência de estudos que exploraram o impacto da separação conjugal sobre as crianças e sobre as mães - chamando a atenção para a lacuna existente na literatura quanto ao impacto deste evento sobre a trajetória de vida paterna.

Estes autores visaram então mover os holofotes para alguns fatores que facilitam ao leitor visualizar a complexidade do fenômeno da paternidade diante da separação conjugal. Em estudo longitudinal, comparando pais em situação matrimonial com pais divorciados que coabitavam com os filhos e com pais divorciados que não coabitavam com os filhos, indicaram, por exemplo: a) ambivalência existente entre um crescente incentivo cultural à maior participação e envolvimento paternos na criação dos seus filhos – enquanto novas construções de comportamentos socialmente desejáveis –, coexistindo com o distanciamento inerente à

separação conjugal; b) indícios de que o não coabitar com os filhos relaciona-se com indicativos de tendência ao afastamento progressivo dos pais – mesmo no caso dos pais que inicialmente assumem uma atitude participativa; c) quebram apriorismos quanto à intrínseca superioridade parental materna no tocante aos níveis de afeto e proximidade com os filhos, ao apontar que pais separados que coabitam com a prole apresentam níveis semelhantes aos de mães na mesma condição, em tais critérios - expondo assim o funcionamento da construção de gênero no imaginário social; d) salientam também que as condições de menor responsabilidade cotidiana assumida, e de maior disponibilidade para outros eventos de vida, particular aos pais separados que não coabitam com os filhos, relacionam-se a um possível incremento no bem estar psicológico de tais sujeitos diante da separação; e) encontraram também dados sugestivos de que não é o divórcio em si a variável mais importante na qualidade da relação que será estabelecida com os filhos – mas sim a coabitação com os mesmos. Pais divorciados que coabitavam com os filhos, quando comparados com pais em situação de matrimônio também em situação de coabitação com os descendentes, descreveram os melhores níveis de relacionamento com os filhos. Os piores níveis de relacionamento foram encontrados com pais separados que não coabitavam com a prole; f) paralelamente a este achado, os autores também encontraram indícios de que os pais divorciados, de forma geral, possuem índices mais altos de sintomas depressivos, e que, em meio a estes, aqueles que coabitam com os filhos são os que revelam sinais de menores níveis de felicidade; g) sugerem, por fim, que os indicadores de estresse utilizados para o sexo masculino deveriam incluir o uso de álcool e outras drogas, não contemplados em outras investigações.

Outros pesquisadores, em suas empreitadas exploratórias sobre “o pai separado”, encontraram resultados sugestivos de atitudes como disposição para dispendir tempo e energia com os filhos em atividades de cuidados e aconselhamentos, entretenimento e lazer; no aproveitamento dos instantes de companhia dos filhos, construindo contextos que catalizem tais situações, como fazer compras juntos. Quanto aos afetos vivenciados, encontraram indícios de sentimentos de responsabilidade quanto aos deveres, e busca em fazer o melhor possível; sentimentos de inadequação quanto ao papel de cuidadores; medos quanto a ter que lidar sozinho com o filho, ou de não serem reconhecidos pelos mesmos em seus esforços para ocuparem o papel paterno; ansiosos de maior intimidade, paralelos a desconfortos diante desta situação; pouco desejo de obtenção de guarda. Salientaram também a importância da relação estabelecida com a ex-conjuge enquanto fator importante no posicionamento de paternidade que será assumido e na relação estabelecida com os filhos – havendo pais que indicam relações

mais satisfatórias após a separação conjugal (Bottoli, 2010; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004; Freire, 2009; Mosmann e Warpechowski, 2012).

Grzybowski e Wagner (2010) investigaram, através da aplicação de escalas, como a situação de separação influencia no envolvimento parental e nas práticas educativas adotadas. Houve diferenças entre pais e mães em todas as dimensões investigadas (envolvimento parental: social, didático, na disciplina, na dimensão afetiva, e em responsabilidades quanto à vida do filho), demonstrando que o pai desenvolve uma forma própria de assumir o papel parental nesta situação. Assim como Shapiro e Lambert (1999), os resultados indicam que a coabitação é uma variável que influencia em todas as dimensões do envolvimento parental citadas.

Diante destes estudos, é possível discriminarmos algumas particularidades do universo do sujeito de pesquisa aqui tematizado. Esses sujeitos, aqui englobados sob o sumarizante rótulo de “pais que passaram pela experiência de separação conjugal”, podem ser pluralizados em diversos outros subrótulos, conforme algumas características que se combinam de diversas formas e direcionam a formação de suas identidades – conforme foi explorado em estudos anteriores. Assim, os autores apontam que variáveis como a história de vida do pai (seus modelos relacionais sobre família); a história do ex-casal (os papéis desempenhados antes da separação); a representação do pai sobre qual o seu papel e sobre o que os outros pensam sobre ele enquanto pai; a rede de apoio (se há fatores externos, como familiares ou amigos, livros ou programas de mídia, que podem auxiliar o pai na construção da sua subjetividade paterna); o status de relacionamento (se são solteiros ou recasados); a coabitação com a criança; o relacionamento atual com a ex-esposa; variáveis sociodemográficas (idade; nível socioeconômico; escolaridade); características da criança (sexo; idade); tempo de separação (Bottoli, 2010; Dantas, Féres-Carneiro e Jablonski, 2004; Freire, 2009; Mosmann e Warpechowski, 2012; Shapiro e Lambert, 1999) são elementos que se combinam para formarem diversos formatos possíveis de paternidades. De modo geral, os estudos também demonstram que as antigas fronteiras rígidas sobre papéis de gênero foram transpostas, e os pais contemporâneos passam a realizar atividades relacionadas a funções domésticas, de cuidado e aconselhamento - em tempos passadas exclusivas ao universo feminino.

Passaremos então a buscar visualizar, com maior nitidez, o fenômeno da separação conjugal, aqui considerada uma *ruptura* no ciclo de vida, no sentido conceituado por Zittoun (2011). A autora descreve este conceito enquanto um processo desenvolvimental ativado por um evento que ocorre na trajetória de vida de um sujeito e que demanda uma alteração qualitativa no modo do indivíduo dar significado e relacionar-se com o mundo. Assim, a

separação conjugal consiste num momento em que o pai, que a preexistia, possivelmente irá defrontar-se com alterações em seu contexto de vida – vendo-se diante de novas situações, como a guarda; pensão; mudança de endereço e rotina de visitação aos filhos; relação com ex-mulher, com os filhos, com a sua rede social e de apoio; com o trabalho e com o lazer. Consequentemente, defrontar-se-á também com as próprias expectativas e afetos evocados por estas situações. Nesta transição, há probabilidade de que, em maior ou menor grau, o “pai separado” ressignifique os seus sentidos sobre a experiência parental e adote atitudes que poderão repercutir nas diversas esferas de vida que circundam o seu desenvolvimento.

Diante deste singular e cada vez mais estatisticamente normativo momento do ciclo de vida, é notável a falta de “roteiros” socialmente disseminados a respeito da paternidade posterior à separação conjugal – roteiros, por sua vez, tão comuns e disseminados em outros contextos culturais que já possuem discursos estáveis, como o casamento, a vida em família, a vida académica e a vida laboral. Não são populares os discursos sobre o que pode ocorrer após a separação conjugal sendo escassas consequentemente as sugestões culturais de conduta - em termos de mudanças nos diversos relacionamentos, sentimentos esperados, possíveis atitudes a serem tomadas, dentre outros.

Dado o alto valor dado à família em nossa sociedade, podemos hipotetizar que a separação conjugal talvez seja ainda um assunto culturalmente delicado de ser tateado - consequentemente pouco entendido, sobretudo no que tange à vida do homem que passa por esse processo. Devemos também levar em consideração que não é um traço comportamental tradicionalmente desenvolvido pelo homem o ato de dialogar ou compartilhar com os pares as suas experiências subjetivas – o que por sua vez pode dificultar a conformação de um discurso socialmente disseminado e não superficial sobre a paternidade. Passando por um momento de transições, no qual significados estabelecidos e disseminados sobre a paternidade, que participavam na determinação da conduta dos pais de gerações passadas, passam a não responderem de modo tão adaptativo às novas demandas sociais, é possível que os novos significados, discursos e práticas paternas ainda estejam, gradualmente, consolidando-se e ganhando espaço dentro da cultura.

2. Referencial teórico

A compreensão do processo de construção da identidade paterna, após a separação conjugal, exige um olhar detalhista sobre como se dá a reorganização psicológica e emocional

do sujeito após tal transição. Para o entendimento de tal processo, utiliza-se neste trabalho o referencial teórico da Psicologia Cultural de Orientação Semiótica. A teoria aqui utilizada possui ferramentas conceituais que permitem explorar com riqueza descritiva os processos cognitivos, afetivos e comportamentais envolvidos no relacionamento do sujeito com um ambiente físico e social, historicamente e culturalmente situado, codificado em signos, possibilitando uma visão dialética do processo de subjetivação dos pais na relação com os seus contextos de vida.

Segundo Valsiner (2012; 2001), na relação com o ambiente imediato, o ser defronta-se com a inevitabilidade do contato com o próximo momento (futuro), que tem por natureza a característica de ser imprevisível. Diante deste cenário, o autor descreve o organismo humano enquanto equipado com mecanismos biológicos e psicológicos, que operam na direção de criar um estado organísmico o mais próximo possível da estabilidade biopsicoemocional. Assim, em cada instante, o sujeito irá defrontar-se com estimulações de diversas ordens (sensoriais, verbais, não verbais), e irá necessariamente relacionar-se com estas. Mesmo que em resposta a tais estimulações “nada faça”, estará fazendo “nada” enquanto resposta aos estímulos apresentados - havendo sempre a relação dialética indivíduo-contexto.

Assim como os demais seres do reino animal, o humano possui um aparato biológico capaz de condicionar algumas respostas, à nível fisiológico, a aspectos ambientais, de modo a antecipar um possível contato com um ambiente de algum modo similar a um anteriormente experimentado (Valsiner, 2012). Dessa forma, o reino animal é dotado da habilidade de uma “economia comportamental”, evitando o custo de contatar o ambiente, em cada momento, como se fosse a primeira vez – o que exigiria um alto custo de energia para alcançar estados de adaptação e estabilidade a cada instante. Assim, basicamente o organismo animal adapta-se de modo mais ou menos mecânico aos ambientes imediatos em que vive, formando um repertório básico fundado sobretudo sob bases biológicas e esculpido a partir do contato ontogenético com os ambientes particulares em que vive.

Contudo, diferentemente dos demais animais, através das práticas de linguagem compartilhadas numa cultura, os seres humanos desenvolveram a habilidade de relacionarem-se com o ambiente de uma forma bastante distinta. Além de reagirem com sensações, emoções e se comportarem de modo próximo ao automatismo dos condicionamentos tipicamente animais, o ser humano é capaz de dar nomes aos objetos das suas experiências externas (coisas

e situações) e internas (afetos, pensamentos). Fazendo-o, passa a poder relacionar-se com estes nomes enquanto novos objetos da experiência. Surge aqui a experiência semiótica.

Tomando como foco as experiências internas, além de vivenciar os afetos (entendidos enquanto reações do organismo a uma fonte de estimulação), por exemplo, o homem pode também ter uma outra experiência: vivenciar o “refletir/falar sobre” os afetos. Como aponta Valsiner (2012), alguém pode, por exemplo, falar sobre a felicidade de diversos modos possíveis, apesar de não precisar, para tal, estar sentindo-se feliz. O ser humano, desta forma, passa a relacionar-se não apenas com o ambiente físico imediato, de forma meramente reativa. É fundada a possibilidade de relacionar-se com signos que arbitrariamente representam este ambiente (palavras, objetos, padrões sonoros e olfativos), passando assim a ter a capacidade de refletir e considerar novos pontos de vista sobre uma situação; fazer comparações, planejamentos, avaliações e julgamentos; criar expectativas; vivenciar memórias de eventos relevantes, assim como experimentar emoções associadas aos objetos representados pelos signos – mesmo que o objeto seja ele mesmo uma emoção ou cognição (Zittoun, 2012).

É assim fundada uma nova forma de experiência com o mundo. Na história do relacionamento humano (enquanto indivíduo ou enquanto coletividade) com os seus ambientes imediatos, diversos e distintos foram os signos desenvolvidos para representar os aspectos relevantes da experiência historicamente vivida e os aprendizados decorrentes. Estes passam a representar dimensões do ambiente; emoções comumente experimentadas; avaliações e julgamentos sobre os acontecimentos. Estes signos trazem consigo os significados dados ao objeto/situação a que se referem, possíveis afetos a ele relacionados, e sugerem também direcionamentos de ação historicamente construídos por uma cultura, ou por um indivíduo culturalmente situado, diante dos mesmos (Valsiner, 2012).

Seguindo o raciocínio do autor, podemos compreender porque em certas culturas humanas, é possível que o mero ouvir nomes de insetos (p.ex o padrão sonoro “barata”) cause reações fisiológicas como arrepios; emoções como o asco; e tendências comportamentais ao afastamento, à crítica ou à mudança de assunto. Paralelamente (todavia não paradoxalmente), seres humanos inseridos em culturas em que insetos fazem parte da rotina alimentar, provavelmente experimentam sensações distintas quando em contato com o mesmo padrão sonoro relativo ao inseto, como por exemplo apetite; emoções agradáveis relacionadas ao alimentar-se; e tendências comportamentais à aproximação.

Entendendo a plasticidade adaptativa do ser humano, através das práticas de linguagem, a Psicologia Cultural de Orientação Semiótica compreende o homem enquanto psicologicamente e emocionalmente moldável, situado e modelado em um tempo histórico e em um locus cultural específico, organizado de acordo com elementos culturais disponíveis no espaço/tempo em que desenvolve-se. Desta forma, assume-se que o homem é essencialmente plástico: ele pode assumir as mais diversas possibilidades de organização e funcionamento, estruturadas a partir da combinação de uma base filogenética com os signos disponíveis em sua cultura e em sua trajetória de vida pessoal – formando sujeitos absolutamente únicos (Zittoun, 2012).

Devemos entretanto distinguir o fenômeno afetivo do fenômeno semiótico/linguístico. Valsiner (2012) identifica a experiência afetiva enquanto um todo indiferenciado; uma totalidade difusa na qual participam todos os sistemas funcionais do organismo - independentemente de tal experiência ser ou não nomeada. O corpo humano é dotado de um aparato biológico propenso a reagir afetivamente às estimulações ambientais a que estiver sujeito, buscando garantir um estado adaptativo de funcionamento – como acontece de forma geral no reino animal.

O fenômeno semiótico, por sua vez, surge enquanto uma experiência de natureza distinta, e cumpre a função de regular e dirigir o fluxo da experiência afetiva, no relacionamento do homem com o mundo. De acordo com as ideias do autor, ao dar nomes aos afetos (tornando-os signos), passamos a nos relacionar não apenas com o afeto em si, mas com os significados que uma determinada cultura (ou organismo culturalmente situado), em sua história, passou a relacionar a tal afeto. Desta forma, podemos entender que na cultura ocidental, de modo geral, emoções como medo e ansiedade são geralmente categorizadas enquanto “ruins”, “a serem evitadas”. Ao vivenciar tal emoção, é provável que o sujeito relacione-se também com os significados historicamente construídos a respeito desta emoção, com suas emoções correlatas a este significado e aos culturalmente situados direcionamentos de ação – podendo por exemplo sentir, em adição ao medo original, vergonha de falar sobre o que sente com outros, uma inclinação a mudar o foco da sua atenção, e então fazê-lo. A experiência semiótica, deste modo, direciona a experiência afetiva para trajetórias de vida culturalmente e ontogeneticamente construídos – neste trabalho apelidados de “Caminhos Semióticos”.

Entende-se, desta forma, que o fenômeno semiótico, apesar de possuir natureza distinta do fenômeno afetivo, cumpre também a função de capacitar o organismo a responder ao

ambiente imediato culturalmente situado de modo adaptativo, competindo também para a criação de um estado de segurança e estabilidade orgânica. Assim, tanto a experiência emocional “destituída de significados” (nível fisiológico), como a inserção da experiência semiótica (nível cultural), são dispositivos humanos que visam a adaptação do organismo ao seu ambiente.

Numa sociedade, a forma como a cultura significa os objetos e as situações do mundo passa a servir de referencial/matriz para a construção pessoal dos significados dos sujeitos dessa cultura a respeito dos ambientes com que relaciona-se – passando os signos construídos a regular sua experiência afetiva. Desta forma, conseqüentemente o nível cultural passa a ser incorporado ao nível fisiológico, tornando a experiência semiótico/afetiva uma totalidade única (Valsiner, 2012).

Destas ideias, podemos depreender que, a partir do fenômeno semiótico, os homens podem construir infinitas maneiras de relacionarem-se com o mundo – não existindo assim apriorismos sobre formas “certas” ou forma “erradas” de interagir com o ambiente. Num sentido pragmático (Huff, 2009; Neuman, 2006), os sentidos dados aos objetos da experiência na história de uma dada coletividade ou num determinado instante da vida de um sujeito particular são aqueles condizentes com as possibilidades de adaptação do sujeito ao ambiente físico e cultural com que relaciona-se. Nesta perspectiva, não existem verdades absolutas sobre o mundo – apenas discursos dialeticamente construídos sobre este, baseados num critério finalístico: a funcionalidade adaptativa diante do ambiente, de acordo com objetivos pré-fixados/ideologias (Valsiner, 2012). Deste modo, os homens fundam os seus idiomas; suas formas de relacionarem-se uns com os outros nas mais diversas situações; criam práticas de vestuário e de alimentação; criam religiões, dentre outros. Assim, uma vez nascida dentro de um agrupamento cultural particular, uma criança vai entrar em contato com as práticas que foram selecionadas durante a evolução daquela cultura, codificadas em signos verbais e não verbais, signos estes que trazem sugestões culturais sobre o que se deve sentir, pensar, e como agir diante das mais diversas situações. Os signos passam a funcionar enquanto roteiros de conduta que fornecem orientação e possibilidades de significação ao sujeito diante de um inexorável e imprevisível próximo instante, num mundo em que “a única certeza é a morte”.

Para melhor entender então como se organiza a experiência do homem no mundo, será utilizada a categorização sugerida por Valsiner (2012). Aos roteiros cultural e socialmente construídos, com os quais os sujeitos entram em contato durante seus processo de socialização,

se dá o nome de nível mesogenético da experiência – significados socialmente compartilhados que cumprem a função orgânica de diminuir a tensão no contato do sujeito com a incerteza do próximo momento. Servem como guias de conduta de acordo com o que foi estabelecido durante a evolução da cultura enquanto modo selecionado de se posicionar diante do mundo.

Por sua vez, a tal momento imediato e inédito do aqui–agora, repetidamente enfatizado neste texto, dá-se o nome de nível microgenético da experiência – que, como postulado, pode (ou não) ser apoiado e suavizado pelas sugestões mesogenéticas, que por sua vez poupam o organismo do alto custo do contato com a incerteza crônica diante de uma dada situação.

Finalmente, durante a experiência de vida de um sujeito em particular, imerso numa determinada cultura também particular, o mesmo passa a criar a sua própria “cultura pessoal” – sentidos subjetivos que o indivíduo dá ao mundo que vivencia (Valsiner, 2012). O sujeito passa assim a criar quadros semióticos relativamente estáveis sobre como funciona o mundo, que se estabelecem através da recorrência de experiências, da eficiência em conformar um sistema de orientação adaptativo para o organismo, e da generalização para novos contextos. Este sistema de orientação de ordem semiótica é chamado de nível ontogenético da experiência e permite categorizar e organizar hierarquicamente a experiência afetiva do indivíduo quando diante da incerteza do aqui–agora, regulando o seu contato com o mundo – tendo como referencial matriz as significações culturais coletivas da cultura onde o sujeito está imerso e a cultura pessoal do mesmo (Valsiner, 2012; Zittoun, 2012)

Assim, enquanto um exemplo caricatural, podemos imaginar um adolescente ocidental típico, de atitude rebelde, pouco comprometido com a organização dos seus horários e com o regimento do seu comportamento, que ainda encontra-se matriculado em uma escola tradicional de currículo religioso, com regras estritas e explícitas sobre como os estudantes devem se comportar – o que, à primeira vista, é um encontro logicamente paradoxal. Devemos contudo entender que a cultura dessa escola faz parte da determinação dos comportamentos do jovem, enquanto nível mesogenético da sua experiência – mesmo que a relação do jovem com tais sugestões sociais vindas da escola se expresse em forma de negação dos costumes prescritos. A resposta específica desse jovem, quando defrontado com um evento particular (p.ex. ignorar o comando de um professor que ordenava–lhe que se sentasse de modo adequado na cadeira), ocorre no momento inédito e imprevisível do aqui–agora (nível microgenético), porém segundo uma tendência específica de dar significado e relacionar–se com ordens vindas de autoridades (nível mesogenético), construída em sua história de vida (nível ontogenético).

Ao entrar em contato com as sugestões de uma cultura, dois processos seriam acionados no organismo: a internalização e a externalização (Valsiner, 2012; Zittoun, 2012). Ambos os processos são caracterizados enquanto construtivos, no sentido de que a sua ocorrência sempre é acompanhada por inovações em relação ao material semiótico antecedente. Assim, ao ocorrer a experiência mesogenética, o material semiótico externo é analisado, a partir da estrutura semiótica da cultura pessoal do sujeito, e uma nova síntese dos seus conteúdos é formada, fruto desta negociação em particular. Da mesma forma, quando da experiência de externalização, os conteúdos pessoais–culturais intrapsicológicos são analisados e externados em resposta a alguma estimulação, levando ao ambiente externo uma nova síntese de material semiótico. Para descrever tal processo, Valsiner (2012, p. 288) desenvolveu um modelo de três círculos concêntricos, um englobando o outro – formando as camadas I, II e III da organização da experiência do indivíduo em relação com o mundo (ver figura abaixo).

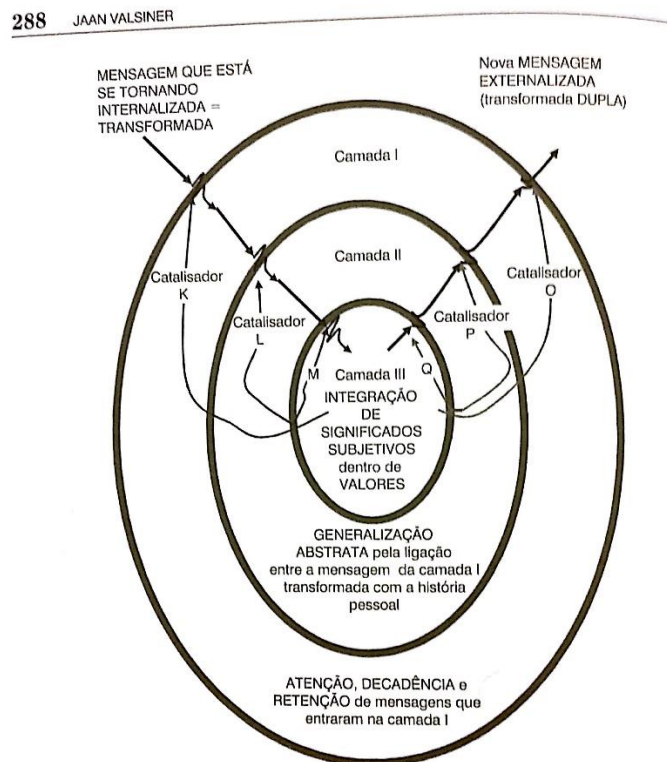


Figura 7.10 O modelo em lâminas do processo de internalização/externalização.

No entorno da camada I (mais externa) encontra-se a fronteira da cultura pessoal do indivíduo com a cultura coletiva. As informações que penetram esta camada permanecem no domínio da atenção do sujeito, mas não são de especial relevância subjetiva, a ponto de provocar alterações na organização afetivo–semiótica. Na camada II, mais profunda do que a primeira, estão racionalizações sobre os diversos objetos e situações do mundo, de forma

generalizada e impessoal – contudo sem proeminência de conotações afetivas intensas. Já na camada III, “protegida” pelas duas camadas anteriores, encontram-se os discursos carregados de componentes afetivos, relativos ao “núcleo do eu” (Valsiner, 2012).

Valsiner (2012) declara que neste núcleo estão os conteúdos afetivos mais estruturantes da relação do sujeito com o mundo, marcos ontogenéticos direcionadores dos atos de significação imediatos do sujeito, e conseqüentemente determinantes na forma deste relacionar-se com o mundo. Segundo o autor, tais conteúdos encontram-se no nível mais alto de abstração, sendo semioticamente mediados, todavia inacessíveis ao relato verbal – compondo o que denomina “campos afetivos hipergeneralizados”. Utiliza, enquanto exemplo descritivo, o conceito de “valores”, enquanto um objeto complexo e difícil de ser descrito verbalmente, mas que tem existência reconhecida e funciona enquanto um “ímã” no relacionamento do sujeito com o mundo, direcionando a forma como o sujeito percebe, sente e age diante das mais diversas estimulações. Estes campos hipergeneralizados são ontogeneticamente internalizados, e retroagem ao guiar os processos relacionais microgenéticos do indivíduo, canalizando a experiência afetiva no contato do indivíduo com o ambiente imediato.

Considerando o evento da separação conjugal enquanto foco deste estudo, compreende-se tal acontecimento na lógica descrita até então. Diante de tal evento, um sujeito irá realizar atos de significação a partir da sua cultura pessoal, tendo enquanto matriz semiótica para construção dos seus sentidos as sugestões sociais de sua cultura sobre o tema – atualizadas nos diversos signos relacionados à separação conjugal com que o sujeito depara-se durante esta transição. Contudo, é muito importante considerar que a separação conjugal até pouco tempo atrás era um evento considerado não normativo na cultura brasileira – inclusive muitas vezes coletivamente significado enquanto um evento socialmente indesejado, dada a importância valorativa da manutenção da estrutura familiar nessa sociedade. Os dados sociodemográficos mais atuais publicados pelo IBGE (2012) sobre a separação conjugal, entretanto, sinalizam que esta passa a tornar-se cada vez mais comum – o que sinaliza possíveis mudanças nos significados culturais atribuídos a tal evento. É válido então observar com atenção como ocorre o processo de construção de significados de sujeitos diante de tal evento, neste particular momento histórico brasileiro.

Zittoun (2012) explora a ocorrência de acontecimentos que provocam mudanças nas diversas esferas de vida do ser humano. A tais eventos denomina transições, categorizando-as

em transitivas ou intransitivas. O critério utilizado pela autora em tal discriminação conceitual baseia-se na constatação de que algumas transições acarretam mudanças estruturais na forma do indivíduo significar e relacionar-se com o mundo, enquanto outras não causam efeito qualitativo tão profundo. Assim, por exemplo, quando num contexto escolar um jovem avança de uma série para outra, geralmente ocorre uma transição transitiva – mudanças ocorrem na vida do indivíduo, mas não necessariamente o modo como ele relaciona-se com a escola, com os colegas ou com os afetos envolvidos sofrerão mudanças estruturais. O mesmo pode não ocorrer quando este jovem deixa a escola em que sempre estudou e é transferido para uma nova instituição, numa outra cidade, com uma cultura acadêmica distinta daquela em que fora educado. Para adaptar-se a esta nova situação, o jovem pode ter que reorganizar o seu núcleo afetivo-semiótico, passando a emitir novos e inéditos atos de significação (transição intransitiva).

A autora também salienta que, de modo geral, as mudanças transitivas são fatos geralmente normativos, socialmente esperados, que assim sendo contam com discursos sociais sobre como se deve agir e o que historicamente se espera que possa acontecer. Já no caso das mudanças intransitivas (denominadas rupturas) o mesmo geralmente não ocorre. Neste tipo de situação, geralmente não há muito suporte mesogenético para as exigências de mudança vindas do ambiente, e a experiência microgenética, sem suporte semiótico suficiente, provavelmente torna-se emocionalmente mais intensa e exigente em custos afetivos.

Neste estudo, é hipotetizado que a separação conjugal, enquanto fenômeno que aos poucos vem ganhando status social de normatividade, ocorre enquanto uma ruptura no ciclo de vida dos sujeitos que a experimentam. É provável que sujeitos que passam por esta transição vivenciem um processo de reorganização afetivo-semiótica, visto que possivelmente diversas das suas esferas de vida sejam afetadas – p.ex. mudanças na moradia; na frequência e qualidade da relação com os filhos; na relação com a ex-conjuge e com a rede de apoio; na administração financeira; e também, possíveis mudanças na relação com os próprios afetos, cognições e comportamentos. Há neste estudo alinhamento teórico com Zittoun (2012), ao assumir-se que rupturas ocorridas num determinado ponto do ciclo de vida influenciam sobremaneira os caminhos desenvolvimentais futuros do indivíduo e daqueles que participam das suas esferas de vida – possivelmente alterando a seletividade da percepção ambiental, o desenvolvimento de repertórios comportamentais, as condições gerais de saúde física e mental, dentre outros.

3. Justificativa

Diante da escassez de estudos qualitativos relacionados à compreensão da vivência da paternidade na conjuntura sócio histórica atual, marcada por mudanças nos significados relacionados a “ser pai”, esse estudo justifica-se por buscar compreender as possíveis formas de significar a experiência de paternidade após a separação conjugal. A exploração qualitativa do tema pode ser útil ao apontar possíveis variáveis envolvidas neste fenômeno ainda pouco compreendido, possibilitando um conhecimento aprofundado e servindo de referência para novos estudos sobre a paternidade e a separação conjugal (contribuindo para o campo da Psicologia do Desenvolvimento), além de poder referenciar a atuação de profissionais que lidam com o evento da separação conjugal (como os do direito, da assistência social, e da psicologia).

A compreensão de como se dá a construção da paternidade por tais sujeitos é um assunto extremamente atual e útil, dado o zeitgeist brasileiro contemporâneo, marcado pelo crescente interesse científico e jurídico sobre o tema. Há poucos anos foi sancionada a lei que dispõe sobre a guarda compartilhada (BRASIL, 2014), numa postura inovadora, tendente ao reconhecimento do papel paterno sobre o desenvolvimento dos filhos, situando-o enquanto um personagem singular, portador de direitos e deveres. A compreensão da forma que a paternidade vem sendo significada e exercida irá possibilitar abordagens jurídicas próximas dos sentidos dados à experiência cotidiana de sujeitos que vivenciam um fenômeno histórica e culturalmente situado. O estudo também pretende disseminar discursos sociais sobre como está sendo construída a identidade social do pai contemporâneo, aumentando as fronteiras semióticas para sujeitos que passam por esta transição, facilitando o seu processo de subjetivação num momento histórico apontado pela literatura como marcado por fronteiras difusas sobre este papel.

4. Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo deste estudo será descrever o processo de construção de significados de paternidade para pais que passaram por separação conjugal, utilizando-se para tal da perspectiva teórica da Psicologia Cultural de Orientação Semiótica.

Objetivos específicos

1. Descrever quais as emoções e sentimentos descritos pelos pais, relativos à experiência de paternidade anterior e posterior à separação conjugal;
2. Descrever quais os pensamentos descritos pelos pais, relativos à experiência da paternidade anterior e posterior à separação conjugal;
3. Descrever quais direcionamento de ação os pais relatam tomar diante dos sentimentos e pensamentos com relação a sua paternidade anterior e posterior à separação conjugal;
4. Descrever quais discursos sociais embasam o processo de construção de identidade dos sujeitos;
5. Verificar possíveis convergências e divergências entre os sentimentos, pensamentos e ações relatadas pelos pais, relativas às suas experiências de paternidade anterior e posterior à separação conjugal;

Capítulo 2

METODOLOGIA

Para realizar a presente investigação, tendo como referencial teórico a Psicologia Cultural de Orientação Semiótica, foi utilizada uma abordagem qualitativa, a partir de entrevistas narrativas.

Na situação de comunicação, os participantes entraram em contato com estimulações verbais e não verbais, e passaram a utilizarem-se de signos para representar a sua experiência e perspectivas diante do objeto em discussão. No instante da comunicação, situado no nível microgenético da experiência, os sujeitos passaram pelos processos de internalização e externalização – resultantes da estimulação ambiental realizada pelo entrevistador, em relação com a organização semiótica ontogenética do sujeito, que passou a negociar significados e se expressar de modo único, fornecendo ao pesquisador o material de análise (Valsiner, 2012).

Sabendo que a cultura coletiva (aqui entendida enquanto conjunto de signos construídos historicamente sobre os objetos e situações do mundo) fornece possibilidades de canalização da experiência afetiva aos indivíduos, ela constitui-se enquanto a matriz através da qual as culturas pessoais/subjetivas são construídas. A cultura coletiva está presente tanto no processo de socialização inicial infantil, como nas experiências microgenéticas cotidianas de qualquer sujeito, constituindo o nível mesogenético da experiência – principalmente quando o indivíduo é confrontado com situações para as quais não possui um repertório bem desenvolvido. A narrativa do sujeito é então entendida enquanto elaborada a partir de signos culturalmente compartilhados e ontogeneticamente internalizados em estruturas semióticas singulares (a cultura pessoal do sujeito), quando do contato com os signos apresentados pelo entrevistador.

No momento da entrevista, o entrevistador defrontou os participantes com perguntas-estímulo, colocando-os em contato semiótico com algumas das possíveis situações que fazem parte dos seus cotidianos e que lhes demandam posicionamentos – possibilitando, no momento da conversação, a construção de significados como fruto da negociação entre os significados das experiências vividas pelos pais e os signos/situações apresentados pelo entrevistador, em forma de perguntas. No momento de expressão, o sujeito se relacionou com os signos-estímulo enquanto objetos/situações representativos de outros objetos/situações, por sua vez repletos de significados e carregados da afetividade condicionada à relação com aquele objeto/situação original. Em resposta, dispositivos adaptativos do organismo emergiram – reações afetivas,

cognitivas e comportamentais (aproximações e distanciamentos dos signos apresentados) –, passando o sujeito a atribuir, naquele singular instante, significados aos temas debatidos.

Assim, o ato de narrar e o seu produto (a narrativa) constituem o material bruto para a posterior análise e compreensão dos processos de construção de significados, possibilitando ao investigador o contato com indícios dos níveis microgenético, mesogenético e ontogenético da experiência. Este tipo de análise qualitativa mostra-se coerente com a lacuna de pesquisa apontada pela literatura, constituída proeminentemente por estudos quantitativos correlacionais.

2.1. Participantes

Quatro indivíduos participaram do presente estudo. Visando uma exploração dos diferentes formatos que a paternidade contemporânea pode assumir, após a separação conjugal, foram entrevistados 04 sujeitos, representantes de paternidades forjadas em contextos diversos.

Um dos critérios para a escolha dos participantes é que os mesmos tenham passado pela separação conjugal enquanto evento inédito, tendo assim construído os seus significados após esta ruptura contando com o mínimo de suporte de experiências anteriores possível – considerando também a escassez de discursos sociais disponíveis a respeito do “novo pai”, apontada pela literatura revisada. O objetivo na escolha deste critério foi o de que ele conduza à produção de narrativas dotadas de proeminente subjetividade, em seus significados.

Todos os pais entrevistados conviviam em família com a ex-cônjuge e o(s) filho(s) anteriormente à separação conjugal, o que possibilita a verificação de possíveis alterações qualitativas no significado de paternidade consequentes ao processo de ruptura instaurado pelo evento.

Alguns autores investigados utilizaram o período de três anos após a separação conjugal enquanto critério para a transição para um novo ajustamento qualitativo da vida (Arendt, Smeha & Souza, 2012; Grzybowski & Wagner, 2010; Féres-Carneiro, 2003; Morrison & Cherlin, 1995). Deste modo, entrevistar sujeitos (02) que já teriam passado pelo processo de transição imposto pela separação conjugal, e que supostamente já teriam consolidados os seus significados a respeito da sua nova situação enquanto pais, possibilitou a observação dos caminhos semióticos construídos por pais caracterizados enquanto provavelmente mais estáveis e ontogeneticamente integrados em suas estruturas semióticas. Por outro lado, entrevistar

sujeitos (02) que estavam, ao momento mesmo da entrevista, vivenciando esta transição, permite também ter acesso privilegiado às negociações de sentido em operação no organismo dos participantes.

Escolher pais de diferentes idades e classes sociais, ao momento da entrevista, permite verificar possíveis convergências e divergências na construção de significados entre sujeitos de diferentes gerações e locus sociais – assim como ter indicativos dos discursos mesogenéticos que embasam os seus caminhos semióticos.

Seguindo a intenção exploratória do estudo, um dos participantes coabita com seus filhos, enquanto os outros quatro não moram com os mesmos. Entrevistar sujeitos nestas condições possibilita observar as possíveis diferenças desses pais em suas dimensões de vida (trabalho; lazer; relacionamento com filhos; vida social; espiritualidade; relacionamento conjugal).

Dois dos participantes do estudo são recasados – o que também constitui um contexto diferente de se vivenciar a paternidade após a separação conjugal – visto que ao constituir nova família, novas demandas e responsabilidades advindas da nova vida familiar podem entrar em concorrência com a paternidade anterior.

Dada a transição histórica pela qual passa a nação brasileira no tocante à criação de filhos que passaram pela separação conjugal, expressa na Lei 13.058/2014, espera-se que dentre os sujeitos encontrem-se pais que vivenciam a guarda compartilhada. Estes sujeitos apresentam a particularidade de que, diante da ruptura expressa na separação conjugal, significaram tal evento de modo que, por alguma razão, decidiram por serem participantes ativos nas responsabilidades inerentes ao desenvolvimento dos seus filhos – assumindo expressamente tal compromisso diante da instituição judiciária. A escassa literatura sobre o tema investigado neste trabalho relata que os pais contemporâneos que passam pela separação conjugal, apesar de apresentarem novos significados diante das suas paternidades, geralmente optam por não compartilharem a guarda – informação que alimenta a curiosidade a respeito de pais que escolhem o caminho oposto.

Abaixo será feita uma breve descrição dos participantes deste estudo.

a) Bartolomeu

Bartolomeu é um pai de 60 anos, pai de três filhos – sendo dois biológicos, concebidos em casamentos distintos, e outro sendo filho de uma das ex-cônjuges, assumido enquanto filho. O primeiro filho (Lúcio), que vivenciou a primeira separação conjugal, atualmente

possui 34 anos. A separação ocorreu há 34 anos – quando ele tinha 26 anos, e o filho tinha 09 anos. Possui nível superior, está atualmente desempregado e é recasado, morando com a atual esposa. Após a separação conjugal, a guarda do filho ficou com a então cônjuge – não havendo à época intenção de obter a guarda.

b) Romário

Romário é um pai de 45 anos, pai de uma filha de 05 anos. A separação conjugal ocorreu há 04 anos – quando ele tinha 41 anos, e a filha tinha 01 ano. Possui nível superior, está empregado e é recasado, morando com a atual esposa. Após a separação conjugal, a guarda da filha não foi judicialmente definida – sendo que a criança mora na casa da mãe. Romário declara intenção de obter a guarda compartilhada.

c) Davi

Davi é um pai de 39 anos, pai de um garoto de 07 anos. A separação conjugal ocorreu há 1,5 anos. Possui nível médio, está empregado e mantém um relacionamento amoroso. Após a separação, foi judicialmente definida a guarda compartilhada – todavia percebida pelo participante enquanto algo sem efeitos práticos. O filho mora com a antiga companheira, e José declara intenção de que o filho coabite com ele, no futuro.

d) José

José é um pai de 38 anos, pai de dois garotos, de 08 anos (Ítalo) e Luan (05 anos). A separação conjugal ocorreu há 01 ano. Possui nível superior, está desempregado e é solteiro. Após a separação, assumiu a guarda dos filhos, com quem coabita.

2.2. Etapas e procedimentos

A primeira etapa foi o recrutamento de participantes para o estudo. Optou-se pela escolha de um método de cadeia de referência para a presente investigação, por tratar-se de um estudo de cunho exploratório, em que visa-se conhecer as particularidades de uma população pouco estudada. Nesse tipo de técnica de amostragem, o próprio participante da pesquisa contribui para além dos dados que fornece na coleta, indicando pessoas da sua rede de contatos que enquadram-se nos critérios da investigação enquanto potenciais participantes (Albuquerque, 2009; Biernaki e Waldorf, 1981).

Considerando que uma possível particularidade da população estudada – indivíduos do sexo masculino – seja a de não ter por hábito compartilhar verbalmente experiências afetivas com os pares, entende-se que um bom rapport, além de eficientes estratégias metodológicas, são elementos fundamentais para a coleta de dados. Nesse sentido, o acionamento da rede social do próprio pesquisador (participantes “sementes”) e dos participantes por estes indicados (participantes “filhos”), possibilitou as chances de se criar um contexto de maior confiança e intimidade durante a entrevista.

Este processo ocorreu através do acionamento de redes sociais físicas e virtuais, sendo anunciada a necessidade de sujeitos dispostos a contribuir com a investigação. Após recrutamento dos potenciais participantes, foi realizado um contato telefônico com cada um deles, visando explicar sobre o que se tratava a investigação, e o envio virtual de um resumo sobre a pesquisa.

Com a aceitação do participante em integrar o estudo, e estando ele dentro dos critérios de participação estabelecidos, foi então agendado o momento e local da entrevista – ocorrida sempre em um espaço da conveniência do entrevistado.

Ao momento da entrevista, o investigador se apresentou e estabeleceu o rapport, agradecendo a participação no estudo, falando sobre a pesquisa e os procedimentos éticos, e então iniciando o trabalho investigativo, demonstrando todo o tempo interesse e cuidado pela história do sujeito. Os áudios das entrevistas foram gravados, a fim de realização da transcrição e posterior análise de dados.

A manutenção de uma atitude não julgadora e de expresso interesse pelas vivências do sujeito, por outro lado, proporcionou um ambiente propício à livre expressão dos participantes.

2.3. Instrumento e recursos

A entrevista narrativa possui, em sua estrutura, uma pergunta disparadora, e enquanto referência para o entrevistador, um roteiro-base de temas evocativos através dos quais os sujeitos possam implicar-se em seus discursos e descrever suas experiências particulares enquanto pais, expondo seus sentimentos, pensamentos e ações/tendências (Anexo I). Em tal roteiro constam os seguintes temas disparadores apontados pela literatura enquanto relevantes à condição de pai separado: a paternidade anterior e posterior à separação; a relação com os filhos; a relação com a mãe da criança; aspectos de inserção socioculturais, como atividade

profissional, social e afetiva, e se a paternidade interfere nas demais; experiências pessoais avaliadas como mais significativas na experiência de paternidade.

Um gravador de áudio foi utilizado para o registro das entrevistas; foi também entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II), os informando e assegurando todas as informações e medidas de segurança acerca do estudo.

2.4. Procedimentos para a análise de dados

A análise de dados foi orientada a partir da proposta de análise narrativas proposta por Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998), na perspectiva conteúdo-categorial. Os materiais de áudio foram transcritos, e num segundo momento, foram realizadas sinopses de cada entrevista, tendo como critério para seleção dos fragmentos relevantes e construção desse subtexto o problema de pesquisa. Foram então construídas categorias de conteúdo definidas com base nos objetivos de pesquisa (fragmentos representativos das experiências dos sujeitos quanto a sentimentos, pensamentos, e ações), classificando os subtextos de acordo com tais classes de sentido.

Objetiva-se identificar, nas narrativas dos participantes, indicativos da experiência nos níveis microgenético, mesogenético e ontogenético. Espera-se compreender quais são os processos semióticos derivados da cultura coletiva em que o indivíduo está inserido, assim como quais processos semióticos individuais (culturas pessoais) foram desenvolvidos a partir daqueles – a partir dos indícios de sentimentos, pensamentos e ações observados nas narrativas dos participantes.

Tomando a experiência semiótica enquanto reguladora do feto humano, no contato com o mundo e os signos que o representam, espera-se compreender quais experiências afetivas surgem nas narrativas dos participantes, e quais os direcionamentos afetivo-semióticos os pais estão seguindo em contato com a situação da paternidade após o divórcio.

Capítulo 3

RESULTADOS

Nesta sessão serão expostos o resultado da análise da narrativa de cada um dos participantes, tendo como referência para a organização do texto a temporalidade da experiência de paternidade (tendo como evento central a separação conjugal) e os grupos temáticos trabalhados na entrevista – tanto os sugeridos pela literatura, quanto aqueles que mobilizaram afetivamente os participantes, enquanto narravam as suas vivências. Estando em sintonia com os objetivos da pesquisa, em cada grupo temático foram buscados os indicativos de sentimentos, pensamentos e ações, situando-os nos três níveis da experiência descritos por Valsiner (2012). A partir da análise das narrativas dos participantes, o entrevistador também atribuiu nomes representativos dos signos que entendeu serem orientadores do sentir, pensar e agir dos participantes em relação com seus mundos.

1. BARTOLOMEU

Contexto da entrevista: Bartolomeu foi contatado através de uma familiar, que por sua vez faz parte da rede social do entrevistador. Agendamos então um encontro na casa dessa pessoa. Bartolomeu mostrou-se bastante solícito e aberto à conversação. Apresentava uma atitude bem humorada e estabilidade no tônus emocional durante todo o tempo da entrevista.

A entrevista se deu a respeito da paternidade anterior e posterior à primeira experiência de separação conjugal de Bartolomeu, ocorrida há trinta e cinco anos. À época da separação, ele tinha 36 anos, estava casado há dez anos, e o seu filho, Lúcio, tinha 9 anos. Atualmente ele mora com uma companheira numa cidade do interior da Bahia.

Resposta à pergunta disparadora

Bartolomeu inicia a sua narrativa pela história do seu casamento, em resposta à pergunta disparadora feita pelo entrevistador. Este pai logo situa-se enquanto vindo de uma família que percebe como “extremamente católica”, à qual espontaneamente refere-se quando passa a falar sobre a temática do casamento. Bartolomeu destaca a *percepção* de que para si, casar-se àquela época cumpria mais a função de satisfazer a expectativa que percebia nos pais quanto a este gesto do que propriamente por desejo pessoal ou vinculação religiosa. Descreve que naquele

momento ele estava mais espontaneamente *interessado pela dimensão profissional* de sua vida do que com questões religiosas.

“(...) A gente foi criado numa família católica, de nove filhos, né... extremamente católicos, né, meu pai e minha mãe (...) então, você tem... o casamento é sagrado, não pode separar... é um vínculo insolúvel... essa forma que fomos criados (...) então a gente olha a religião como uma coisa que os pais querem que a gente faça (...) então se eu penso em casar, eu tenho que casar na igreja, e por aí vai toda a coisa... mas o foco da gente é profissão, eu tô pensando na engenharia, tô estudando... mas eu faço aquilo pra eles pra eles ficarem satisfeitos comigo, não porque eu creio naquilo (...)”

Em sua narrativa, Bartolomeu enquadra semioticamente “*Casamento*” de forma simétrica em relação a signos como “*Família (pais)*”, “*Religiosidade/Sacralidade*”, e “*Obrigaçãõ*”. Há indicativos da presença de um forte compromisso afetivo na relação com o signo “*Família*”, de tal forma que este pai relata uma tendência à ação (efetivada) de mover-se em direção ao casamento, mesmo que este não seja um signo que de modo intrínseco lhe mobilize afetivamente.

Em seguida, Bartolomeu narra (brevemente) a consecução do seu casamento e o contexto do nascimento do primeiro filho, passando então a engajar-se na descrição da sua *percepção* sobre as razões do término do seu casamento – movimento que será proeminente em sua narrativa.

“(...) não tinha assim uma coisa planejada... nem estruturada pra ter filho... mas também não houve preocupação de evitar, então foi o primeiro, logo depois do casamento... então a gente casou, namoramos cinco anos... e tivemos o Lúcio, é o mais velho, tá com 34 anos (...) mas aí tem outra historia, você vai vivendo e aí... existe essa confusão toda de religião... e que o casamento vai pra uma direção e os conceitos religiosos pra outro (...)”

PATERNIDADE E TRAJETÓRIA DE VIDA

ANTES DA PATERNIDADE

Percepção de Paternidade

De acordo com o trecho anteriormente exposto, Bartolomeu descreve que se encontrava num momento de vida em que estava voltado para a dimensão profissional. Ele destaca que à época do casamento, não tinha planos definidos de ter um filho, e nem percebia-se com estrutura adequada para esta situação – salientando porém que ele e a então companheira também não investiram energia em evitar uma possível gestação. É possível assim aventar a possibilidade de que o signo “*Paternidade*” pudesse fazer parte da estrutura semiótica do participante antes dele saber que seria pai – todavia provavelmente com pouca intensidade afetiva.

“Vou ser pai”

Durante o seu relato, enquanto fala sobre a chegada do primeiro filho, Bartolomeu destaca sua *percepção* sobre o evento, havendo indicativos de atitude de aceitação diante da condição de tornar-se pai.

PATERNIDADE ANTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

Sentindo-se pai

Bartolomeu destaca o processo gradual de passar a sentir-se pai:

“(…) É uma experiência muito única, né... você ter um filho, desde o momento que nasceu, você ...espera os nove meses tudo certinho lá, e aí... nasceu... pronto... você não acredita muito bem, né... então todo dia é uma experiência nova... e você vai se encantando com aquela criaturinha que vai crescendo, então você fica apaixonado pelo filho... e vai passando cada dia melhor (...)”

Este pai destaca a sua *percepção* de que, desde a gestação, já havia um movimento de expectativa quanto ao nascimento do filho. Todavia, declara que passou a “se encantar” enquanto pai a partir das vivências diárias, caracterizadas enquanto inusitadas.

Desafios

Não há, na narrativa de Bartolomeu, muitas seleções de relatos de experiências vividas junto ao filho anteriormente à separação conjugal, especialmente aquelas que conotam ou denotam mobilização afetiva – não sendo provavelmente algo do perfil deste pai expressar verbalmente as emoções contingentes às situações vividas. Entretanto, alguns trechos da sua

narrativa deixam indicativos de experiências que podem ter sido vividas no contexto de “desafio”:

“(...) então a relação é maravilhosa, eu acho que preenche qualquer coisa do passado, dificuldades... é um presente diário que você tem, né...quando adoece é uma loucura, tem desidratação, vai pra clínica, você perde noite de sono... mas dois dias depois você nem lembra... você conta isso na outra semana, você conta isso já vazio, passou (...)”

No relato acima, Bartolomeu narra sua *percepção* qualitativa a respeito do que é ser pai, destacando também a existência de dificuldades, exemplificando aquelas contingentes a ter que lidar com questões médicas do filho – que trazem como consequência ter que lidar com prejuízos ao próprio repouso noturno. O participante descreve então a sua *percepção* de que algo acontece nesta experiência de pai a ponto de o custo pessoal ser ignorado, pouco tempo após o evento “desafiador” ter sido vivido. Há indicativos de que o signo “*Ser pai*” encontrava-se mais elevado na hierarquia semiótica do que o signo “*Autocuidado/Satisfação Pessoal*”, a ponto de alterar a forma como um evento que poderia ser percebido enquanto custoso pessoalmente (em termos de investimento de tempo e energia) poder ser significado.

Outra situação destacada enquanto desafio relaciona-se com o possível movimento de autocontrole, quanto a desavenças conjugais, diante da presença do filho. Há indicativos, nesta situação, da atividade do signo regulador “*Saúde/Bem estar (do filho)*” atuando no sentido de tornar a presença do garoto um signo inibidor de manifestações de contrariedades, por parte dos pais.

Lazer/entretenimento

A narrativa de Bartolomeu contempla esta dimensão apenas quando este passa a descrever experiências que teve com o filho posteriormente à separação conjugal. Pensando no contato pai-filho anterior à separação, é interessante observar um dos trechos em que Bartolomeu declara a sua *percepção* do impacto da separação sobre a convivência dele com o filho:

“(...) e eu não acho que ele vai perder isso não, a gente vai estar sempre com ele... eu viajava muito... depois da separação eu acabei convivendo mais com ele do que antes, que eu viajava muito, né... continuei viajando muito, as vezes viajava com ele, quando a viagem era uma coisa assim, de carro, ele ia comigo... quando tava de férias, conhecia

um pouco do meu trabalho... ele foi umas duas vezes, gostou, e não quis mais... não é a dele ne... mas ele gostou, a gente conversava mais... conversando e se entendendo, a coisa vai (...)"

É interessante salientar a *percepção* de Bartolomeu quanto ao fato de que ele passou a conviver mais com o filho após separar-se da então mulher – considerando ainda que Lúcio não morava com ele. Este pai busca justificar esta *percepção* remetendo ao fato de que antes da separação ele costumava viajar muito – afirmando porém que esta realidade não foi modificada posteriormente à separação, destacando todavia que o garoto passou a acompanhá-lo mais em suas viagens, e eles passaram a conversar mais nestas ocasiões. A partir deste relato, podemos aventar a possibilidade de que a situação de separação conjugal modificou algum elemento no enquadramento semiótico da relação pai-filho, a ponto de oportunizar a até então bloqueada situação de filho e pai viajarem juntos e conversarem mais.

Impactos ontogenéticos

Não há muitos relatos específicos, na narrativa de Bartolomeu, sobre a existência ou não de alterações em seus hábitos e rotina, após a chegada do filho. Quanto aos primeiros anos de vida, este pai destaca uma de suas percepções sobre os impactos de situações de adoecimento do filho em que a rotina dele é afetada:

"(...) quando adoecer pe uma loucura, tem desidratação, vai pra clinica, vc perde noite de sono... mas dois dias depois vc nem lembra... vc conta isso na outra semana, vc conta isso já vazio, passou (...)"

Num outro trecho, Bartolomeu relata sua *percepção* da ausência da então cônjuge em sua vida, devido ao engajamento dela em outras atividades. Neste contexto, ele relata que frequentava bares na companhia de amigos, havendo então a possibilidade de que este pai dedicava parte do seu tempo ao seu entretenimento pessoal. Destaca ainda que quando da situação de a então cônjuge estar viajando, havia a possibilidade do filho do casal ficar na casa da avó materna. Não há na narrativa, entretanto, elementos que possam atestar se disponibilizar tempo para entretenimento e vida social já fazia parte da rotina de Bartolomeu anteriormente à chegada do filho, não sendo possível apontar isto como um impacto ontogenético ocasionado pela parentalidade.

"Então nisso eu fui ficando muito só... então, eu sozinho, na turma, eu gostava muito da galera, aqui, dos colegas, cervejinha, no barzinho... você acaba se envolvendo com alguém... é tempo demais... mas o

desgaste da relação foi pela ausência dela em minha vida... presente na vida de Lúcio 100%... mas com esses eventos Lúcio fica com a mãe dela e pronto... ou comigo, e... ela vai pra tudo, ne.. Sonho dela: viajar o mundo todo... eu não quero sair do Brasil”

A SEPARAÇÃO CONJUGAL

É notória a observação de que, a despeito de durante a entrevista serem abordadas as diversas dimensões relacionadas à vivência da paternidade posterior à separação conjugal, a narrativa de Bartolomeu, desde o início, destaca-se pela predominância de relatos sobre a vivência da separação propriamente dita (para além do seu impacto sob a paternidade), e sobre as decorrências desta em sua vida. Há indícios de que até o momento da entrevista havia significativo envolvimento emocional com o tema da separação conjugal, visto que grande parte das falas espontâneas de Bartolomeu estavam relacionadas a este evento. Deste modo, durante a situação de entrevista, o participante engajou-se em descrever os eventos que conduziram à separação conjugal com riqueza de detalhes – sendo significativo o movimento do sujeito em apresentar diversas justificativas para esta ter ocorrido, tanto em relatos de conversações com personagens de sua história, quanto na relação com o entrevistador, no momento mesmo da entrevista.

“Eu acho, Paulo, que se eu tivesse essa paixão intensa, pela primeira... ia ser... ia ser uma separação muito complicada (...)”

“Mas aí tem outra história, você vai vivendo e aí... existe essa confusão toda de religião... e que o casamento vai pra uma direção e os conceitos religiosos pra outro (...) 4 anos de discussão diária sobre isso, até que cansamos de tanto discutir e não chegar a solução nenhuma a não ser separar (...)”

Seguindo esta direção narrativa, diversos são os momentos em que Bartolomeu destaca os impactos que a separação conjugal trouxe para a sua vida familiar, social e laboral. Assim, diante da forma que percebia como a família e a cultura de forma geral significavam o evento da separação conjugal, Bartolomeu decidiu por afastar-se do seu núcleo familiar, dos amigos, e até da cidade em que morava – aproveitando o surgimento de uma oportunidade laboral.

“E aí foi quando eu comecei a me incomodar... eu andava nos mesmos locais, os mesmos amigos, família dela (...) ai começa a ficar chato algumas situações, ne... de perguntas, e pessoas, e não devia ter separado (...) aí foi ficando meio chato morar em Salvador,

né... eu já queria ir embora mesmo.. foi quando fui pra Arembepe, tinha uma obra lá, a firma que eu trabalhava alugou uma casa lá, e eu gostei, de estar só... e de Arembepe foi pra Dias D´ávila, quando a obra andou pra lá, outra casa em Dias D´ávila, e lá eu fiquei... fiquei lá bastante tempo (...)"

Através da leitura da narrativa deste pai, cabe uma consideração: ficam claros quais percepções/pensamentos, quais sentimentos e quais ações foram tomadas diante do evento percebido. É importante considerar que cada sujeito percebe, sente e se comporta de modo subjetivo quando em contato com os objetos e situações do mundo – não podendo entender-se a resposta de afastamento de Bartolomeu enquanto indicativo absoluto da força do signo “separação conjugal” na cultura e momento histórico daquela época. Todavia, não se pode ignorar que o fato dele ter se afastado dos amigos, e principalmente da família (um signo que é notoriamente repetido durante a narrativa e provavelmente carregado de afeto e importância) denote como este sentiu-se pressionado e julgado quando em relação com este signo, quando em conversações com as pessoas de seu meio social. Talvez outros sujeitos teriam demonstrado outras respostas ao mesmo signo; porém, a magnitude da reação deste pai aqui descrito demonstra indícios de como a cultura, àquela época, relacionava-se com o evento da separação conjugal. Outras percepções do sujeito, a respeito da reação da sua ex-cônjuge sobre o evento, corroboram esta hipótese.

“(...) então depois de um tempo fui entendendo que ela achava ruim ser uma mulher separada, mas não achava ruim se separar de mim... é diferente... então ela queria uma imagem... manter a aparência... isso que interessava... ela não queria ser desquitada... sofria por isso (...)"

Outro fator provavelmente significativo e contextualmente participativo na motivação de Bartolomeu para a separação conjugal foi a *percepção* e sentimentos de *abandono* que experimentava diante da intensa dedicação da então cônjuge à própria carreira – fato descrito pela literatura enquanto um dos fatores que concorreram para ocasionar mudanças na forma como era significada a paternidade.

“(...) ela fazia coisas... tem uma coisa que eu achava importante, tá... Lúcio vai fazer aniversário, vamos fazer uma festa, convidar todo mundo, fazer aquela brincadeira... se ela tivesse um congresso, ela ia, não tava nem aí, ia pra são Paulo (...) então ela realizava absolutamente todos os eventos da profissão, oftalmologia... aí eram

coisas de muitos plantões, que queria ganhar muito dinheiro, muito (...)"

Assim, notam-se indicativos de mal-estar, por parte de Bartolomeu, enquanto cônjuge, diante da *percepção* de uma companheira que possui maior interesse na vida profissional do que na vida familiar – havendo indicativos de que ele percebia-se mais envolvido com a vida em família do que a esposa.

De acordo com a forma com que relaciona-se com os signos “*Família*” e “*Separação Conjugal*” aqui inferida, é compreensível também a forma com que Bartolomeu lidou com a existência do filho, nesse contexto:

“Eu ia falar uma coisa aqui... do filho... passamos 9 anos com ele... e ele não percebia muito bem que a gente não tava bem... não existia briga e discussão, na frente dele (...)"

“(...) casamos e Lúcio veio um ano depois, e ficamos dez anos de casado, Lúcio nove anos com a gente... e aí ele chorou na separação, quando foi comunicado pra ele... ele não entendeu, porque foi surpresa... ele não foi colocado (...)"

Em sua narrativa, Bartolomeu destaca que diante das desavenças conjugais que vivenciava, havia uma atitude de cuidado para que o filho não notasse esse elemento na vida familiar. Há assim indícios da presença dos signos “*Família*” e “*Saúde/Bem estar (do filho)*” enquanto reguladores do sentir, pensar e agir.

PATERNIDADE POSTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

A guarda

Após a separação conjugal, o filho do casal ficou morando com a mãe – passando a estar com o pai aos finais de semana de 15 em 15 dias – e Bartolomeu mudou-se para outra cidade. Enquanto este pai constrói a sua narrativa, não surgem relatos espontâneos indicativos de desejo ou intenção de moradia com o filho à época da menoridade ou de movimentos neste sentido.

Há um trecho da narrativa do pai (mais abaixo) em que este destaca um acordo entre ele e a ex-cônjuge, em que foi resolvido que ela se responsabilizaria inteiramente pela guarda do filho do casal – retirando este ônus de Bartolomeu. Não surgem, na narrativa de Bartolomeu,

relatos sobre participação em decisões relativas à vida do filho, posteriormente à separação conjugal.

Pensão/Responsabilidades financeiras

Quando fala sobre as responsabilidades financeiras relativas ao custeio das despesas do filho, Bartolomeu destaca que ele e a ex-cônjuge decidiram que ela seria a responsável financeira pelo então garoto, ficando ele desresponsabilizado de contribuir com o custeio do filho enquanto uma obrigação:

“(...) a mãe dele, assumiu, disse: cuida da tua vida que do meu filho cuidado eu... foi a frase dela... inclusive disse isso financeiramente... se quiser dá, se não... desobrigou de pensão (...)”

Mais à frente na narrativa, este pai destaca complicações que enfrentou quando posteriormente a ex-cônjuge decidiu oficializar judicialmente a pensão – havendo indicativos de sentimentos de *surpresa* e de *raiva* diante desta atitude, além da *percepção* de ser injustiçado. Em resposta a esta pressão, Bartolomeu *desenvolve então uma estratégia* visando não ficar refém da obrigação:

“(...) não tem problema com isso não... mas ela disse isso e depois eu acho que ela foi influenciada por alguém, que fez cobrar a pensão judicialmente... na firma que eu trabalhava, recebi a carta de um juiz, depois de uns três, quatro anos da separação... pra fazer um depósito, descontando de folha (...) ai tinha um erro lá, e eles devolveram ao juiz, pra ver lá... aí enquanto isso aconteceu, eu pedi minhas contas lá na firma... então eu disse 30% de zero, é zero... vou pagar zero pra você todo mês (...) sem juiz, eu dou mais do que o que o juiz cobra... agora com juiz eu dou zero... porquê entre a gente não precisava ter uma ação dessas (...) porque se eu tivesse um comportamento, com relação ao filho... de irresponsável... não é... então eu ia entender que ela foi pra justiça contra mim (...) mas eu não to ausente nessa parte...”

Há indicativos, na narrativa, de que este pai arcava financeiramente com as despesas do filho de um modo não regular:

“(...) então como eu pude, da forma que eu pude, que eu casei de novo, tive filho, ela entendia isso, passou a entender... e ela podia, tinha condição de segurar, eu dizia “vai acabar eu te pedindo pensão” (...) eu to dando mais do que qualquer juiz manda, 30%... eu dou 50, 60, de

acordo com minha situação... eu não tenho, não junto dinheiro pra mim (...)"

Num outro trecho, este pai declara que, após a separação, deixou o apartamento que havia comprado, à época da vida conjugal, para o desfrute da ex-cônjuge e do filho:

"(...) eu já tinha comprado um apartamento pra nós, pra ela... ficou pra ela (...)"

A ex-cônjuge

Na narrativa deste pai, "*Ex-cônjuge*" é um signo poucas vezes espontaneamente destacado. Em dois momentos este signo é verbalizado: quando Bartolomeu descreve suas percepções acerca dos motivos da separação conjugal; e quando, mais pra frente na entrevista, relata um momento em que o filho adotou uma atitude de ressentimento para com ele:

"(...) teve um período mais que ele ficou... um tempo balançado, sem me entender direito, né, mais pro lado da mãe (...) defendendo a mãe, não me defendia... uns quinze anos, acho... mas aí o tempo passou, e eu acho que ele me entendeu (...) então eu fico incomodado dessas coisas acontecerem, relacionadas a dinheiro... mas eu disse: "é, eu plantei isso, então vou ter que tratar... ele vai falar isso, vai falar isso outras vezes, pode ser até pior" (...)"

Neste trecho, é interessante observar a reação deste pai quando confrontado com a situação do filho estar atacando-o e defendendo a mãe: Bartolomeu destaca que incomodava-se, e buscava pensar que quando o filho estivesse mais velho/maduro, iria compreendê-lo – o que entendia não ser possível naquele momento. Salienta também que antevia a possibilidade daquela situação desagradável voltar a acontecer, buscando preparar-se emocionalmente.

Alienação Parental

Durante a narrativa de Bartolomeu, não são proeminentes relatos de vivências relativas à alienação parental. Há indícios da existência deste evento, entretanto, em certos pontos da entrevista – todavia, ao que parece, não tendo causado reação de significativo impacto afetivo em Bartolomeu.

“(...) Não, nada de... de grave não... assim de... de ser chato o assunto... quando ele disse algumas frases, eu dizia isso aqui deve ter sido a mãe que falou, comentou (...)”

Rede de Apoio

Bartolomeu descreve a participação de familiares que assumiam um papel de apoio no exercício de sua paternidade, quando ele não podia estar presente com o filho:

“(...) mas também, quando tinha de um não poder, não tinha problema também... ai o outro ficava, entendeu? (...) e quando ninguém podia, ele tinha onde ficar também (...) casa da avó, de um tio, um primo... então a gente queria fazer esse revezamento... ela trabalhava muito, eu também... então fizemos esse revezamento, pra ele conviver com os dois (...)”

Vida Social

Há indicativos suficientes de que a separação conjugal trouxe impactos significativos na vida social deste pai, dado ele ter chegado a se afastar da família, dos amigos, e até a mudar de cidade. Estando afastado do contexto social que frequentava antes da separação, há indicativos de que Bartolomeu passou a viver uma vida independente, voltada principalmente para o trabalho e o entretenimento:

“(...) esse foi o segundo casamento que eu acho interessante... os outros são normais assim em termo de... as coisas serem previsíveis... você namora, fica um tempo... aí separa... ou fica ali um ano, depois fica seis meses... e conhece uma no trabalho, no barzinho... sei lá... eu então morei com oito mulheres... morar em casa... foram oito, ne... então, não quero mais não (...)”

“(...) Num restaurante onde eu almoçava, lá em interior de Pernambuco... ela era garçonete... do restaurante (...) fiquei namorando dela, e gostando muito da experiência, mas sem nenhuma ideia, nem ela... aí saíamos pra jantar, bater papo (...)”

Atual relacionamento amoroso

Atualmente, Bartolomeu está envolvido num relacionamento estável com uma mulher. Ele declara que envolveu-se em oito relacionamentos após separar-se da mãe do seu primeiro filho, chegando a casar-se novamente com uma dessas mulheres.

Relação com o filho

Como relatado anteriormente, Bartolomeu mudou-se de cidade, após a separação conjugal, passando a ver o filho quinzenalmente, aos finais de semana. Apesar do aumento da separação física e redução do tempo de convivência, este pai destaca sua *percepção* sobre ter passado a conviver mais e a ter mais conversas com o garoto:

“(...) depois da separação eu acabei convivendo mais com ele do que antes (...) a gente conversava mais... conversando e se entendendo (...)”

Deste modo, é válido considerar a existência de algum elemento contingente à separação conjugal, que passa a regular a relação pai-filho, potencializando-a.

Contato com filho após a separação conjugal

As falas de Bartolomeu que denotam o contato físico com o filho ocorrem num enquadramento em que ele viaja a trabalho e o filho acompanha-o

“(...) eu viajava muito... depois da separação eu acabei convivendo mais com ele do que antes, que eu viajava muito, né... continuei viajando muito, as vezes viajava com ele, quando a viagem era uma coisa assim, de carro, ele ia comigo... quando tava de férias, conhecia um pouco do meu trabalho (...)”

Bartolomeu relata ter feito movimentos no sentido de entrelaçar as suas responsabilidades laborais com o cuidar da relação com o filho. No trecho abaixo, ele descreve uma viagem que fizeram juntos:

“(...) ele tava de férias, ele foi comigo... e eu tinha uma viagem pra Maceió, de carro... e era pro meio do canavial, trabalhar com dutos da Petrobrás... e eu acabei ficando lá sozinho no meio do canavial, fazendo a instalação elétrica (...) aí ele começou a ficar meio entediado com isso aí, né... o menino tinha uns 15, 16 anos... e eu dizia “aguenta aí, que eu não vou ficar o dia todo” (...)”

Lazer/entretenimento

No trecho abaixo, Bartolomeu descreve o contexto dos momentos de entretenimento com o filho, possivelmente buscando introduzi-lo no tipo de lazer que ele mesmo gostava – destacando que o filho compartilha gostos com ele, havendo indicativos de satisfação, por parte de Bartolomeu:

“(...) e almoço era na praia... ali era o momento de tomar uma cervejinha, comer peixe, ver o povo... eu gosto muito de mexer com o povo que passa... a garçonete, o garçom, pedir uma coisa e fazer uma piada... e ele é assim também (...)”

Percepções sobre o comportamento do filho

Ao falar sobre Lúcio, duas etapas do desenvolvimento são abordadas de forma mais marcante: a infância (principalmente os primeiros anos de vida) e a fase adulta. Poucos conteúdos a respeito da adolescência do filho são retratados – justamente a fase contígua à separação conjugal – o que possivelmente indica um afastamento na relação pai-filho.

Os relatos de experiência narrados, posteriores à separação conjugal, demonstram uma tendência perceptiva de Bartolomeu, durante a entrevista, de narrar o crescente ganho de autonomia do filho – havendo indicativos de sentimentos de *resignação*.

“(...) ai ficava com Lúcio em finais de semana alternados, e assim foi indo, até o ponto em que ele foi crescendo, aí vinha quando quisesse, já tava adulto, já tinha o carro dele, queria ver o pai vinha, não queria não vinha (...)”

“(...) é... no início, ele precisava, 9 anos, 10... precisava de ter cuidados... mas depois, deixou de ter cuidados... de precisar ter esses cuidados... ele mesmo pegava o ônibus, ia pra casa da avó, se a gente não tava aqui (...)”

Educação

Não são comuns na narrativa de Bartolomeu relatos sobre situações em que ele claramente desempenha um papel de educador – através de descrições dele operando enquanto um orientador, aconselhador ou repressor. Como dito anteriormente, este pai descreve *ter se mudado de cidade* após a separação, além de ter uma rotina de trabalho em que era comum ele deixar o ambiente doméstico e viajar. Todavia, no trecho acima mencionado, há indicativos de uma *atitude de orientação* da parte do pai para o filho – quando Bartolomeu o introduz no tipo

de programação de entretenimento que ele possivelmente estava ambientado em sua própria vida. Há indicativos de *intenção de socializar o filho* quanto à dimensão do entretenimento, *levando-o para conhecer a realidade do pai*.

De acordo com o pai, as suas preocupações relativas ao que os filhos estavam aprendendo voltaram-se mais para a dimensão dos valores, e surgiram em sua paternidade muito tempo depois da separação conjugal:

1 – “E lá na época de Lúcio você já tinha essa preocupação... que aprendessem outras coisas, que eles vissem também o que o pai vê, ou então... não sei...”

2 – Acho que muito pouco... muito pouco... acho que esse foco eu não tinha muito não... tenho hoje, até porque ter esse foco me consola ne... de saber que em alguma coisa eu tô ensinando pra eles, certo (...)”

Assim, há indicativos de que durante o período de menoridade do filho, o signo “*Educação (filho)*” não era afetivamente poderoso, de modo a influenciar pensamentos, sentimentos e atitudes. É notável também o sentimento de *alívio* produzido quando Bartolomeu constata estar contribuindo positivamente para a vida do filho.

Percepções sobre a relação com o filho: o contexto de vida atual

Durante diversos momentos da entrevista, Bartolomeu destaca aspectos caracterizadores do atual relacionamento com Lúcio (ao momento da entrevista com 34 anos). Um aspecto relevante da narrativa de Bartolomeu é um movimento de enquadramento semiótico, quando este pai reúne percepções sobre a vida atual do filho com possíveis contribuições que ele, enquanto pai, possa ter feito, ao desenvolvimento do rapaz – havendo indicativos de sentimento de *satisfação e realização* em seus relatos.

“(...) sempre foi uma coisa muito boa, ter o filho, ser pais de Lúcio, e a gente conversa muito, a gente conversa de tudo, se tornou amigo... ele e adulto... e acho que até a experiência de separação foi proveitosa pra ele, teve um lado positivo (...)”

“(...) então ele tem uma relação com a atual mulher que está lá com ele (...) estão muito bem... e vejo os dois bem, e acho que eu contribuí com isso... que minha experiência contribuiu pra ele hoje estar hoje bem com

uma mulher... então não tenho culpa, isso de “meus relacionamento foi ruim, meus filhos não conseguem se ajustar” (...)”

Enquanto fala sobre o filho, há indicativos da presença de sentimentos de *culpa* e de *preocupação* quanto a ser responsável por algum prejuízo à vida do filho, devido à separação conjugal. Assim, quando o signo “*Filho*” surge, no contexto de vida atual, é possível que estes afetos direcionem o *movimento perceptivo* para a *busca de evidências* opostas àquilo que causa medo – por sua vez possivelmente produzindo sentimentos de *alívio* e *satisfação*.

Seguindo este mesmo caminho semiótico, mesmo havendo indicativos de sentimentos de *frustração*, Bartolomeu percebe possíveis contribuições do seu desapego financeiro – algo inicialmente trazido em sua narrativa enquanto uma queixa vinda da parte do filho – para o desenvolvimento do rapaz:

“(...) então eu acho, nesse caso, eu vi algumas dificuldades... e bem vai pro lado material, onde eu não dou importância... o resultado é que todos os meus filhos dão importância a parte material (...) porque viam que o meu desligamento pode ter causado algumas restrições (...)”

“(...) acho que ele fica assim, poxa meu pai podia ter mais dinheiro né, o pai da minha colega tem isso, tem o carro bonito, meu pai não tem nada, (...) e procuro, eu penso, se eu não fiz isso... e eles tão lutando pra ter uma condição melhor... eu acho ótimo, pra eles (...)”

Futuro: sonhos, desejos, expectativas, receios

Bartolomeu descreve-se hoje enquanto um pai que reflete sobre os valores dos filhos, destacando o seu desejo atual de que os mesmos passassem a se apegar a outros referenciais que não apenas os materiais.

“(...) eu quero que eles entendam o que eu dou valor na vida... dinheiro todo mundo dá valor, mas o que eu dou valor, que eu quero que eles tenham, que eles olhem isso pela minha vida, pelo que eu vivi, eu quero que eles aprendam alguma coisa comigo (...)”

Assim, enquanto pai de filhos adultos, é descrito um caminho semiótico em que figuram preocupações de um pai, que por sua vez direcionam o seu olhar para a vida dos filhos:

“(...) e eu quero que eles vejam o outro lado... e eu me preocupo em como passar isso pra eles... eu não sei se eu consigo... passar... mas

eu vou vendo pelo rastro que eles vão deixando (...) as escolhas que eles tão fazendo... como estão se direcionando... aí de vez em quando eu me gratifico (...)"

Desafios

Os desafios posteriores à separação conjugal descritos por Bartolomeu são aqueles relativos à *percepção* de um ambiente social julgador quanto ao fim do casamento; aos entraves que vivenciou com a mãe de Lúcio, quanto às responsabilidades financeiras; às dificuldades impostas pelo trabalho, dificultando uma maior convivência com o filho; e, atualmente, quanto aos valores e trajetórias de vida escolhidos pelos filhos – figurando a dúvida sobre como, e se, poderia de algum modo intervir e contribuir para a educação dos filhos adultos.

"(...) e eu quero que eles vejam o outro lado... e eu me preocupo em como passar isso pra eles... eu não sei se eu consigo... passar (...)"

2. ROMÁRIO

Contexto da entrevista: Romário desde o primeiro contato mostrou-se bastante motivado a participar da entrevista – relatando o reconhecimento da importância da investigação, e chegando a procurar o entrevistador, via aplicativo de comunicação virtual, para marcar a data da entrevista – prontificando-se a ir ao encontro do entrevistador.

Primeiros conteúdos espontaneamente trazidos

Antes mesmo de ser feita a pergunta disparadora, enquanto o entrevistador falava sobre a sua pesquisa, iniciou-se uma conversação e alguns pontos relevantes foram espontaneamente trazidos por Romário.

Assim, Romário destacou a sua *percepção* sobre a influência da experiência que ele teve com o próprio pai enquanto uma referência para o exercício da sua própria paternidade – *engajando-se num movimento oposto* ao percebido em seu pai:

"(...) Por incrível que pareça uma coisa que... é... me facilitou muito, né, ser o pai que eu sou hoje foi as minhas experiências negativas que eu tive com o meu próprio pai (...) Né, como eu te disse, o meu pai não foi aquele pai presente, de atenção, de... de... de carinho, de... então tudo o que eu senti falta com ele hoje eu procuro é... ver pelo lado da minha filha, procuro dar a minha filha (...)"

Neste trecho, há indicativos da presença dos *signos hipergeneralizados (valores)* “*Presença*”, “*Atenção*” e “*Carinho*” enquanto orientadores da atitude de Romário em relação à sua filha.

Logo em seguida, o pai passa a relatar a sua *percepção* sobre a dificuldade percebida por pais que *desejam ser mais participativos* na vida escolar dos seus filhos, mas que todavia não encontram uma atitude da escola no sentido de reconhecer e fortalecer esta vinculação:

“(...) porém acho que tem uma situação também que as escolas, é... o mundo hoje precisa se adaptar a essa questão da separação também, que quer sim quer não é um índice muito alto, é a sepa... e a escola mesmo, eu sinto dificuldade com isso, eu vou até a diretora e converso bastante, digo “Poxa, porque tudo da minha filha é com a mãe se quem dá mais atenção a ela aqui na escola sou eu, entendeu?”

“(...) Eu... Eu... vejo, mas é independente até da separação, eu vejo do casal junto mesmo, e... ainda sim que aquele pai queira, mas as situações são mais direcionadas à mãe, entendeu?”

Nestes momentos da narrativa, Romário coloca em evidência, através do seu *desconforto* manifesto no contato com a escola, a existência de um descompasso entre o que ele percebe ser a forma comum/tradicional como o pai é significado em seu grupo cultural, e o que de fato acontece com alguns pais que de algum modo rompem com esse roteiro social – destacando que conseqüentemente surgem dificuldades no exercício da paternidade destes indivíduos. O próprio Romário *cria uma hipótese* sobre a razão desta ambivalência por ele percebida:

“(...) E isso também é justificado, é... pelo que eu falei lá no início, é justificado pela postura também da maioria dos homens (...) de não ligar pros filhos, então o mundo é... começou... as pessoas começaram a guinar mais pras mães mesmo, que Ah... Mãe é mãe, cabô”, então quando tem um pai participativo, um pai que quer participar, ele sente dificuldade, porque eu sinto dificuldade (...)”

O pai demonstra também os *sentimentos de mágoa* diante da *percepção* de ser conceituado negativamente diante de sua filha, por parte da família materna.

“A exposição de falsos conceitos também, é... sobre o pai na frente da criança, porque assim, a minha ex–mulher, ela sabe a questão do marido que eu fui, do ex–marido que eu sou, e do pai que eu sou, então ela tem

uma noção muito clara disso, então ela me elogia bastante, mas a família dela por... pelo casamento não ter dado certo ela me culpa, e por me culpar elas acabam me conceituando negativamente na frente da minha filha, então... isso eu sei que acontece”

Ainda neste primeiro momento da entrevista, Romário relata situações em que surgem evidências de uma das estratégias que utiliza em resposta às dificuldades que encontra pelo caminho:

“(...) Porque surge assim, num momento de desabafo que eu tô chateado com alguma coisa que aconteceu na escola da minha filha que eu queria participar, (...) tal, aí eu chego pra um colega e começo a comentar (...)”

“(...) Porque é melhor, é... aproxima mais a criança, até porque final de semana é muito pouco, final de semana eu também... pelo que eu conversei lá com a psicóloga (...)”

Nas duas situações, o pai relata ter *compartilhado as suas inquietações* com personagens que entendeu serem relevantes – um colega de trabalho, e uma profissional especialista nas questões do comportamento humano. Assim, há indicativos de *sentimentos de ansiedade* e de *indignação* relativos a não ser reconhecido pela escola enquanto uma figura de referência para as questões da filha (primeiro trecho) e também *sentimentos de preocupação* quanto a questões do relacionamento dele, enquanto pai que já não mora com a filha, e ela (segundo trecho).

Romário traz ainda neste relato espontâneo *reflexões* sobre a funcionalidade da guarda compartilhada, declarando *intencionar compartilhar as responsabilidades sobre a filha* com a esposa. A este respeito, relata ter *mudado de endereço*, para estar mais próximo da filha, e declara *antever dificuldades* em concretizar os seus desejos paternos, devido à resistência da ex-cônjuge.

“(...) Uma coisa que tá ajudando muito, eu acredito, é essa questão da guarda compartilhada, né, é... fazer com que o filho, ele passe um período maior com o pai... mas ao mesmo tempo tem muitas mães que pela tradição do pai pegar apenas não está aceitando a guarda compartilhada, por exemplo, a minha mulher mesmo ela já sinalizou que ela não vai aceitar.”

“(...) mas ela agora já começou a dar indícios de que ela não vai aceitar. Não sei se porque eu tenho uma outra esposa, e a minha filha, né... porque a minha filha vai, passa o final de semana, tem contato com

Ione, que é minha esposa, não sei se por isso ou se ela não quer mesmo que... esse vínculo, né, assim, mais longo (...)"

"(...) Ela vai ter que aceitar. Ela vai dificultar, mas ela vai ter que aceitar, entendeu?"

Assim, há indicativos da relação entre signos como "*Guarda Compartilhada (presença física junto à filha/desejo)*" ↔ "*Ex-cônjuge (dificuldades)*" ↔ "*Passagem do tempo*". Diante da percepção de ter o direito ao compartilhamento da guarda da filha, e de antever dificuldades por parte da ex-cônjuge, há indicativos de *sentimentos de fé/esperança* quanto a alcançar o seu objetivo. Há indicativos de que o signo "*Passagem do tempo*" *cumpra a função de aliviar* possíveis *sentimentos de mal estar* advindos da distância da filha e das atitudes da ex-cônjuge.

Resposta à questão disparadora

Quando feita a questão disparadora, pelo entrevistador, Romário passou a contar a história de sua paternidade a partir do seu imaginário sobre o tema. Relatou experimentar sentimentos de desejo e de medo, relativos a ser pai – destacando o aspecto da responsabilidade emocional e financeira que sempre manteve em mente.

"(...) eu não me sustento de dinheiro e de cabeça, e pra você ser pai você tem que ter os dois, porque não adianta você ter só o dinheiro e não ter cabeça porque é trabalhoso ser pai, entendeu? E aí eu sempre tive essa coisa, assim de, vontade e medo ao mesmo tempo, vontade e medo."

Romário também resgatou, em seu relato, o evento da separação conjugal, por ele mesmo vivida, na condição de filho, enquanto algo presente na opção por tornar-se pai – havendo indicativos de relacionamento direto entre os signos "*Parentalidade*" e "*Conjugalidade*", além do signo "*Responsabilidade/Compromisso*".

"(...) E eu pensava muito também na questão, assim, eu não queria ser pai separado, né, eu vivi isso, eu sei o que é a dificuldade, eu sei o que é a dificuldade de vim um outro homem, né, como minha mãe arrumou (...)"

Um outro aspecto resgatado por Romário, ainda no contexto da resposta à questão disparadora, foi o "*Desenvolvimento Pessoal*" proporcionado pela paternidade. Assim, Romário destaca ter passado por uma mudança de hábitos, deixando de engajar-se numa vida que caracteriza enquanto "boêmia", e também passando a zelar mais pela sua saúde.

“(…) Ainda assim, essa questão dessa minha paternidade ela me mudou bastante, eu já vinha procurando amadurecer, porque eu sempre fui assim, viu, eu sempre puxei, é... sempre olhar os meus defeitos, conservar as minhas virtudes e olhar o que eu preciso, é... me consertar (...)”

“(…) Então essa paternidade ela também veio pra me corrigir bastante, fez... me fez cuidar mais do Romário físico (...) Bebia um pouco mais, tinha um comportamento mais, assim, boêmio, e a paternidade me mudou isso, eu olhei pra minha filha e disse “Poxa, tá chegando um... uma criança que vai precisar de mim” (...)”

PATERNIDADE E TRAJETÓRIA DE VIDA

ANTES DA PATERNIDADE

Percepção de Paternidade

Como comentado anteriormente, há indicativos de que Romário enquadrava o signo “*Paternidade*” com “*Responsabilidade/Compromisso*”, assim descrevendo sentimentos de medo e desejo, além de percepções sobre a existência de um momento mais adequado para tornar-se pai. Outro caminho semiótico presente na narrativa do pai ocorria entre “*Paternidade*” e “*Conjugalidade (separação conjugal)*” ↔ “*Responsabilidade/Compromisso (com a saúde/bem estar do filho)*”. Estes enquadramentos semióticos, por sua vez, conduziam Romário a fazer planejamentos e a buscar postergar o momento de ser pai.

“(…) e eu sempre tive medo de ser pai, sempre tive medo, eu sempre tive namoradas que diziam “Ah, bora ter um filho.”, eu digo “Calma...” (...)”

Influência do pai na própria paternidade

Ao falar sobre a própria paternidade, *Romário resgata semioticamente o seu próprio pai*, enquanto influenciador em seu modo de ser pai. Assim, descreve a percepção de pontos negativos da relação que o pai estabeleceu com ele, critica-o, e relata intenção de dar à filha o que não recebeu por parte do pai. Há indicativos de *sentimentos de mágoa* para com o pai, além de *motivação* quanto à criação da filha, além de *tendência* a buscar ser um pai atencioso e presente.

“(…) Né, como eu te disse, o meu pai não foi aquele pai presente, de atenção, de... de... de carinho, de... então tudo o que eu senti falta com ele hoje eu procuro é... ver pelo lado da minha filha, procuro dar a minha filha (...)”

Influência do padrasto, em sua paternidade

Do mesmo modo, o signo “*Padrasto*” também é resgatado, e Romário descreve a percepção da influência negativa deste personagem enquanto influenciadora de sua paternidade.

“(…) e no início quando meu padrasto veio pra casa ele juntou com a minha questão da minha possessividade com a minha mãe que eu era muito ligado a ela, né, é normal (...) e a questão da... e a questão da... cabeça, também, dele, era uma cabeça, assim, mais antiga, mais tradicionalista, então não me via também com aquele apoio que eu precisava, então foi complicado. Então dentro da minha... com a minha filha, eu pedi a Deus, assim, pra não haver a questão de separação.”

Influência da mãe, em sua paternidade

Outro *personagem semioticamente resgatado* por Romário, enquanto balizadora do seu modo de exercer a paternidade, foi a sua *mãe*.

“(…) porque eu acho que o pai tem que ter essa participação, a escola tá lá pra fornecer o conhecimento, e o pai pra fiscalizar se esse conhecimento tá sendo absorvido, eu penso assim, minha mãe me ensinou a ser assim, entendeu?”

Assim, o signo “*Mãe (disciplina)*” relaciona-se com o signo “*Paternidade (educação de filhos)*”, orientando o modo que Romário percebe, sente e posiciona-se diante das tarefas escolares da filha.

“Vou ser pai”

Romário descreve, em sua narrativa, o momento em que descobriu que se tornaria pai. Destaca a sua *percepção* sobre a inusitada situação de experimentar diversos sentimentos (*surpresa, desejo e medo*) e notar-se *paralisado* diante da notícia de que seria pai. Há a possibilidade do signo “*Responsabilidade/Compromisso*” ter sido um forte orientador ontogenético, conduzindo à ambivalência sentida por Romário diante da notícia de que seria pai.

“(...)e aí quando o médico disse, “Ah, parabéns, você vai ser pai.”, eu fiquei mesmo paralisado, querendo falar, querendo comemorar, mas sem conseguir, acredito eu que seria também pela questão, assim, dessa mistura que eu falei do medo com a vontade demais de querer ser pai. E eu pensava muito também na questão, assim, eu não queria ser pai separado, né (...)”

PATERNIDADE ANTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

Sentindo-se pai

Romário descreve a *percepção* sobre a situação da filha aprendendo a andar enquanto um sinal de que ele precisaria passar a cuidar bem de si mesmo, afim de poder estar disponível para a filha, que precisava dele. Há indicativos de *sentimentos de preocupação*, diante dos quais o pai relata ter passado a ter mais zelo consigo. Há a possibilidade dos *signos “Responsabilidade/Compromisso”* e *“Saúde/Bem estar (da filha)”* serem orientadores ontogenéticos no enquadramento realizado por Romário.

“(...) Com quase... ela com quase um ano. É... eu acho que foi quando ela começou a dar os primeiros passos, assim, aquele sinal dos primeiros passos, e os primeiros passos foi na minha mão, aquilo ali me fez refletir (...) eu disse “Não, ela precisa de mim.”, eu tenho que me cuidar, eu tenho que... assim, sei lá, ser um... o pai, eu tenho que, né, *tá* ali com ela pra o que der e vier a partir de agora, então foi nesse momento, não foi de imediato quando nasceu não (...)”

Desafios

Romário destaca a *percepção* de si mesmo enquanto incompetente para dar um banho na filha (enquanto bebê) sem ameaçar a sua integridade física. Há indicativos de *sentimentos de preocupação/receio*, e de *tendência a evitar engajar-se em dar banho na filha*. Há a possibilidade de que *signos* como *“Responsabilidade/Compromisso”* e *“Saúde/Bem estar (da filha)”* desempenhem a função de orientadores ontogenéticos do enquadre por Romário realizado.

“(...) eu tenho medo de... de escorregar e acontecer alguma coisa...”, então eu nunca dei um banho, eu sou meio desajeitado (...)”

Um outro desafio destacado por Romário está ligado à questão do gênero do filho. Em sua percepção, a depender da similaridade ou diferença entre os gêneros da díade pai–filho, a comunicação pode ser mais ou menos efetiva. Há indicativos de sentimentos de preocupação, e de tendência a preparar–se diante dos desafios percebidos. De acordo com a narrativa de Romário, nota–se também que diante da situação de incerteza, o pai busca em sua rede social a experiência de outros pais enquanto uma baliza, a partir da qual passa a dar sentido à própria experiência. Há a possibilidade de que signos como “*Gênero*”, “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Desenvolvimento Pessoal*” sejam orientadores ontogenéticos para o enquadre perceptivo, emocional e comportamental do pai – que então *percebe* situações enquanto desafios, *preocupa–se* e *busca* formas de superar a si mesmo e *resolver* a situação–problema.

“(…)E os desafios que eu olhava foi ser pai de uma menina, eu homem, né, ser pai de uma mulher, de uma menina, então isso aí eu falava “Rapaz, eu vou ter que saber lidar.” (...) eu vejo hoje, assim, alguns colegas, porque eu tenho dois colegas que são pais de meninos e quase da mesma idade (...) o relacionamento é diferente, né, a reclamação é diferente, a orientação é diferente, o menino parece que entende mais a linguagem do pai, bem como a menina entende mais a linguagem da mãe, e pra mim isso aí foi um desafio (...) eu quando tenho medo de algo é porque eu enxergo a real responsabilidade que aquilo vai trazer pra mim (...) esse medo, esse receio, eles fazem com que eu me prepare mais (...)”

É um ponto comum da narrativa de Romário a *percepção* das situações enquanto desafios às próprias habilidades e competências – a partir das quais ele descreve indicativos de preocupações de busca por superar–se.

“(…) É comprometedor, assim, porque você tem que ser um cara comprometido, né, não é só você, né, você tem que saber que você tem que sair, tem que pegar, tem que voltar, tem que ver a escola, cê chegar cansado e... ler o diário e... tudo isso eu fazia quando eu *tava*, né, casado, hoje eu não faço porque ela *tá* com a mãe (...)”

Satisfações/Prazeres

Romário descreve a *percepção* da *ansiedade* e *desejo/saudade* que experimentava após o término do seu expediente de trabalho, relacionando–os ao momento de encontro com a filha.

Assim, há indicativos de que, a esse momento, mesmo estando fisicamente em seu local de trabalho – e considerando toda a simbologia relacionada a “*Trabalho*” –, a sua tendência de ação, sentimentos e percepções estavam muito provavelmente sendo guiados pelo signo “*Filha*”.

“(…) Olha, as partes que eu mais gostava era a questão de sair do trabalho, já ia já naquela vontade de... de chegar em casa... encontrar a minha filha (...) e isso me causava, assim, aquela ansiedade “Pô, quero chegar logo em casa.”, e tal, sair do trabalho e ir”

Num outro momento da narrativa de Romário está descrito um momento de entretenimento entre ele e a filha, no qual o pai *destaca* a existência de um roteiro/hábito, quanto à atividades, e também a *percepção* da satisfação da filha. Há indicativos de sentimentos de *preocupação*, de *alegria*, além de uma tendência a *envolvimento/interesse*. Possivelmente signos como “*Saúde/Bem estar (da filha)*” e/ “*Desenvolvimento Pessoal (da filha)*” funcionam enquanto guias ontogenéticos, conduzindo Romário a relacionar-se com a filha de modo a produzir entretenimento e alegria, além de aproveitar uma oportunidade de desenvolver habilidades na filha.

“(…) ela sempre gostou de água, né, a gente sempre teve uma piscininha em casa, eu sempre quando levava pra praia ela ia, né, com um colete até lá no fundo comigo, e eu ia na frente, ela atrás, eu ia arrastando ela, e ela se amarrava!! (...)”

Impactos ontogenéticos

Romário destaca, em diversos momentos de sua narrativa, o quanto tornar-se pai operou mudanças em sua vida. Assim, descreve a *percepção* da paternidade enquanto uma condição proeminente em fazê-lo passar a engajar-se em atividades que envolviam *cuidar da sua saúde*, do seu físico, e *mudar hábitos* que seriam opostos a esta nova atitude.

“Então essa paternidade ela também veio pra me corrigir bastante, fez... me fez cuidar mais do Romário físico, entendeu (...)”

“(…) uma criança que vai precisar de mim aí o resto da vida, e eu tenho que tá bem pra cuidar, se eu não cuidar de mim eu não vou tá apto a cuidar dela.”

“(…) Então essas coisas aí foi que eu fui mudando, eu deixei de... de beber, deixei de ser, né, mais boêmio, que eu era... isso de certa forma atrapalhava até os meus treinos, eu me dediquei mais a natação nos últimos anos, emagreci, cuidei do corpo (...) então depois que eu mudei tudo isso meu tempo caiu, entendeu? Eu comecei a beliscar um pódio de vez em quando (...)”

Nos depoimentos de Romário, infere-se a atuação de signos como “*Responsabilidade/Compromisso (com a filha/consigo)*” conduzindo-o a *buscar cuidar de si* enquanto uma *estratégia raciocinada de estar mais apto a cuidar da filha*. O signo “*Desenvolvimento Pessoal*” provavelmente faz-se presente nas decisões quanto à mudança de atitude descrita por Romário, visto que o pai destaca a percepção de um efeito colateral ao maior cuidado ao próprio físico: ele passou a *dedicar-se mais* à natação e melhorar o seu desempenho.

Num outro momento da entrevista, Romário apresenta um sentido complementar à então descrita mudança de atitude: destaca a sua *percepção* sobre a importância do ato pedagógico que daria à filha *sendo ele mesmo o modelo* daquilo que ele *deseja* que ela se torne – possivelmente influenciado por signos como “*Educação (da filha)*”, “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Desenvolvimento Pessoal*”.

“Olha...”, uma coisa também que eu prezo muito, Paulo, é a questão do exemplo, quando eu fiz essa reflexão quando ela andou que eu parei e falei “Não, eu tenho que olhar minha vida.”, eu olhei pelo exemplo, eu disse “Eu preciso me cuidar...”, foi uma das coisas... “...que minha filha vai precisar de mim, e eu preciso acima de tudo dar exemplo. Lá na frente eu não vou poder chamar ela atenção de certas coisas que eu faço.”

A SEPARAÇÃO CONJUGAL

É importante destacar que em apenas um momento Romário espontaneamente relata fatos que ocorreram durante a etapa da separação conjugal. A maior parte do conteúdo da sua narrativa volta-se para o momento presente, havendo também considerações sobre o futuro.

Quando o pai resgata a etapa da separação, realiza um resumo sobre a sua *percepção* de como se deu este processo, qual foi a sua atitude diante dos bens materiais do então casal, e também sobre a reação da ex-cônjuge. Há indicativos de que nesta época signos como “*Saúde/Bem estar (da filha)*” e “*Responsabilidade/Compromisso*” tenham sido significativos

orientadores ontogenéticos, operando no sentido de enfraquecer o movimento de separação conjugal, mesmo havendo insatisfações pessoais com o casamento.

“(...) nós terminamos o relacionamento ela mordida né... porque assim, foi uma coisa que eu já vinha dizendo... que eu já vinha dizendo que ia terminar... terminamos, voltamos, terminamos, voltamos, por conta de Carol, mas chegou um tempo que ficou insuportável... peguei meu carro botei na porta de casa, peguei minhas roupas, e larguei tudo lá pra ela, deixei casa, deixei um outro carro, deixei os mó... não peguei nada, peguei minha roupa mesmo e fui embora. Ela ficou mordida com isso.”

PATERNIDADE POSTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

A Guarda

Romário destaca, em sua narrativa, tanto os seus posicionamentos intelectuais, relativos à guarda compartilhada, quanto aos movimentos factuais por ele realizados nesta direção.

Ao falar sobre as suas ideias sobre o instituto da guarda compartilhada, ele salienta suas *percepções* sobre as vantagens:

“(...) Porque é melhor, é... aproxima mais a criança... até porque final de semana é muito pouco (...)”

“(...) Uma coisa que *tá* ajudando muito, eu acredito, é essa questão da guarda compartilhada, né, é... fazer com que o filho ele passe um período maior com o pai (...)”

Romário passa em seguida a destacar a resistência cultural que *percebe* por parte das mulheres em aceitar o compartilhamento da guarda, ilustrando a sua própria experiência, enquanto exemplo, *tecendo hipóteses explicativas* sobre o fenômeno observado:

“(...) mas ao mesmo tempo tem muitas mães que pela tradição do pai pagar apenas não está aceitando a guarda compartilhada, por exemplo, a minha mulher mesmo ela já sinalizou que ela não vai aceitar (...) Não sei se porque eu tenho uma outra esposa, e a minha filha, né (...) não sei

se por isso ou se ela não quer mesmo que... esse vínculo, né, assim, mais longo”

Através da leitura da narrativa, percebe-se que Romário *observa* o cenário e *faz um diagnóstico* da situação – havendo indicativos de sentimentos de *frustração* diante do escasso tempo disponível para estar com a filha. A partir daí, mesmo antevendo obstáculos para concretizar a sua intenção de compartilhamento de guarda, conclui que inevitavelmente ele alcançará o seu objetivo – em último caso contando com o apoio da instituição judiciária –, e passa a tomar decisões a partir da confiança em seu prognóstico – havendo indicativos de sentimentos de *resignação* diante dos desafios.

“(…) que seja assim, não tem mais a questão de ela querer ou não. Porque o que eu falo de ela não querer é que ela vai procurar dificultar... mas eu sei que isso aí é um direito (...) ela vai ter que aceitar... ela vai dificultar, mas vai ter que aceitar”

“(…) esse ano de dois mil e quinze, dois mil e dezesseis foi um ano de estruturação, agora eu já tô com apartamento, comprei um apartamento até próximo dela pra facilitar essa ida e vinda da minha filha, né, comigo (...)”

Num outro trecho, Romário destaca o fato da ex-cônjuge intencionar retirar a filha da escola que até então estudava, enquanto que o pai discordava deste posicionamento – havendo indicativos de que até então o seu posicionamento quanto a este assunto era o dominante – estando assim destacado, de algum modo, o exercício da guarda em seu aspecto de compartilhamento de responsabilidades e decisões.

“(…) Tudo era com ela, e ela tava querendo tirar Carol da escola desde o ano passado, e eu segurando porque eu vendo que a escola é legalzinha (...)”

Pensão/Responsabilidades financeiras

Este tema surge na narrativa relacionado à escola da filha – destacada na narrativa enquanto uma responsabilidade financeira de Romário. No trecho abaixo, o pai destaca um momento em que *percebe* que, como consequência da falta de reconhecimento dele enquanto personagem responsável pela filha por parte da direção da escola, ele não teve acesso aos convites de um evento – devido aos mesmos terem sido entregues à ex-cônjuge, o que por sua vez ocasionou dificuldades, por parte de Romário, para ter acesso aos convites.. Em resposta,

o pai *conversa com a diretora* da escola, salientando a legitimidade do seu papel parental através da afirmação do seu papel financeiro, e comunica a sua *decisão* de retirar a filha da escola – havendo indicativos de sentimentos de *frustração/decepção e raiva*:

“(…) porque agora eu vou assinar embaixo a transferência de minha filha pra outra escola, porque eu vinha conversando com você já tinha mais do dois anos, que eu sou pai, quem paga sou eu. O nome que está no contrato é o de quem? Não é o meu?”

Rede de Apoio

Como citado anteriormente, uma das estratégias adotadas por Romário, diante das dificuldades que enfrenta, é recorrer a personagens que ele entende que possam ajudá-lo: um colega de trabalho e uma psicóloga. Dois outros personagens surgem na narrativa do pai sobre a sua paternidade, sem entretanto estarem diretamente enquadrados enquanto apoiadores: a atual esposa, com quem Romário atualmente vive (e onde ele recebe a sua filha, aos finais de semana), e a sua mãe, que vai com ele a um evento promovido pela escola da filha.

Escola da Filha

Na narrativa de Romário o signo “*Escola*” é por diversas vezes evocado. Este espaço surge em enquadramentos semióticos em que o pai percebe-se pouco reconhecido enquanto um personagem parental relevante, sendo palco de decepções e frustrações. Sendo ontogeneticamente orientado para a *Educação* e o *Desenvolvimento Pessoal*, Romário sempre dependeu tempo e energia nesta dimensão da vida da filha – destacando assim o impacto da sua experiência de exclusão no relacionamento com a escola da filha.

Assim, a escola surge enquanto exemplo vivencial da sua percepção de que a sociedade não reconhece a importância dos pais na educação dos filhos – mesmo que ele chegue cansado do trabalho e vá verificar o diário de classe da filha, ou busque discipliná-la quanto aos estudos. Neste enquadre, a escola é um representante da sociedade por ele percebida.

É também no espaço simbólico da escola que Romário – que declara buscar não entrar em desavenças com a ex-cônjuge – sustenta o seu posicionamento de não mudar a filha de instituição de ensino. Há indicativos de que, no tocante à educação da filha, este pai exerça algum poder decisório – o que entra em choque com a sua percepção de pouco empoderamento pelos atores desta instituição.

Assim, Romário faz questão de destacar, em sua narrativa, o fato de ter dispendido tempo e energia para ir até a escola penalizar a diretora por ele não ter conseguido os convites da festa de formatura da filha, culpando-a e informando-a sobre a decisão de retirar a filha da escola – assim provavelmente vingando-se desta instituição que ele percebe deslegitima-lo enquanto pai.

É também interessante destacar que no diálogo relatado com a diretora, Romário legitima a sua paternidade, recorrendo à afirmação veemente do seu papel financeiro diante da gestora da instituição – implicitamente comparando-se com a ex-cônjuge, que é reconhecida mesmo “sem pagar” a escola.

Ex-cônjuge

Romário resgata o signo “*Ex-cônjuge*” em momentos específicos de sua narrativa. Como exemplo, ele destaca o atual momento de sua vida, em que compra um imóvel próximo da casa da ex-esposa, de modo a facilitar o deslocamento contingente à situação de compartilhamento de guarda. No contexto semiótico da *Guarda* surge então o signo “*Ex-cônjuge*” enquanto um possível obstáculo à consecução do seu objetivo – mas que todavia não o impede de planejar e executar ações em sintonia com a sua intenção.

“(…) que seja assim, não tem mais a questão de ela querer ou não.
Porque o que eu falo de ela não querer é que ela vai procurar dificultar”

Em outros momentos, Romário destaca a sua *percepção* sobre como deve conduzir o relacionamento com a ex-cônjuge. De acordo com sua narrativa, ele *percebe-se* habitualmente solicitado pela ex-cônjuge a realizar tarefas, e demonstra *ter construído critérios para decidir, através da reflexão, quando ajudar ou não* – levando em consideração proeminentemente o interesse da filha.

“(…) Eu digo “Hora, ela trabalha que nem eu, se ela já tá se pré-dispondo a tirar a identidade, que é que custa eu ir tirar a certidão? A segunda via. Tudo bem que foi ela que perdeu (...) Aí minha esposa “Ah, porque ela que perdeu, ela que vá tirar...”, não é, eu não fico nessas ondas, entendeu Paulo, porque é minha filha pô (...) Isso vai beneficiar minha filha.”

De acordo com a narrativa do pai, um fator que parece exercer influência em seu relacionamento com a ex-cônjuge é o buscar não entrar em desavenças:

“(...) Então às vezes tem essa questão aí, entendeu? Isso falei uma coisa que eu tô olhando que dá, mas tiveram já outras situações que ela tentou impor e eu aí pra não me indispor eu “Não, tudo bem...” (...)

eu já tive momentos mesmo que eu precisei não pegar Carol, por exemplo, era um final de semana certo mesmo, aí eu “Ô Ione, essa semana essa semana eu não vou pegar porque vai acontecer não-sei-o-quê...”, ela “Ah, não, não quero nem saber, você tem que pegar, porque essa semana também...”,

Ainda neste contexto, Romário salienta sua *percepção* de que em situações como a acima descrita, é usual haver algum aborrecimento por parte da sua atual esposa quanto à atitude dele:

“(...) A mãe dela sempre pisa na bola comigo, sempre me coloca em situações complicadas com a minha esposa, por que, Paulo? Porque eu não quero briga, e minha esposa não entende (...)”

Diante destas situações, há indicativos de que há algum signo relevante associado à situação de estar brigado com a ex-cônjuge – de tal modo que ele esteja mais inclinado a lidar com os custos de ter que mudar a sua programação pessoal ou mesmo com o aborrecimento da atual esposa. De acordo com a narrativa do pai, este fator seria proporcionar o contexto mais favorável aos interesses da filha.

“(...) Cê sabe que eu não tenho ninguém em casa pra ficar com Carol, eu vou pegar, eu vou ter que me desdobrar pra levar Carol pra escola, pegar, trazer, e Bel também trabalha, e é aquela agonia, mas eu vou quebrar essa pra você justamente pra não ter que deixar na mão de ninguém.”.

Noutro trecho, entretanto, quando questionado sobre o que ocorreria, caso ele fizesse algo que costumeiramente a ex-cônjuge faz (p.ex. a bateria do celular dele acabar e ele não conseguir avisar que vai se atrasar para buscar a filha), Romário aponta a existência de outro signo relacionado à ex-cônjuge: a possibilidade de *ser penalizado*:

“(...) Por exemplo, a formatura agora de Carol ela fez uma dessa comigo, né (...) inicialmente ficaram oito ingressos, quatro pra cada, depois a escola reorganizou o espaço e viu que dava pra distribuir dez ingressos pra cada, eram onze com a formanda, né, Carol, dez pra cada um, seria cinco pra cada. Acabou que só foi minha mãe, e mesmo assim eu fui apenas pra não deixar Carol desamparada, entendeu? Porque ela

pegou “Ah, porque minha família é grande.”, então não existe isso, então ela... ela me... até na palavra, assim... retaliou.”

Romário então relata *ter decidido ir* com a mãe à formatura da filha, utilizando os ingressos que lhe foram disponibilizados. O pai destaca ainda o fato da sua filha ter lhe questionado o porquê da ausência da família paterna no evento – ao que o pai *responde à pergunta sem no entanto acusar a ex-cônjuge* (por ele percebida enquanto culpada). Há indicativos da presença do signo “*Saúde/Bem estar (da filha)*” enquanto um orientador ontogenético da atitude de buscar preservar a filha de uma informação que poderia fazê-la ter uma percepção negativa a respeito da sua mãe e possivelmente sofrer. Há também indicativos de sentimentos de *impotência* e de *raiva* diante da atitude da ex-cônjuge.

“Aí eu disse “Não, vovô tava viajando, titio também, não deu não mas na próxima... no próximo ano nós vamos”

“(...) esse final de ano aí eu fiquei com muita raiva mesmo dela, porque ela fez isso, que ela me tirou de um momento importante da minha família, da minha filha, porque eu fui... é... é... assim, fui chateado, eu fui chateado (...)”

O pai destaca ainda que, diante deste contexto, *foi até a escola* – local em que já percebia-se pouco reconhecido enquanto um personagem reconhecido como responsável pela filha – e *conversou com a diretora*, em tom de reclamação, *decidindo por fim retirar a filha da escola*.

“(...) Ó, a senhora agiu assim, entregou os ingressos pra ela... eu disse que os ingressos seriam divididos, que era pra a senhora entregar cinco pra ela, cinco pra mim...”, aí eu peguei e contei a situação toda “...Ó, ela não me deu meus os ingressos.”, ela “Foi Romário?”, “Foi. E agora sabe o quê que a senhora... o quê a senhora comprou? A saída de Carol da escola (...)”

Alienação Parental

Diante do que foi narrado pelo pai, há situações em que ele percebe-se em situação de desigualdade quanto a exercer a sua parentalidade, relatando obstáculos a ter acesso aos convites de uma formatura da filha, ou mesmo vivendo situações em que se percebe desqualificado perante a filha, através de falas que partem da ex-cônjuge ou da família dela:

“(…) Ela ficou mordida com isso. E aí ela vive dizendo pra Carol “Ah, porque a esposa de seu pai é fria.” (...) “Ô filha, não ligue não, mamãe é brincalhona, mamãe é assim mesmo... ela “Não meu pai, ela falou sério viu. Ela tava falando sério dizendo que Bel é horrorosa, que Bel é feia.”, “Bel é feia?”, “Não.”, eu digo “Então pronto. Quem tem que dizer se Bel é feia é você.”.

“(…) A exposição de falsos conceitos também, é... sobre o pai na frente da criança, porque assim, a minha ex–mulher ela sabe a questão do marido que eu fui, do ex–marido que eu sou, e do pai que eu sou, então ela tem uma noção muito clara disso então ela me elogia bastante, mas a família dela por... pelo casamento não ter dado certo ela me culpa, e por me culpar elas acabam me conceituando negativamente na frente da minha filha, então... isso eu sei que acontece (...)”

Há indicativos de sentimentos de *frustração* e *mágoa*, e de atitudes que conciliam *responder ao que foi dito sem, no entanto, desqualificar a conduta materna* – possivelmente sob a regulação do signo “*Saúde/Bem estar (da filha)*” enquanto orientador ontogenético.

“(…) eu jamais falo mal de ninguém da família dela na frente de Carol, eu posso chegar com minha esposa, com minha mãe, e comentar alguma coisa, “Ó, fulana teve esse comportamento viu? Não é legal.”, mas fora do ouvido de Carol (...)”

Atual esposa

Durante a narrativa de Romário, o signo “*Atual esposa*” surge em enquadramentos com “*Paternidade*” e com “*Ex-cônjuge*” - quando são mencionadas as dificuldades consequentes às atitudes da última.

Há indicativos de sentimento de *resignação* diante da possibilidade da existências de situações em que haverá desentendimentos com a sua esposa como consequência do relacionamento com a ex-cônjuge – havendo um sentido construído quanto a uma “*Imaturidade*” da atual cônjuge, que possivelmente auxilia Romário a lidar emocionalmente com as desavenças.

“(…) E quando ela me pede, que eu fico, aí já me cria problema porque a minha esposa já não tem a mesma maturidade pra enxergar (...)”

Relação com a filha

Contato com filha/Tempo

Romário destaca a sua *percepção* a respeito do pouco tempo disponível nos finais de semana para estar com a filha – relatando buscar estar com ela tanto aos finais de semana, quanto em dias de semana.

“É. Finais de semana. E dias de semana também, tem dia... agora mesmo que eu fui morar perto dela aí fica até melhor, né, eu quero a guarda compartilhada”

“Porque é melhor, é... aproxima mais a criança, até porque final de semana é muito pouco (...)”

Neste sentido, o pai destaca, enquanto critério da escolha do endereço do imóvel que adquiriu, a proximidade da moradia da mãe da sua filha, de modo a facilitar o contato com a garota.

Noutro momento, Romário relata ter ido buscar auxílio de um profissional especializado no comportamento humano, diante da percepção de uma atitude de afastamento da filha.

“(...) pelo que eu conversei lá com a psicóloga, ela... eu falei pra ela que poderia ser por conta dessa, desse período pequeno, e tal, eu procurava fazer o período pequeno ser intenso, procurava dar toda atenção, brincadeiras, sair, passear, conversar, mas ainda assim eu via essa... um pouco dessa dificuldade (...)”

Assim, há indicativos de significativa mobilização afetiva do pai para com a filha. Diante do distanciamento inerente à separação conjugal, ou mesmo da percepção de um possível afastamento por conta da filha, o pai percebe desafios, e busca solucioná-los – comprando um imóvel ou buscando a opinião de um profissional. Há também indicativos de sentimentos de preocupação com o relacionamento com a filha. Possivelmente, os signos “*Relacionamento (com a filha)*”, “*Saúde/Bem estar (da filha)*” e “*Responsabilidade/Compromisso*” são poderosos orientadores ontogenéticos, que conduzem ao caminho semiótico da afetividade e do engajamento em cuidar da relação com a filha – de forma a influenciar decisões relativas a outras dimensões da vida, como o endereço residencial.

Futuro: sonhos, desejos, expectativas, receios;

Diversos são os momentos em que Romário descreve expectativas sobre o comportamento da filha no futuro. Em seus relatos, há descrições sobre *como ele gostaria* que se desenvolvesse a personalidade da filha, declarando engajar-se em favorecer esta trajetória – apesar de considerar que há significativas possibilidades de o desenvolvimento dela seguir outro caminho.

“(...) eu quero ver isso, uma mulher que saiba o que quer da vida, “Ó meu pai, eu quero esse curso aqui.”, preparada na escola, calma, tranquila, que eu não enxergo aquela euforia de vida, eu enxergo minha filha assim, sei que nem... pode não ocorrer, mas eu procuro dar um embasamento a ela, assim, pra saber de fato o que quer (...)”

“(...) mais tranquila, sabendo ouvir, sabendo mudar de ideia, entendeu? (...)”

“(...) totalmente materialistas, né, das filhas da irmã da mãe... então eu também conversei com minha mãe assim, “Olhe minha mãe, eu faço a minha parte.”, lá na frente a probabilidade é grande dela puxar esse lado da mãe (...)”

Há na narrativa do pai indicativos de que ele *percebe* significativas diferenças entre a educação que a sua filha recebe por parte dele, e por parte da ex-cônjuge – possivelmente havendo sentimentos de *mal estar/contrariedade*. Diante deste cenário, Romário declara buscar criar contextos em que a filha possa desenvolver os valores que ele considera mais adequados (ver seção “Educação”). Possivelmente signos hipergeneralizados (*valores*) como “*Atenção*”, “*Carinho*” e “*Presença*” orientam as atitudes de Romário no tocante a como se relacionar com a sua filha – buscando conversar e orientar a filha e criar contextos para o desenvolvimento de habilidades e competências.

Ainda referindo-se ao futuro que gostaria que se concretizasse, no tocante ao desenvolvimento comportamental da filha, Romário constrói um enquadre semiótico relacionando este futuro com uma atividade que ele particularmente preza e na qual busca inserir a filha: a natação.

“(...) isso que você sentiu aí ó [*medo de estar no mar*], eu acredito que ela não sentirá, e se sentiu já passou, porque eu já sai, assim, cem a duzentos metros com ela, assim, ela três anos de idade com colete e a gente saía nadando, ela atrás, eu arrastando ela, tal, voltava, e ela se amarrava, e hoje mesmo ela chega na praia ela olha um barco assim

longe ela “Meu pai eu quero ir naquele barco, vamo lá?”, e vai mesmo comigo, ela tem um colete, aí já vai pá (...)”

“(...) É. Então assim, ela... eu já nadava e... essa questão mesmo... um sonho pra mim vai ser isso, ela disputar uma prova comigo. Vai ser um sonho mesmo (...)”

Há indicativos de sentimentos de *orgulho* e *satisfação*, por parte de Romário, ao *imaginar* a filha desempenhando e desenvolvendo-se numa trajetória esportiva semelhante à escolhida pelo pai. Possivelmente o signo “*Passagem do tempo*” é um orientador ontogenético que faz o participante entrar em contato com um evento, de modo imaginativo, que pessoalmente lhe traga intensas satisfações pessoais – no caso em questão possivelmente constatar que ele, enquanto pai, desempenhou uma função de exemplo para a filha, e poder desfrutar de uma relação de companheirismo com a mesma.

Educação

Esta é, em absoluto, a esfera de vida que mais surgiu na narrativa de Romário – tanto referindo-se a si mesmo, quanto referindo-se à filha. Há indicativos de que para o participante, buscar conhecer as próprias limitações e engajar-se em superá-las, tornando-se mais habilidoso e competente, é algo provavelmente de significativo valor.

Assim, ao falar sobre o momento em que experimentou a sensação de ser pai, o caminho semiótico descrito por Romário é o de endereçar a si mesmo a tarefa de cuidar mais e melhor de si mesmo, para estar apto a cuidar da filha, e também para poder ocupar o papel de um modelo de comportamento a ser seguido. Assim este pai relata ter mudado a sua atitude quanto ao autocuidado, visando de modo indireto contribuir para o desenvolvimento da filha.

“Olha, uma coisa também que eu prezo muito, Paulo, é a questão do exemplo, quando eu fiz essa reflexão quando ela andou que eu parei e falei “Não, eu tenho que olhar minha vida.”, eu olhei pelo exemplo, eu disse “Eu preciso me cuidar...”, foi uma das coisas... “...que minha filha vai precisar de mim, e eu preciso acima de tudo dar exemplo. Lá na frente eu não vou poder chamar ela atenção de certas coisas que eu faço.”

Em sua narrativa, Romário descreve detalhadamente sua *percepção* sobre episódios em que ele aproveita momentos de entretenimento para poder ensinar algo que considera relevante para o desenvolvimento comportamental da filha:

“(...) Treinos, é... “Ó, filha, a perna é assim... não é... assim, é aqui juntinho, o braço é, ó, coçando aqui a orelha, ó, fechadinho, não é aberto, entendeu (...)”

Nesta mesma intenção pedagógica, voltada para o desenvolvimento de habilidades, este pai descreve situações em que ele cria contextos propícios ao aprendizado e desenvolvimento de competências por parte da filha:

“(...) jogo uma pedra assim numa profundidade assim de um metro ela desce e vai lá pegar, e volta, e tal, e... entendeu?”

Em todos esses exemplos, há indicativos de que o signo “*Desenvolvimento Pessoal*” é um forte orientador ontogenético da atitude de Romário quanto à filha. Provavelmente por ser tão engajado na busca por desenvolvimento, em sua própria vida, este pai também tende a perceber e a criar, nos momentos em que está com a filha, oportunidades para o desenvolvimento pessoal da filha – atuando na posição de um orientador/treinador.

“(...) Eu corrijo um... um modo de sentar na mesa, um modo de mastigar, Carol mesmo eu canso de falar, “Filha, se mastiga com boca fechada.”, ela tem (incompreensível), tem gente que fala assim, “Porra, cinco?”, mas tem que aprender, é de pequeno que faz o grande (...)”

Esta tendência a engajar-se em situações de *Desenvolvimento Pessoal* também surge quanto ao ensino escolar da filha. Possivelmente guiado por este signo, este pai declara envolver-se nas atividades escolares da filha desde o período anterior à separação conjugal, exercitando uma atitude de vigilante e supervisor do processo de aprendizagem da filha – atualmente exercendo este papel apenas nos momentos em que está com a garota.

“(...) com Carol eu faço na sexta-feira, ela chega, eu vou fazer o resumo, ver se tem alguma reclamação, conversar com ela (...)”

Romário passa também a destacar algumas das diferenças por ele percebidas quanto ao seu modo de educar e o modo da ex-cônjuge. Em seus relatos, ele descreve a si mesmo enquanto alguém que preza pela disciplina, mas que não age com agressividade – situando a mãe da sua filha de modo oposto.

“(...) Então eu sou assim. A mãe já não é... a mãe é mais... a mãe é mais na gritaria, “Ahhh... Não-sei-o-quê... Não-sei-o-quê...”, eu já não sou na gritaria. Se eu tiver de reclamar eu chamo ela e ela já sabe, é meia

hora de conversa no pezinho do ouvido, passo um castigozinho e cabô, entendeu?”

Ainda no âmbito das comparações entre os estilos educativos dele e da ex-cônjuge, Romário destaca a sua percepção sobre acreditar ser importante o merecimento para se ganhar presentes – significados então enquanto *recompensas*. Percebendo a si mesmo enquanto tendo restrições financeiras e tendo como motivação o *Desenvolvimento Pessoal*, este pai descreve o seu ponto de vista meritocrático:

“(…) aí Carol sai comigo “Papai compre isso.”, eu digo “Olhe filha, não é assim, você tem que entender que papai só te dá presente quando você merece. E existem as datas pra dar presente...”, e a mãe sai, compra tudo, o quarto dela é uma coisa de cinema, de boneca... comigo ela não é assim (...)”

Saúde e bem estar

Em diversos momentos da narrativa do pai, o signo “*Saúde/Bem estar (da filha)*” surge possivelmente orientando-o ontogeneticamente no sentido de evitar expor a filha a situações que poderiam causar-lhe sofrimento emocional – notoriamente em contextos relatados em que ele *percebe-se* mal conceituado pelos familiares da filha, na frente dela.

“(…) E aí ela vive dizendo pra Carol “Ah, porque a esposa de seu pai é feia.”, aí eu digo. “Ô filha, não ligue não, mamãe é brincalhona, mamãe é assim mesmo (...)”

“(…) Pode também ser um... é uma situação muito, assim, que as pessoas deveriam ter uma maturidade maior, que não sa... saber o que falar, eu jamais falo mal de ninguém da família dela na frente de Carol (...)”

Personalidade da filha

Ao descrever comportamentalmente a filha, Romário destaca principalmente traços percebidos enquanto similares aos dele próprio.

“(…) Ela mesmo agora *tá* entrando na natação. É danada, assim ó... puxou a mim mesmo na água. Já aprendeu a nadar sozinha com cinco anos de idade. Já sabe nadar sozinha.”

Há indicativos de sentimentos de *satisfação* e *orgulho*. Possivelmente signos como “*Desenvolvimento Pessoal*” (um valor bastante presente na narrativa) orientam ontogeneticamente a seleção perceptiva do pai no sentido de notar a evolução comportamental da filha.

Lazer/entretenimento

Os momentos de entretenimento com a filha, destacados por Romário, ocorrem em momentos em que eles se engajavam em atividades na água. Em um dos exemplos, o pai destaca a forma que ele inseriu a filha na atividade de nadar no mar, constatando o resultado, no momento atual: a filha, de forma autônoma, convida-o para realizar esta atividade.

“(…) cem a duzentos metros com ela, assim, ela três anos de idade com colete e a gente saia nadando, ela atrás, eu arrastando ela, tal, voltava, e ela se amarrava, e hoje mesmo ela chega na praia ela olha um barco assim longe ela “Meu pai eu quero ir naquele barco, vamo lá?”, e vai mesmo comigo, ela tem um colete, aí já vai pá (…)”

Há indicativos de sentimentos de *satisfação* e *orgulho* na narrativa do pai, ao referir-se ao comportamento da filha, por ele oportunizado. Há também indicativos de uma relação simétrica entre os signos “*Lazer/Entretenimento*” e “*Educação*” – visto que simultaneamente ao momento do divertimento, há também, por parte do pai, intenções pedagógicas.

3. DAVI

Contexto da entrevista: Davi é parente de uma pessoa que faz parte da rede de contatos do investigador. A partir desta pessoa, o contato telefônico com o participante foi realizado e a entrevista foi realizada no espaço de sua casa. Davi foi bastante receptivo e solícito aos questionamentos do entrevistador, engajando-se ativamente na conversação.

Resposta à pergunta disparadora

Davi inicia a sua narrativa relatando o contexto em que descobriu que seria pai: relata que estava namorando, e ressalta a *percepção* de que o amor não era um dos sentimentos que nutria em relação à parceira. Diante da situação, relata que passou cinco anos no relacionamento, apesar das adversidades, motivado pelo amor ao filho.

“(...) A história da minha paternidade, assim, eu pensava em ter filho (...) só que aquela acabou era uma namorada que engravidou, não tinha amor na coisa (...) um belo dia ela falou que tinha uma surpresa, e a surpresa foi Davi, que nasceu, né... a gente ficou o quê? Cinco anos juntos, mesmo sem se gostar, e as pessoas sem acreditarem, mas por amor a criança eu fiquei esse tempo junto, não tinha amor pela mulher, nunca teve amor (...)”

Davi também destaca a sua *percepção* de que a separação trouxe sofrimento ao filho, devido ao apego que o mesmo nutria pelo pai (visto eles deixarem de conviver juntos).

“(...) como eu posso falar, assim, eu... percebi que... sofre, a criança sofre um pouco... um pouco, né? Por conta da separação, do amor que eu tinha com ele, do que a gente fazia juntos (...)”

Davi passa então a *tecer comparações* entre o afeto do filho por ele e pela ex-cônjuge, e entre os valores pessoais dela e os dele.

“(...) ele era muito mais apegado a mim do que a própria mãe. De ter relatos na escola da professora perguntar “Cê quer... gosta de dormir com quem?”, ele falar “Com o papai.” (...). Eu acho que vai muito de valores, assim (...) a mãe dele é muito materialista. E eu sempre mostrei mais outros valores, assim, do carinho, da atenção, do *tá* junto, e aí por conta disso criou uma ligação muito forte comigo, assim (...)”

Por fim, Davi destaca *percepções* sobre algumas dificuldades que enfrentou após a separação, quanto a ter contato com o filho:

“(...) Só que chega um momento que... né, tem um limite do... de *tá* junto, mesmo em função da criança ali, você vê que não dá mais, e aí por conta disso a gente resolveu se separar em dezembro do ano passado, vai completar um ano agora (...)”

“(...) Pego ele, né? Quinze em quinze. Foi muito difícil chegar até isso, porque, assim, ela usava várias das mais absurdas desculpas, assim, pra pegar ele no início (...) Qualquer coisa era motivo, se ficasse gripado não vinha, embora ela sabia que eu trabalhei doze anos em farmácia (...)”

Assim, em resposta à solicitação do entrevistador para participante relatar a história da própria paternidade, e diante de diversos caminhos semióticos possíveis, a construção narrativa

de Davi deixa indícios de um caminho semiótico que relaciona o signo “*Paternidade*” especificamente com outros, como “*Conjugalidade (sem amor)*”, “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem estar (do filho)*”, “*Educação (do filho)*” e “*Ex-cônjuge (dificuldades)*”. Assim, diante da *percepção* de uma relação conjugal insatisfatória, Davi *opta por manter-se unido* à então cônjuge, guiado pelos signos “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Saúde/bem estar (do filho)*”, até o momento em que, com a passagem do tempo, o signo “*Satisfação Pessoal*” passa a exercer maior influência em sua conduta – e ele então *movimenta-se no sentido de separar-se* da então cônjuge. Há indicativos de *sentimento de resignação* diante do término do relacionamento conjugal, e talvez de *mal estar* diante da *percepção* do possível sofrimento do filho diante do afastamento físico do pai, contingente à separação conjugal.

PATERNIDADE E TRAJETÓRIA DE VIDA

ANTES DA PATERNIDADE

Percepção de Paternidade

Através da leitura da narrativa de Davi, percebe-se que no momento em que descobriu que ia ser pai, havia já alguma participação do signo “*Paternidade*” na regulação emocional-semiótica do participante (provavelmente relacionada com o signo “*Futuro*”), sem entretanto ser um signo com expressiva mobilização afetiva a ponto de concorrer para conduzir Davi a tomar a iniciativa de buscar tornar-se pai. O participante relata que já nutria algum desejo por tornar-se pai – todavia provavelmente não naquele momento da vida e nem no contexto em que a sua paternidade tornou-se realidade (sem amor e sem preparação/estrutura). Em sua narrativa, há indícios de *sentimento de surpresa* diante da descoberta de que seria pai, seguidos de *atitude de aceitação* da nova condição – sendo esta atitude possivelmente facilitada pela possível existência prévia do signo “*Paternidade*” em sua estrutura semiótica, mesmo que, ao momento da descoberta, de modo emocionalmente tangente, em comparação a outros signos mais afetivamente imponentes.

“Vou ser pai”

Davi relata o contexto em que tomou conhecimento que seria pai, e como lidou com o período gestacional da então companheira:

“(...) E um belo dia ela disse que tava grávida, a gente saiu pra lancha e ela “Ah, eu tô grávida.”. Eu até levei na brincadeira “Ah, eu tô também, comi dois sonhos.” ... né? (...) Não acreditei, mas foi ficando verdade.”

“(...) Acompanhava ela nos exames, eu fui me mostrando presente, mesmo sem gostar, mas eu pensava na... a barriga vai crescendo você vai tomando gosto. Seu filho, e tal, aí você vê aquela foto. Na verdade é um rabisco preto e branco mas você fala “Oh, meu filho...”, e tal. Aí você vai gostando, né? Mesmo sem querer ser pai (...)”

Em sua narrativa, Davi destaca que apesar de ter percebido a consecução de sua paternidade num momento que possivelmente qualificava como não favorável, ele realizou movimentos que apontavam para uma presença e participação nos eventos inerentes à gestação da então companheira – havendo indicativos da presença do *signo* “*Responsabilidade/Compromisso*”.

O participante destaca também a sua percepção sobre sua reação diante da ultrassonografia do filho, relatando a presença de *sentimentos de vinculação* ao então feto e *aproximação emocional* da condição de pai – havendo a possibilidade de que o *signo* “*Paternidade*” estivesse passando por uma nova conformação semiótica diferente daquela que existia anteriormente à notícia de que seria pai.

Em outros trechos da narrativa do participante, é possível ainda perceber a presença de outros signos subjacentes à assunção da *identidade paterna* – no caso de Davi de modo intimamente relacionado à *identidade conjugal*, visto que para ele provavelmente o signo “*Pai*” foi construído de modo simétrico a “*Pai (de família)*”. Assim, diante da ambivalência presente em não necessariamente querer ser pai naquele momento, não nutrir pela companheira de então sentimentos de amor, relacionar-se com a notícia de que seria pai e *decidir formar uma estrutura familiar nuclear*, é válido inferir a presença de outros elementos semióticos:

“Mesmo sem querer ser pai (...) os valores que meus pais passaram...do amor, do carinho, essas coisas, eu não... mas a ideia... eu acabei indo morar (...)”

Há nos trechos indícios da força dos *signos* “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Família (valores)*” enquanto participantes na decisão pela conformação familiar/conjugal e assunção da identidade de “*Pai de família*” – mesmo havendo elementos que provavelmente

concorriam para o participante tomar uma decisão contrária. De acordo com a narrativa de Davi, havia *a presença semiótica dos pais dele* enquanto influenciadores da decisão de *responsabilizar-se e assumir o compromisso* diante da então namorada e do filho, optando pelo caminho afetivo–semiótico adotado de *abrir mão de satisfações pessoais e ir morar com nova família*.

Um último elemento semiótico que pode ter participado na assunção da identidade paterna de Davi está ligado à *percepção* de uma possível gravidez intencional da então namorada – havendo indicativos de *sentimentos de mágoa e de impotência*.

“Só que aí era o sonho dela ter filhos, e tal... era dela, não era meu, eu não sabia, ela não compartilhou isso comigo (...)”

PATERNIDADE ANTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

Sentindo-se pai

Davi relata o contexto em que passou a notar em si o sentimento de paternidade:

“(...) Os dois, três meses depois que nasceu, porque eu chegava do plantão, ia tomar banho, chegava no quarto, ele dava aquele sorrisinho ... ele conhece o cheiro... aí ele é que foi me conquistando, essas coisas (...)”

“(...) eu tomava um banho, tomava café e deitava junto da cama pra ficar olhando ele, curtindo ele ali. Aí isso foi me ganhando. Aí eu dormia primeiro que ele normalmente porque eu chegava cansado (...)”

Ao ser questionado sobre a gênese do sentimento de paternidade, há indicativos do enquadre semiótico desse sentimento no contexto do retorno do trabalho para casa – possivelmente havendo, neste enquadre, relações como *“Trabalho (Cansaço) ↔ Casa (Relaxamento)”*. Estes elementos deixam indícios de que o *sentimento de paternidade* tenha gênese num enquadramento afetivo de prazer–relaxamento–recompensa, que possivelmente tendem a influenciar Davi a mover-se afetivamente em direção ao filho.

Dificuldades/Desafios

É uma característica marcante da narrativa de Davi a presença de relatos sobre dificuldades e desafios advindos da relação com a ex-cônjuge. Enquanto descreve as suas diversas vivências, é notável a presença deste elemento, seja falando diretamente destas dificuldades, ou em meio a relatos sobre outras experiências – quando então as reclamações a respeito do comportamento da ex-cônjuge impõem-se e repentinamente irrompem em seu discurso:

“(...) às vezes eu queria ir pra algum lugar com Davi, ela nem ia e nem queria que eu levasse ele. Eu falei “Porra, mas eu não posso? Eu sou o pai.”

“(...) Aí eu dormia primeiro que ele normalmente porque eu chegava cansado. E botava aqui, dava carinho... ela já se mostrava impaciente, mas não mostrava ser quem foi ao longo da relação.”

Davi destaca assim sua *percepção* sobre os desafios relativos a ser pai, situando semioticamente a *ex-cônjuge* como principal signo neste enquadre. Há indícios de *sentimentos de surpresa e revolta*.

O participante relata também a *percepção* de que, devido ao seu regime de trabalho, o tempo disponível para estar com o filho era limitado:

“(...) aí já não via tanto meu filho porquê de manhã ele ia pra escola, e dava um beijinho de manhã pra ele ir pra escola, e ainda *tava* dormindo ainda porque chegava três, quatro da manhã, acordava, dava benção, beijinho e ia pra escola (...)”

“(...) Mais os domingos, que sábado também eu trabalhava. É *pau* viola... *pauleira*. Aí por conta disso fiquei muito período vendo mais sábado e domingo, assim (...) Ou quando eu ganhava alguma folga aí eu ficava com ele... total a dedicação a ele.”

Em seu relato, há indicativos de *sentimentos de resignação* com a condição de ter que trabalhar em um esquema laboral que tinha como uma das consequências ter pouco tempo disponível para contato físico com o filho.

Lazer/entretenimento

Davi narra momentos de entretenimento entre ele e o filho, deixando indícios de *sentimentos de satisfação e alegria*. Há indicativos também do *signo*

“*Companheirismo/Parceria*”, quando Davi destaca os momentos em que ele e o filho *iam para o mundo numa atitude “exploratória”*, ou mesmo quando eles compartilhavam de *irem dormir tarde assistindo televisão juntos*.

“Eu acordava e tomava café com ele... às vezes tinha acordado também e *tava* na casa da avó, mas eu ouvia as pisadas, ele subia “Pai?” (...) aí tomava vitamina comigo, colocava desenho pra assistir junto, “Vamos dar uma volta, pai?”, pelo bairro lá, dava uma volta com ele, eu saía com ele, era eu e ele (...) só simplesmente ver uma água que parou, um acidente, um poste, qualquer coisa, mas eu e ele. Íamos no clube aos domingos também, mais eu e ele.

Na narrativa de Davi sobre os momentos de entretenimento com o filho, há também indícios da presença semiótica subjacente da *ex-cônjuge*, mesmo que numa relação de “*Ausência física*” – quando o participante destaca o “eu e ele”.

Impactos ontogenéticos

Davi destaca uma *atitude de adaptação* diante da nova realidade de pai de família: *vende o seu carro, muda de endereço, faz um curso e muda de trabalho*.

“O que mais mudou, assim, radical, que eu achei, foi o lance de que... pra não atravessar na paralela pra trabalhar, eu resolvi mudar de profissão, assim, tentar uma outra coisa. Fiz o curso profissionalizante de empilhador, certo? (...) Aí o que mais mudou foi isso aí. Além da rotina de... apesar de eu não ter o cabelo grande, tem um lugar que *cê* gosta de cortar o cabelo, tem aquele dentista do bairro que *cê* já conhece, um lugar que *cê* vai fazer as compras... mudou completamente, assim, fui morar lá, tive que me adaptar total. Abri mão da minha vida, né, por conta da vida deles, né?”

“(...) tinha uma graninha, tinha um carrinho velho na época, vendi, como ela tava construindo eu ajudei ela a terminar de construir (...)”

A SEPARAÇÃO CONJUGAL

Quanto à vivência de separação conjugal, Davi demonstra a sua *percepção* sobre elementos que contribuíram para esta decisão:

“(…) às vezes eu queria ir pra algum lugar com Davi, ela nem ia e nem queria que eu levasse ele. Eu falei “*Porra*, mas eu não posso? Eu sou o pai.”

“(…) É ela, assim, sempre se mostrou uma pessoa nervosa. Então uma vez eu... agressão... eu gostava... tudo bem, pa... uma palmadinha, tudo... mas uma vez ela, não sei porque motivo, tentou... eu percebi que ela *tava* se excedendo, né, nas palmadas, eu aí tive que intervir (...) Aí quando eu *tava* em casa ela sabia que não podia pegar muito pesado com o pequeno por conta disso, tudo bem, a mãe pode botar de castigo, pode dar uma palmadinha, mas excesso não, na minha frente não aceito. Aí isso tudo foi distanciando a gente, já não tinha mais amor (...)”

“(…) e a cabeça feminina é muito louca, cara, aí por conta disso elas acham que não queria... quer me privar do sexo. Aí começou a ter mais problemas (...) Eu já não suportava, imposições, chatice, falta de sexo, até de... *porra*... ela não queria lavar minha roupa, e *porra* (...) eu não deixava de pagar as contas, eu... eu... “*Porra*, será que eu *tô* sendo sacana assim, mas as contas *tão* pagas, as compras *tão* feitas...”, não que isso seja tudo, mas acabava vendo o lado que ela enxergava, material, eu digo “*Pô*, eu fiz o material, *cabô*...”, se ela não liga outros valores. E o último ano foi... superação, arrastando mesmo com a barriga.”

De acordo com o relato do participante, o processo de separação conjugal foi gradual e possivelmente marcado por *frustrações* de ambas as partes, que levam-no a *afastar-se* conjugalmente.

PATERNIDADE POSTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

A guarda

De acordo com a narrativa de Davi, há o compartilhamento da guarda do filho com a ex-cônjuge, situação formalmente legalizada e resultado da iniciativa dela. Em seu relato, o *signo* “*Guarda*” surge no enquadre semiótico da garantia do “*Direito (de visitação)*”.

Davi destaca *percepções* sobre as dificuldades que enfrentou para conseguir exercer o seu direito de desfrutar da presença do filho – *atribuindo causalidade* às atitudes da ex-cônjuge, percebidas enquanto arbitrárias. Há na narrativa indícios de *sentimentos de impotência* e *indignação* diante do comportamento da mãe do garoto de dificultar o contato dele com o filho.

Diante da percepção deste contexto, Davi destaca que *foi ao órgão judiciário* responsável e *fez uma acusação* contra a ex-cônjuge.

“(...) Aí a segunda vez eu dei a queixa por conta dela... do descumprimento da parte dela. (...) Ela sempre... era como ela queria. O humor dela... dependia do humor dela pegar meu filho (...)”

“(...) Tive que dar uma queixa, porque ela se acha... que intimida, por morar em [nome do bairro]... Dei uma queixa, foi chamada (...)”

“(...) Que a mulher perguntou se eu queria baixar a pensão, alguma coisa, um dia, eu falei “Eu só quero ver meu filho. A única coisa que eu quero é ver meu filho” (...) Apesar de não *tá* com emprego certo, assim, mas sou *correria*, sou trabalhador e nunca deixei de... dar as coisas pro meu filho, mas perante a lei a gente é visto como vilão, né? O pai que abandona, que não dá as coisas, e tal, e não, eu mostrei que era o contrário.”

Durante sua narrativa, destacando a pergunta da oficial de justiça quanto à sua intenção em ir até o órgão judiciário, Davi destaca a sua *percepção* de que seria algo válido, de sua parte, requerer alterações – que lhe fossem pessoalmente vantajosas e adequadas à situação laboral e financeira de então – no acordo de guarda. É notável, na conversação com o entrevistador, o destaque que Davi (implicitamente) dá ao caráter inusitado enfrentado pela situação vivida pela oficial de justiça, ao receber um pai que aciona deliberadamente a instituição judiciária apenas para garantir o direito de ver o próprio filho, aparentemente sem outros ganhos pessoais. Assim, há na narrativa do participante indicativos da presença do *signo “Responsabilidade/Compromisso”* diante das suas obrigações financeiras para com as necessidades materiais do filho, e de *sentimentos de orgulho e de satisfação* para com a própria atitude relatada ao entrevistador.

Através da descrição de Davi a respeito da reação da oficial de justiça, assim como do fato de ele ter salientado, no diálogo com o entrevistador, o seu compromisso e desejo apenas em poder estar com o filho, é possível também inferir que há, ao nível mesogenético da experiência do participante (e possivelmente também da oficial de justiça), uma semiose afetivamente pouco intensa relativa ao pai que não tenha interesse intrínseco em desfrutar da companhia do filho, e que apenas deseje reduzir as suas responsabilidades (aqui citadas as de ordem financeira) quanto ao mesmo. Apesar do participante utilizar o termo “vilão” para

referir-se ao modo como percebe que o pai é mesogeneticamente significado (*irresponsável/descompromissado*), há simultaneamente indicativos de pouca afetividade associada a este signo – denotada na atitude conformista da oficial de justiça ao questionar a intenção de Davi.

Assim, levanta-se a hipótese de que Davi *percebe-se enquanto um pai interessado e responsável*, e que em sua percepção a respeito dos discursos sociais sobre a paternidade, no momento histórico atual, *nota* em sua própria atitude de pai uma ruptura semiótica com estes mesmos discursos.

Na continuação do trecho, Davi destaca sua *percepção* a respeito do poder de polícia diante de dificuldades vividas pelo pai separado:

1 – “(...) hoje, no caso, você tem um documento que comprova a sua guarda.

2 – Tenho desde a primeira vez, isso, guardo.”

2 – “(...) antes de dar essa queixa lá eu peguei meus papéis e fui na delegacia, disse “Ó, vim pegar meu filho que a mãe não tá cumprindo...”, e tal, e tal... aí o cara fez (...) “É, rapaz, não posso fazer nada.”. Aí eu falei “Mas se eu der uma paulada nela aí cês vão lá atrás de mim, né não?”, ele falou “É, isso tá... a lei...”, eu digo “Ô, e se ela não tá sendo... não tá infringindo a lei?”.

1 – E não fez nenhum boletim de ocorrência não?

2 – Que nada”

O participante *percebe* que mesmo na existência de um documento legal que comprove a existência do compartilhamento da guarda, a polícia é uma instituição sem utilidade para garantir o direito de exercício da paternidade. Há neste relato indícios de *sentimentos de impotência, frustração, raiva e abandono* (diante das instituições sociais). Contingente a esta negativa vinda da polícia, ele então *vai até a Defensoria Pública* para *dar queixa* contra e ex-cônjuge, e lá consegue ser amparado e ter a situação resolvida.

“Foi chamada atenção, assinou um novo acordo e falou que ia cumprir. Até então tá cumprindo”

Quando a narrativa passa a abordar o futuro, Davi *destaca o seu desejo de que o filho possa escolher vir a morar com ele*. Em seu relato, há indícios de como a presença semiótica do filho influencia a forma como, no presente, ele *planeja a sua trajetória de vida futura* – pensando em investir na própria educação para poder ter um incremento na vida financeira e laboral, visando a ter mais tempo livre e poder proporcionar ao filho a possibilidade de morar com o pai e ter uma vida que Davi entende como compatível com esta realidade.

“(…) Espero que sim, que quando ele tiver maiorzinho, poder de... poder dar um celular a ele... acredito que... tenho até falado pra J., assim, a vontade que eu não tive de estudar quando novo que eu sempre fui de trabalhar, de namorar muito cedo e não me dediquei muito ao estudo, eu penso em voltar a estudar, é uma das metas de dois mil e dezesseis, ainda fazer uma faculdade, pra ter um salário melhor pra poder ele... morar com ele, cara. Eu penso em trazer ele pra mim, com doze anos, (...) aí o objetivo é esse, voltar a estudar pra poder ter mais tempo, né, ter uma vida um pouquinho mais confortável e poder ter meu filho do meu lado.”

Percebe-se neste e em outros trechos da narrativa a presença de um signo que será aqui denominado de “*Passagem do tempo*”. Sendo tão presentes em sua narrativa relatos a respeito de dificuldades enfrentadas, indícios de *sentimentos de impotência, frustração*, e o constante investimento de energia em *buscar soluções* para garantir o direito de encontrar com o filho – e nestes curtos momentos *buscar desempenhar diversos papéis* como *educar, divertir, reforçar vinculação afetiva* –, é válida a hipótese sobre a presença semiótica da “*Passagem do tempo*” ser um signo que cumpre uma *função reguladora no sistema afetivo-semiótico* de Davi. Possivelmente, pensar sobre ele e o filho morando juntos e fazer planejamentos que contemplem este objetivo deve possibilitar a *redução do mal estar/alívio* ocasionado pelas dificuldades enfrentadas.

A ex-cônjuge

Enquanto Davi narra suas percepções e reflexões sobre os eventos relativos à sua paternidade, a ex-cônjuge aparece semioticamente em diversos momentos. O participante destaca a presença desta personagem, que surge em enquadramentos semióticos em que ele figura enquanto vítima de arbitrariedades por ela impostas, e que trazem como consequência obstáculos que em sua percepção dificultam o exercício de sua paternidade:

“(…) Pego ele, né? Quinze em quinze. Foi muito difícil chegar até isso, porque, assim, ela usava várias das mais absurdas desculpas, assim, pra eu não pegar ele no início. Não sei se por gostar de mim ainda ou não (…)

Qualquer coisa era motivo, se ficasse gripado não vinha, embora ela sabia que eu trabalhei doze anos em farmácia (…)”

“(…) depois que eu arrumei uma namorada, e fui lá com a namorada, ela também usou isso como desculpa pra não deixar ele ir... qualquer coisa era motivo. Dia dos pais ela sequer deixou eu dar um abraço nele, cê acredita?

“(…) Aí normalmente a grana deposito no quinto dia útil(…) por não ter depositado na sexta.. eu deposei na segunda, não acredito que vai fazer diferença até porque eu tava sem grana.. Por conta disso... eu fui buscar ele no sábado e ela não deixou ele ir. Pedi pra dar um abraço, ela se negou. Eu disse “Eu quero só dar um abraço nele.”, ela fechou o portão, deixou ele chorando, fiquei nervoso na calçada (…)

Por conta disso eu dei uma queixa dela na conciliação de pequenas causas, geralmente é as mães que dá, né?”

Diante das situações relatadas, há indicativos de *sentimentos de impotência e indignação*, além de *inclinações comportamentais violentas* (ver trecho abaixo). É interessante também notar, em um dos relatos, a presença da *mãe* enquanto um *regulador semiótico*, que contribuiu para que ele não tenha concretizado o impulso agressivo.

"Pra você ter uma ideia eu fui visitar ele na escola antes de viajar. Cheguei lá na escola como normalmente eu faço, né, me apresento, entro, me apresento, a moça vai chamando lá. Da última vez que eu fui ela fez “Eu queria falar com o senhor.”, eu disse “Porra, o que será?”, ela falou que... que a mãe de Davi tinha proibido de ver ele, eu disse “Como assim? Aqui na escola?”, aí não aceitei não, aí tava secretária, segurança, tudo, eu subi, digo “Ó, ninguém toque em mim, eu vim ver meu filho (…)

mesmo sendo mais sereno, tranquilo, eu não sei como eu ia reagir não.”

“(…) É uma mulher grossa. Não... ignorante. De natureza, de criação. Foi tanto que no início minha mãe deu muito conselho, a vontade que deu foi de... como apesar de eu morar aqui eu sempre joguei bola então eu conheço todo tipo de gente aí na baixada, de traficante a matador... A vontade que deu foi de... perder quinhentos reais e mandar cortar ela, é o que custa a vida pra a gente na favela aí, cê encomenda a morte,

quinhentos reais, o cara mata quem você quiser. Aí a vontade foi essa (...)"

Noutro relato, Davi destaca uma reflexão que desenvolveu após vivenciar o tipo de episódio descrito anteriormente. Assim, diante da percepção de que os motivos que a ex-cônjuge lhe dava para impedi-lo de ver o filho, *Davi levanta a hipótese* de haver uma motivação subjetiva e emocional por parte da mãe do garoto, arbitrária e extrínseca quanto ao contato do pai com o filho:

"(...) Não sei se por gostar de mim ainda ou não, não sei, era um comportamento completamente estranho dela como mãe"

"(...) Por conta disso a... a conciliadora falou duas vezes com ela "O foco é a guarda de Davi.". Que não tinha nada a ver. "Não, porque lá atrás quando ele me conhece...", a moça fez "A gente não... Aqui não tá aqui pra discutir a relação. Isso foi antes. Hoje é a guarda de Davi.", por duas vezes ela falou (...)"

Diante da *percepção de obstáculos arbitrários*, Davi demonstra suas reações emocionais e comportamentais diante das situações com que se deparou. Assim, como demonstrado em trechos anteriores, ele *busca os órgãos de polícia e o judiciário; desloca-se até a escola do filho* para ter momentos de contato com ele; *busca sua rede de apoio*; e *tenta convencer o filho a buscá-lo*:

"A mãe dele me bloqueou no celular (...) Aí eu ligo pra a casa da avó, pro fixo. Quando ele atende eu falo, quando ele não atende, os adultos não atendem que sabem que sou eu os horários já, aí eu falo "Por que cê não liga pra poder ir lá.", aí ele diz "Ah, minha mãe disse que o senhor que tem que ligar", digo "Pô, mas eu ligo e sua mãe não atende, cara.", mas pra ele não dá pra entender essas coisas ainda."

Mais uma vez é possível notar a presença do *signo "Passagem do tempo"* enquanto cumprindo a função de aliviar os sentimentos de frustração e indignação produzidos diante dos obstáculos encontrados – conduzindo à *percepção* de que aquela situação é passageira, e que o filho no futuro irá compreender a situação de modo diferente – possivelmente podendo passar a agir de modo favorável ao pai.

Alienação Parental

Durante a narrativa de Davi, além dos eventos anteriormente descritos em que ele percebe que o contato e a convivência dele com o filho foram dificultados pela ex-cônjuge, há relatos do participante que demonstram sua percepção sobre a realização de campanhas de desqualificação da sua conduta:

“(…) Cervejinha bebo dentro de casa mesmo com a namorada. Ele não gosta. “Ah pai, você é do diabo.”, a mãe que diz (...) mas procuro evitar beber na frente dele, não gosto não. Só quando eu tô muito cansado (...)”

Davi destaca também como ele busca responder, quando percebe o filho reproduzindo conteúdos desqualificadores a seu respeito, vindos da ex-cônjuge:

“(…) Rapaz, é jogo de cintura, como tudo na vida eu procuro evitar as situações que ele... ele chegou até a falar que minha mãe era avó de consideração dele, ele não tem essas ideias na cabeça, cara, é tudo deles lá. A minha mãe às vezes se reta... “Ah, diga a sua mãe que...”, “Não minha mãe, não faz isso. Não entra nesse jogo.”, e é o que ela quer lá, ela e a avó, eu não mando nenhum recado de volta. Só às vezes que ele fala alguma coisa de minha namorada eu falo “Que nada, tua mãe que é feia rapaz.”,

“(…) apesar de tudo o que ela faz eu não quero que ele veja ela como figura de... de mãe ruim não, porque é mãe dele, entendeu?”

Nos trechos acima, Davi relata que diante das falas do filho *busca filtrar* quais conteúdos são dele, e quais conteúdos vêm da mãe. Diante destas situações, o participante destaca que *busca não adotar a mesma conduta que percebe ser realizada pela mãe*, havendo aqui indicativos da presença de *signos* como “*Saúde/Bem estar (do filho)*” e “*Família*” atuando enquanto reguladores da sua conduta, descrita na narrativa. O participante destaca ainda a sua *percepção* de que, a despeito das iniciativas significadas enquanto mal intencionadas por parte da ex-cônjuge, o vínculo entre ele e o filho mantém-se “aceso”.

“(…) E mesmo a mãe fazendo tudo o que faz não consegue apagar. Isso eu acho legal”

Durante a narrativa de Davi, é notável o destaque que o participante dá à fala de alguns *personagens*, que parecem funcionar enquanto *signos reguladores*, provavelmente fortalecendo o seu *sentimento de paternidade* e aliviando possíveis *sentimentos de culpa* vivenciados por

Davi quanto ao filho, devido à separação conjugal. Em sua narrativa, Davi destaca essas falas, havendo indicativos de *sentimento de satisfação*.

“(…) A pedagoga fala que ele chega feliz, contando inúmeras histórias. As aventuras, o que fez com o pai, pra onde foi, comeu isso, que comeu aquilo... Ela diz que é perceptível quando ele vem pra cá. Eu digo “É, então eu faço algum bem ao meu filho.”

“(…) E, né, que a mãe procura mostrar que cê tá fazendo tudo errado, mas... não adianta, tô no caminho certo.”

Pensão/Responsabilidades financeiras

Os trechos abaixo destacam pontos em que a temática das responsabilidades financeiras quanto ao filho são expostas por Davi:

“(…) no caso, o advogado da escola orientou que ela não tem esse direito, aí eu disse “Ah, que bom.”, ela não pode impedir que eu não possa ver meu filho. Aí eu abri o jogo, eu disse “Que bom, até porque sou eu quem todos os meses deposita a grana da mensalidade.”

“(…) por não ter depositado na sexta... eu deposei na segunda, não acredito que vai fazer diferença até porque eu tava sem grana.. Por conta disso... eu fui buscar ele no sábado e ela não deixou ele ir. Pedi pra dar um abraço, ela se negou.”

Em ambos os enquadres, há indicativos de que o participante perceba uma relação de simetria entre “*Paternidade (após separação)*” ↔ “*Pagar (pensão)*” ↔ “*Ter direitos*” – tanto quando ele relata pagar a mensalidade e assim ter garantido o direito de ver o filho, como quando ele demonstra o entendimento de que a ex-cônjuge não lhe permitiu ver o filho, mesmo numa data especial (dia dos pais), devido à ausência de pagamento da pensão.

Seguindo esta linha de raciocínio, Davi ressalta e reafirma o seu compromisso com o custeio das despesas do filho, mesmo em situações financeiras frágeis:

“(…) Apesar de não tá com emprego certo, assim, mas sou *correria*, sou trabalhador e nunca deixei de... dar as coisas pro meu filho, mas perante a lei a gente é visto como vilão, né? O pai que abandona, que não dá as coisas, e tal, e não, eu mostrei que era o contrário.”

Rede de Apoio

Durante a narrativa de Davi, há momentos em que alguns personagens são descritos enquanto participando como figuras de apoio ao exercício da paternidade dele, conversando e compartilhando das situações vivenciadas; levando ou buscando o garoto na casa da mãe; participando de programações de entretenimento; ajudando no suporte organizacional da casa:

“Cem por cento na alimentação que ele ama as coisas da avó (...) e no carinho, na atenção, sempre quando ele vem pra cá... sábado e domingo... eu tenho que sair daqui cinco e meia porque é quando começa o delivery de cinco às onze, pra pizza, então esse... esse horário aí é mamãe que dá o suporte.”

“(...) ontem meus pais que levaram porque eu não pude levar”

1 – “Tem outras pessoas com quem você conversa em relação a isso?”

2 – J., minha irmã. A namorada pouco, assim, pra ela não achar que eu tô trazendo a mulher pra dentro da nossa relação, tá entendendo? Mas às vezes eu desabafo com ela mesmo. Minha mãe, irmã... irmã”

“(...) A namorada em alguns momentos, algumas coisas, assim. Ou ir no porto da Barra dar uma nadada também, às vezes, pra dar uma descarregada, eu gosto de nadar então vou muito nadar no mar ali, dou uma nadada, dou uma caminhada”

“Mas depois ele já ficou... ama o celular, a amizade dele com você é o celular, ela dá o celular aí tem jogos... até no meu tá sem jogos, pega o celular dela [a namorada] e tem jogos ele já... ela já... já ganhou ele também”

Vida Social

Quanto à vida social, Davi destaca a sua *percepção* sobre ter se afastado dos amigos devido à escassez do tempo disponível, devido à carga horária de trabalho – situação mencionada em diversos trechos da narrativa. Declara *dedicar-se, em seu tempo livre, ao filho e à namorada* – havendo indicativos de *sentimentos de resignação* diante desta percepção.

“(...) e de amigos eu me afastei por conta de... do tempo (...) e atenção que eu tenho, o tempo que eu tenho é final de semana é pra meu filho e a namorada, se tiver amizade já vai fugir um pouco disso aí. Aí eu... só a dedicação a ele só. Aí me afastei muito de amizades, né”

Atual relacionamento amoroso

Davi descreve aspectos do relacionamento amoroso em que atualmente está engajado – destacando como a presença semiótica e física do filho é parte integrante do universo simbólico deste relacionamento. Assim, por exemplo, o signo “*Filho*” está presente na escolha da parceira afetiva:

“(…) A namorada gosta dele também. Se não gostasse era um... quem ia perder era ela... pré-requisito, eu disse a ela, desde o início, que tinha um filho e se ela gostava de criança. Porque se não gostasse eu não admitia. Eu dispensava (...)”

Em sua narrativa, Davi descreve também sua *percepção* sobre o engajamento da atual parceira em atividades de suporte à paternidade dele, participando de programações, ou mesmo deixando de estar com o namorado possivelmente em nome de um contato mais intensivo entre ele e o filho:

“(…) Não, esse ela não veio, mas alguns ela vem até pra dar um suporte também, mas funciona... até pra dar um suporte que ele é uma energia. Aí ela vem, dá um suporte, sai junto com ele, sai pra lanchar, tal, não... tem uma relação legal graças a Deus (...)”

Outro aspecto do relacionamento de Davi, na condição de pai, com a sua namorada, é *ter desenvolvido estratégias para lidar com possíveis sentimentos de ciúmes* – aqui descritos enquanto percebidos por parte do filho.

“(…) Eu percebia que ele ficava um pouquinho com ciúmes, que antes minha atenção era só dele (...) aí é tanto que muitas vezes eu pego ele, ela não vem pra eu ficar cem por cento com ele (...)”

“(…) Mas quando pega, a gente, eu procuro fazer coisas juntos (...) almoçar os três... se eu pegar um tomatinho pra botar pra ela, eu tenho que botar um tomatinho pra ele, pra ele não se sentir menor em nenhum momento (...)”

“(…) Aí até boto primeiro no prato dele “Toma pai, salada. Vou dar um pouquinho a ela viu?”, brincando assim... “vou dar uma moral a ela (...) tal, pra ele sentir que ele que é João, a moral é dele (...)”

Davi descreve a forma que percebe a situação de gerenciar o universo afetivo do filho quando da presença da namorada, relatando *buscar privilegiá-lo*, quanto à atenção dada, mas sem deixar de *cuidar do relacionamento com a parceira* – havendo indícios de *signos de “Saúde/Bem estar (filho/namorada)”*. Destaca também sua *percepção* de que a namorada conquistou a simpatia do filho, havendo indicativos de *sentimentos de satisfação*.

“(…) ama o celular, a amizade dele com você é o celular... ela dá o celular aí tem jogos... até no meu tá sem jogos, pega o celular dela e tem jogos (...) ela já... já ganhou ele também (...)”

Relação com o filho

Contato com filho

Enquanto narra momentos atuais em que está relacionando-se com o filho, Davi relata não perceber alterações qualitativas significativas na forma de interagir com o filho, em comparação ao período anterior à separação conjugal:

“(…) Mudou um pouquinho, assim, por conta do meu cansaço nessa corrida da madrugada aí, mas isso em relação a... as atitudes são as mesmas, a gente já vem no ônibus se divertindo e compra um doce, e desce no Extra, dá uma volta (...)”

“(…) Não mudou muito não, a dedicação e o amor de sair e fazer as coisas juntos é a mesma, assim. (...) Às vezes pego ele pra ir num shopping, no dia das crianças peguei ele e vim direto pro shopping... acabado de sono, fui no shopping (...) Muda às vezes por conta do cansaço quando eu não güento mesmo, aí ele... mais sempre que eu posso pego ele pra fazer as coisas.”

O participante destaca também sua *percepção* sobre os momentos em que *busca o filho* na casa da ex-cônjuge:

“(…) Ah, quando abre o portão “Papai!”, já é uma expressão de alegria quando me vê. Aí já vem mexendo, já vem brincando, falando bobagens, né, passa alguma mulher bonita eu olho ele “Pai, tô vendo.”, eu digo “Não, mas tem que olhar, é coisa boa.”, e já vem se divertindo, assim. Ele é uma alegria pra mim também. Supera até o cansaço, sabia?”

“E sempre ele me recebe, assim, você vê que não é a criança, é a orientação que a mãe dá, ele já me encontra... “Ah, papai, eu quero... quero uma Farinha Láctea, quero Nescau, quero...”, “Pronto, papai sempre te dá as coisas, não precisa pedir não, eu quero que cê me ame, tá com saudade de papai?”, eu levo pro meu lado, dos meus valores. E se ele vem aqui a gente... eu sempre dou as coisas pra ele... dou grana, tudo... tudo certinho pra ele. Quer um Iô-iô... como fica muito tempo sem se ver eu quero... quero agradecer tudo, né? Se eu estragar, mas eu não sei... posso até estragar. Ele quer um Iô-iô, quer dar uma volta (...) É tanto que quando eu chego e não durmo.”

Davi destaca, em sua narrativa, a sua *percepção* sobre o momento em que busca o filho na casa da ex-cônjuge. O participante destaca diversas vivências que tem com o filho nos momentos contíguos ao encontro, e há indícios da existência de diversas demandas concorrentes por parte do pai – o que pode conduzir ao questionamento se de fato não houve mudanças em sua atitude de pai após a separação conjugal.

Por exemplo, enquanto *busca divertir-se com o filho*, Davi relata a sua *percepção* sobre o comportamento daquele, e aproveita a ocasião para *orientá-lo quanto à conduta*, no tocante à sexualidade. Destaca também que diante das falas do filho, *busca perceber a influência dos valores materialistas maternos* (destoantes dos seus valores pessoais), *filtrando-os* e então *direcionando a atenção do filho para os valores que considera mais adequados*. Nestes trechos pode-se inferir a presença de signos como “*Diversão*”, “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Educação*”.

Davi também demonstra a sua *percepção* sobre a escassez de tempo para estar com o filho, e então relata *engajar-se em buscar agradar o garoto*, possivelmente numa proposta compensatória – mesmo conscientemente considerando que isto pode “*estragá-lo*”. Neste trecho, há indícios de que o signo “*Responsabilidade/Compromisso*” está atuante, todavia exercendo função hierárquica inferior a outros possíveis signos, como “*Afetividade*” e “*Vinculação*”.

Escola do Filho

Durante sua narrativa, Davi destaca sua *percepção* sobre os diversos obstáculos colocados pela ex-cônjuge e sobre como buscou soluções. Neste contexto, a escola do filho é possivelmente percebida pelo participante enquanto um espaço neutro – inicialmente visto

como livre de interferências maternas, sendo assim um local em que ele teria a oportunidade de ter contato com o filho sem a interferência da ex-cônjuge. Davi então passa a ir *visitar o filho* neste espaço nas semanas em que não está com o filho (quinzenalmente), *criando assim uma estratégia de fortalecimento de vínculo*, diante da adversidade.

“(...) aí eu vou uma vez na semana, quando eu vou pegar ele eu vou lá no colégio ver ele, eu levo um chocolatezinho, cinco minutinhos, dou um abraço (...)”

“(...) Saudade mesmo. De querer dar um abraço no meu filho. Querer que ele sinta minha presença. Eu levo um chocolatezinho, fico três a cinco minutos, dou um abraço nele (...) bebo um copo de água juntos dou um abracinho, faço um carinhozinho, dou um beijinho, levo de volta na sala, dou tchau... Que ele sente mesmo... os coleguinhas dele, ele “Ó, o pai de Davi tá na área.”, ele... ele vê que ele se sente bem (...)”

Em sua narrativa, o participante destaca, enquanto motivações para visitar o filho na escola, o *sentimento de saudade* e a *desejo de que o filho sinta a presença do pai em sua vida*. Davi salienta também o *desejo de que os colegas do filho percebam e comentem a sua presença*, e que como consequência *o filho sinta-se bem com esta situação*.

Davi *destaca ainda as falas das pedagogas*, que descrevem a influência positiva que a presença dele exerce sobre o humor e o comportamento do filho. Há assim indícios de *sentimentos de preocupação* a respeito de um possível sofrimento do filho diante de uma possível percepção de ausência paterna. Há então indicativos de signos como *“Presença/Ausência (paternas)”*, *“Saúde/Bem estar (filho)”* e *“Responsabilidade/Compromisso”*. Há ainda indicativos do *desejo de ter a sua identidade de pai reconhecida e fortalecida* diante do filho, e assim do *medo de não ser assim reconhecido pelo garoto*.

“(...) A professora falou que ele chega radiante lá, quando eu trago, contando o que fez, que comeu chocolate com o papai, que tomou banho de piscina... a professora disse que não deixe de ir pegar ele, que ele fica radiante, ele chega diferente lá... a professora disse que já sabe quando ele vem pra cá fim de semana, ele chega diferente lá. A pedagoga fala que ele chega feliz, contando inúmeras histórias. As aventuras, o que fez com o pai, pra onde foi, comeu isso, que comeu

aquilo... Ela diz que é perceptível quando ele vem pra cá. Eu digo “É, então eu faço algum bem ao meu filho.”

Assim, no trecho acima, Davi destaca os seus comportamentos e intenções, passando a repetidas vezes evocar a *presença semiótica das pedagogas* enquanto donas de um relato dotado de saber, e que provavelmente funcionam enquanto signos externos que reforçam o conteúdo das suas intenções e aliviam as suas preocupações. Davi finaliza então o seu argumento concluindo que faz algum bem ao filho – havendo indicativos de *sentimento de alívio* e de *satisfação*.

Percepções sobre o comportamento do filho

Durante sua narrativa, Davi demonstra suas *percepções* sobre o comportamento do seu filho, quando perguntado diretamente sobre este tema ou em meio a outras descrições.

“(...) Umás palavras pra definir Davi. Assim, Davi é uma criança muito inteligente... ele é carinhoso, é inteligente, é carinhoso, mas é muito carente eu percebo, como eu falei... lá... lá a galera é mais os valores materiais, a galera é meio grossei... ela... eu não sei se é por conta de que ele puxou a mãe, eu não sei... sei que ele chega aqui ele pede pra minha mãe “Faz carinho na cabeça, vó.”, uma criança que pede carinho é porque ele sente falta de carinho. Comigo ele já deita nem pede porque eu já faço carinho, eu boto ele aqui no colo... “Faz massagem no pé minha vó.”, quer comer um chocolate... lá e... a galera priva ele de muita coisa, assim (...) E aí... mas... ele chega um pouco carente, assim... chega um pouco agressivo e chega carente, assim, não sei como funciona na cabecinha dele (...)”

É interessante notar que, ao falar do filho, Davi *relata* inicialmente a *percepção* de duas características positivamente valoradas, e logo em seguida *relata percepções* de possíveis traços comportamentais negativos, *atribuindo-os* à influência da família materna, e então passando a agir no sentido de *neutralizar* o mal percebido. Assim como em momentos anteriores, ao falar sobre as diversas dimensões da vivência de ser pai, há indícios da presença do signo “*Ex-cônjuge*” enquanto parte integrante do enquadre semiótico-afetivo de “*Paternidade*”.

A partir do ingresso neste caminho semiótico, Davi passa então a destacar *percepções* a respeito de como o filho apresenta-se comportamentalmente num primeiro momento, quando

vem da casa da mãe, e o seu estado quando retorna, após ter passado o final de semana junto à família paterna:

“(...) Ele vai transformado, ele vai... vai alegre, vai uma criança melhor eu acredito (...)”

“(...) Ele sempre dorme no trajeto. A gente chega lá, desce, eu digo “Tchau, papai te ama, na outra semana papai vem te buscar.”, ele “Tá bom.”, aí entra todo... todo fechadão lá. Eu não falo nada que... vá tratar mal, pra te falar... é dele, é ele que... dá essa dormida sempre, é essa defesa dele, é impressionante.”

No trecho acima, Davi destaca a sua percepção sobre um evento ocorrido junto ao filho. O participante destaca o momento da agressividade do filho, relatando a sua *percepção* da possível influência materna (negativamente avaliada) enquanto fator causal. Há indícios de *sentimentos de surpresa* e da presença de signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Educação (do filho)*” e “*Valores (não violência)*”.

“(...) Outro dia eu fui saindo com ele lá, eu já ia a um... umas três casas na frente já, ele “Pai, deixa eu voltar pra fazer uma coisa.”, ele voltou pra dar um chute na porta do carro do cara... do cara lá que tá com a mãe dele. “Não, eu fui só tirar minha raiva, fui chutar a porta do cara...”, eu digo “Porra...”, uma criança, cara, tem essa raiva já. E não plantada por mim (...) Ele fala coisa que você olha, você “Porra...”, será que... né? Que foi ele mesmo (...)”

Mais pra frente na conversação com o entrevistador, Davi declara que em situações como esta *ocorre*, para além das preocupações e valorações negativas, *um evento interno* aqui denominado de *sentimento de paternidade*. Há indicativos de que quando o filho aparentemente chuta o carro do namorado na mãe, o pai *percebe*, de modo subentendido, que o filho está mais vinculado a ele do que ao dono do carro, e sente assim satisfação.

1 – “(...) Na hora que ele faz uma ca... um gesto desse, que você sabe que não foi plantado por você, que ele já tem um ambiente que pelo que você me fala mais agressivo... vem junto em você uma coisa de “Porra, ele me vê como pai.”, ou seja, alguma coisa assim de... né?”

2 – Sim. Sim. Sim. Não mostro pra ele mas eu me sinto bem, que ele sabe que o amor é meu, que o amor é do papai.

1 – Fica essa mensagem...

2 – Eu sou papai. Isso. Essa mensagem ele passa direto”

Educação

Davi destaca as suas *percepções* acerca de algumas experiências vivenciadas junto ao filho, nas quais ele demonstra a sua atuação enquanto educador. Assim, Davi relata uma situação em que percebe o filho com intenção de manipular o próprio pênis de modo secreto. O participante então destaca a forma como entende a educação sexual, quanto a este ponto, agindo no sentido de que o filho possa sentir-se à vontade diante dele. Há também na narrativa a presença semiótica de sua irmã, possivelmente cumprindo a função de um signo que orienta o seu entendimento e ação relativos à educação sexual.

“(...) Ele tem abertura pra isso, assim, outro dia ele já foi colocar... a mãe até bateu porque... ele se descobrindo, mexendo o pintinho... reprimir, isso aqui não, aqui não tem isso, até por e... orientação da minha irmã é que não deve reprimir... que tá se descobrindo, aí ele diz “Ah, pai, vou no quarto fazer alguma coisa.”, devo ter mexido nesse assunto, disse “Não, pai, não se assusta não, pode olhar seu pinto aí, papai não liga não, papai tem também ó, vou pegar no meu pinto também.”... pra deixar ele (...) à vontade (...)”

Em sua narrativa, Davi destaca que para além do ato educativo pontual de permitir que o filho manipule o próprio pênis, há também a intenção de que o garoto sinta-se à vontade para expressar-se na presença do pai, assim demonstrando *signos/valores* enquanto pai que orientam-no a construir uma relação de *confidencialidade e companheirismo*.

“(...) Eu quero dar essa liberdade a ele aí, que ele tenha essa abertura comigo de dizer “Pai, fiz essa merda, tal, e tal, e como é que vai resolver?”, eu vou sem... eu vou sempre ajudar, vou puxar a orelha quando precisar, mas vou sempre ajudar, vou ser sempre o pai amigo, assim, quero ser sempre o pai amigo (...)”

Quando questionado sobre situações em que o filho possa ter ativamente lido questionado sobre o mundo, Davi destaca duas situações – novamente envolvendo a temática da sexualidade.

Na primeira situação, Davi demonstra a sua *percepção* sobre o filho observando um homossexual e fazendo-lhe questionamentos no sentido de compreender o fenômeno. De acordo com a narrativa, Davi *busca responder* as perguntas de modo parcial, a partir do entendimento de que não pode responder tudo que o filho questiona, chegando a mudar de fila, possivelmente *desejando evitar a curiosidade do filho sobre o tema*. Há indícios de que, a partir do modo como ele próprio percebe o fenômeno da homossexualidade, ele estivesse *preocupando-se* com o modo com o seu filho iria se relacionar com aquela situação, assim possivelmente *sentindo-se acuado e ansioso*.

“(...) ele é muito curioso, um exemplo, a gente tava na feira do mercado, você perguntou isso e aconteceu uma coisa parecida há pouco tempo, estava na fila do mercado, né, tinha dois caras com jeito de (...) de gay, né? Mas no que eu entrei não tinha reparado, mas um cara com um brinco e o jeitão, aí ele perguntou: “Ô pai, ele é mulher, pai?”, eu disse “Não, pai.”, “E por que ele tá de brinco?”, eu disse “Ah, acho que ele colocou pra ver se ficava legal.”, “Mas ele tá falando igual uma mulher (...) digo “Ô, pai, é, talvez ele é mulher, ele tá de cabelo curto, papai nem reparou direito.”, “E o peito.”, eu digo ‘porra, me fudeu.’, digo “Ah, não sei, o peito é pequeno, eu não sei não, talvez ele seja uma mulher de cabelo pequeno, não tem mulher que corta o cabelo curtinho?”, ele “Mas ele é homem que ele tem isso aqui ó.”... ele é muito espertinho, cara (...) Mas depois eu disse “Não pai, então ele é ma...”, ele disse “Deve ser maluco então meu pai, que ele não tem peito, né mulher, ele tá de brinco, ele deve ser maluco então.”, aí tentei falar isso aí. Aí já fui pra outra fila, cara, pra ele não questionar pra porra desse cara aí.

“(...) Eu não vou poder falar de tudo e eu procurei esclarecer como eu pude, eu não vou poder evitar que ele veja essas porra aí no mundo, meu poder... eu pude... eu tentei esclarecer. Mas ele ficou muito curioso e eu preferi ir pra outra fila e abrir um salgado pra ele pra ele (...)”

No segundo exemplo, diante de uma situação em que o filho faz um comentário a respeito do corpo de uma mulher, o participante engaja-se numa abordagem pedagógica mais próxima da *abordagem* do fenômeno do que da *evitação* (de modo oposto ao exemplo anterior). Davi *narra a sua percepção* sobre o possível interesse sexual do menino, *estimula-o* a comentar mais, e por fim *aborda diretamente* o que estava percebendo.

“(…) Alguma coisa de mulher, assim, às vezes ele fala “Ô pai, ela tá com a barriga de fora né?”... mas ele já pergunta com interesse. É pra não falar da bunda, quando ele vê de short curto ele fala da barriga, de outra coisa, eu digo “É a barriga mesmo pai?”, ele “Eu olhei pra coxa dela também né, pai?”, eu digo “Cê olhou pra bunda, safado.”, aí ele fica sem graça, assim, mas acaba admitindo.”

Lazer/entretenimento

Davi, quando passa a relatar sobre os momentos de entretenimento com o seu filho, declara não perceber mudanças na forma de interagir com o filho. Assim, relata que continua fazendo as mesmas coisas que fazia antes da separação conjugal.

Desafios

Quanto aos desafios enfrentados posteriormente à separação conjugal, a maioria dos relatados por Davi na narrativa relacionam-se com os obstáculos impostos pela ex-cônjuge ou pelo pouco tempo livre disponível para estar com o filho, devido ao seu trabalho. Para além destes, há outras situações narradas pelo participante.

Davi destaca uma situação típica da sua condição de pai separado: o momento em que, após passar o final de semana junto ao filho, vai deixá-lo na casa da mãe, às segundas-feiras. Em sua narrativa, Davi declara o *sentimento de vazio* que experimenta quando está em casa neste contexto, relatando *sentir falta* inclusive de eventos a priori comumente avaliados enquanto desagradáveis. Assim, quando Davi relata a falta de pisar num brinquedo do filho e machucar o pé, é possível inferir a presença de uma atividade semiótica suficientemente poderosa a ponto de suplantar a dor física e mudar o significado da experiência de dor para um signo como “Presença (do filho)”. Diante deste contexto, o participante relata que durante algum tempo após a separação conjugal, ele costumava chorar às segundas-feiras.

“(…) É triste também pra mim, a segunda pra mim, o pior dia pra mim são as segundas, o vazio que deixa (...) Eu sinto falta de carrinho pelo chão, de pisar num bonequinho e furar o pé, de papel rasgado, balinha enrolada nas coisas da avó, eu sinto falta dessas coisas, cara, da água derramada no chão... Aí normalmente as segundas-feiras, agora não, mas no início todas as segundas eu chorava, todas as segundas eu chorava.”

Considerando que Davi enquadrou este choro como algo do passado, e declarando a *percepção* de que no futuro existe a possibilidade do filho morar com ele, aventa-se novamente a participação do *signo* “*Passagem do tempo*” enquanto um regulador semiótico que opera no sentido de reduzir o sofrimento experimentado:

“(…) A minha ideia é de que... isso vai passar, eu sempre procuro pensar de que há uma luz no fim do túnel, que daqui há alguns anos a gente vai tá junto. Eu trabalho, faço as coisas sempre pensando “Não, daqui a pouco a gente vai tá juntinho de novo (...)”

Futuro: sonhos, desejos, expectativas, receios

No atual ponto do seu processo de vivência da paternidade após a separação conjugal, Davi compartilhou em sua narrativa a *percepção* de diversos elementos que lhe trouxeram dificuldades em exercer a paternidade de um modo que considerava mais adequado. Ao falar sobre os desafios e obstáculos que enfrentou, é simétrica a ideia de que, automaticamente, possam existir expectativas a respeito de que eventos ocorram no sentido oposto daqueles narrados enquanto problemáticos. No entanto, serão aqui demonstradas as percepções destacadas pelo participante que diretamente apontem para o desejo de mudanças ou de que eventos específicos venham ocorrer:

“(…) Faz, que eu pudesse... que eu pudesse ter mais contato com ele... eu queria que mudasse isso, se eu pudesse mudar na relação (...) Que pudesse mudar isso, assim, eu desse vontade de ver qualquer hora fosse lá, o pessoal me recebesse pra eu ver meu filho (...) um exemplo, poder ir lá à noite pegar meu filho e ir num largo comer um acarajé, tomar um sorvete... queria que o pessoal fosse mais amigo nesse sentido aí, poder liberar ele mais, fazer... não... não é meu dia, mas pô, eu sou pai (...)”

Neste trecho, há indicativos de *frustração*, quando Davi destaca a sua *percepção* de recusa, pela família da mãe, de deixar ele estar fisicamente com o filho para além do tempo legalmente acordado (finais de semana quinzenais) – narrando o seu *desejo* de deslocar-se até o local de moradia do filho e poder desfrutar da companhia dele para fazer um lanche.

Outras expectativas e sonhos/desejos presentes durante a narrativa e anteriormente exposto relacionam-se com *poder alcançar uma posição econômica e laboral mais favorável e dar ao filho a possibilidade de morar com ele*:

“(…) É o que eu espero, que mude, assim, que... que eu percebi que o amor que ele tem por mim no futuro ele vai poder decidir perante a lei... eu acho que ele opta ficar comigo, eu acredito que sim. Pelos valores...”

“É, isso, é porque como eu te falei, por isso que dá vontade de querer estudar pra ter uma condição melhor, pra poder dar um suporte maior a ele na adolescência, quero poder sair com ele mais, ter uma atenção melhor, poder ir falando de matéria... dar coisas que na adolescência ele vai querer, vai ver as pessoas tendo (...)”

Davi relata também o *desejo de desenvolver com o filho uma relação com valores de proximidade, parceria e confiança*:

“(…) poder andar com ele, poder ter, sei lá, um carrinho velho pra poder dar um rolé com ele, poder dar uma... viajar numas férias uma vez por ano com ele, poder ter mais atenção, poder tá mais junto dele, na praia, botar bermuda de garotão também e dar um rolé com ele, essas coisas assim, cada vez estar mais junto com meu filho (...)”

“(…) que fosse parceiro, fosse meu amigão, assim, como... como a gente tem a relação hoje, fosse mais amigo ainda. Me contasse as coisas, não me escondesse as coisas, né? Vai ter coisas que vai esconder, eu sei que é foda, mas queria que ele continuasse meu parceiro, meu amigo, qualquer dificuldade me ligasse, me chamasse, não me esconder nada, namoradinho... o primeiro baseado... essas coisas assim, eu vou ter uma relação aberta com ele (...)”

Davi também destaca o seu *desejo de que o filho tenha mais compromisso com os estudos do que ele tinha*:

“(…) Que já tivesse morando comigo, fosse um cara ...estudasse ...fosse mais dedicado aos estudos do que o pai, né? Né, e que isso vai trazer melhoras pra o futuro dele (...)”

Há na narrativa indicativos de *sentimentos de esperança e empolgação*, e de signos como “*Educação (do filho)*”, “*Relacionamento (com o filho)*” e “*Passagem do tempo*”.

4. JOSÉ

Contexto da entrevista: José faz parte da rede de contatos de um familiar do pesquisador – sendo algo costumeiro, há alguns anos, encontrarem-se eventualmente. Quando convidado a participar do estudo, mostrou-se disposto – atitude que permaneceu durante a entrevista. É particularmente interessante o fato de José inicialmente ter relatado ter disponibilidade de tempo até certo horário, que foi combinado com o entrevistador. Ao ser avisado sobre o tempo restante, entretanto, ele decidiu que gostaria de estender a conversação.

Como será demonstrado neste texto, perceber situações enquanto desafios a serem superados possivelmente é um padrão semiótico ontogenético de José, que então passa a sentir e a agir de acordo com este padrão perceptivo – buscando antecipar possíveis cenários e planejar estratégias de ação; agir e refletir sobre os erros e buscando aperfeiçoar o seu manejo/gestão.

Simultaneamente a um relato onde a racionalidade e a objetividade estão presentes na preocupação em desenvolver estratégias, tomar decisões e ser orientado para a obtenção de resultados/desempenho, é também um traço característico da narrativa de José a presença de signos afetivos enquanto orientadores ontogenéticos possivelmente tão poderosos quanto os anteriormente descritos. Signos como “*Desenvolvimento Pessoal*”, “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Família*” e “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” estão presentes em muitos dos relatos destacados pelo participante, mobilizando-o a aproximar-se intensamente da realidade de uma vida em família, e posteriormente à separação conjugal, do cuidado com a educação e o desenvolvimento pessoal dos filhos – chegando a assumir a guarda dos garotos.

Resposta à questão disparadora

José constrói a narrativa sobre sua paternidade percebendo-a enquanto um processo gradual de tornar-se pai que desenvolve-se no tempo – no qual inicialmente descreve-se enquanto coadjuvante do desejo da então cônjuge de tornar-se mãe, e por fim relata a sua rotina enquanto um pai que detém a guarda dos dois filhos. Sendo a narrativa organizada temporalmente pelo próprio participante, esta será apresentada seguindo o próprio roteiro de entrevista abaixo apresentado.

PATERNIDADE E TRAJETÓRIA DE VIDA

ANTES DA PATERNIDADE

Percepção de Paternidade

Antes de tornar-se pai, José destaca sua percepção sobre o momento de vida que vivia: estava trabalhando e sentia-se bem situado no trabalho, morava sozinho, e tinha uma namorada, com quem passou a dividir o lar, após algum tempo de relacionamento. O participante passa então a descrever uma série de acontecimentos que percebe enquanto manifestações do desejo da então esposa de tornar-se mãe – inicialmente destacando a sua percepção sobre a motivação dela em comprar um cachorro:

“(…) Aí depois a mulher meio que ela... ela... ela já vem com isso condicionado de querer ser mãe, e meio que ela vai lhe induzindo, você começa a ter um cachorro primeiro e dentro do cachorro vai te dando as responsabilidades, o carinho, a atenção, meio como se fosse um teste pra ver se o parceiro vai ser um bom pai.”

José destaca também a sua percepção quanto ao momento da decisão de tornar-se pai, e o momento do desejo de tornar-se pai.

“Aí assim, aí Luana começou a fazer exames, e tudo, e meio que projetando a gente pra a gente ter um filho, dentro da vida que a gente tinha mais ou menos estável, e tal, ca... é... casava, né? Condiçionava (...) naquele momento cabia um filho.”

“(…) Ela parou de tomar anticoncepcional mas tem muita dificuldade em engravidar, então a gente começou por um período de frustrações, todo mês ela meio que se preparava e eu não entendia que isso tudo meio que já vai lhe preparando, que agora você também já passa a desejar ter o filho, quando você começa a ver a frustração da parceira.”

A narrativa de José deixa indícios de que ele não estava ativamente planejando ter um filho ou mesmo um cachorro – aceitando ser conduzido pela vontade de realização dos desejos da então parceira.

É perceptível um padrão narrativo em que os eventos vão ocorrendo e trazem consigo desafios inusitados, diante dos quais José busca tomar propriedade da situação e preparar-se para resolvê-los.

“(…) Aí vem... consegue engravidar (...) eu li um monte de coisas sobre grávidas, porque, assim, antes eu... eu tinha o lance da mulher, eu não entendia muito o corpo da mulher grávida e as necessidades de uma mulher grávida.”

“Ítalo nasce, ele entra com um sentimento de... pra mim no início é mesmo uma perda, assim... perda de espaço, perda de prioridade, essa assim é o primeiro pensamento.”

“Vou ser pai”

A partir do momento em que José decide que vai tornar-se pai, ele e a esposa passam por um período de tentativas – o que é descrito pelo participante enquanto um período de preparação. Ele também relata ter realizado leituras para buscar melhor compreender quais as necessidades de uma mulher grávida.

Influência do seu pai, na própria paternidade

José destaca a participação do seu próprio pai, em sua paternidade, em um contexto em que o signo “*Meu Pai*” é semioticamente enquadrado junto a outros signos como “*Distante*”, “*Omisso*”, e “*Desinteressado*”. Assim, na constituição de sua própria paternidade, o signo “*Meu Pai*” constitui uma *relação de oposição* quanto ao pai que José descreve buscar ser – dotado de características como interesse, cuidado, presença e participação na vida dos filhos.

Há indícios de que esta semiose é significativamente poderosa, tendo em consideração os relatos de José sobre situações em eventos com os filhos, como festas de aniversário, em que apesar de ele não se sentir pessoalmente motivado a participar, este é o movimento que ele realiza. Há indicativos da presença do signo “*Responsabilidade/Compromisso (com os filhos)*” atuando enquanto orientador ontogenético, guiando o pai a mover-se motivado por proporcionar entretenimento aos filhos, e possivelmente aliviando a sua própria auto cobrança, relativa à responsabilidade sentida em ser pai.

“(…) como meu pai ele era ausente, então eu tinha duas opções, eu... eu... eu via em meu pai muito o que eu não queria ser pra minha família, eu queria ser um pai mais ativo, um pai mais próximo, mais participativo, independente da minha vontade, eu achava que era o que era necessário pra uma família.”

“Se eu lhe falar que eu sempre fui em todos os eventos de família feliz, não pô. Vários deles eu queria tá assistindo um jogo, eu queria tá fazendo uma outra coisa. Mas lá era legal.”

PATERNIDADE ANTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

Tendo passado pela separação conjugal há apenas um ano (ao momento da entrevista), grande parte do relato de José sobre a própria paternidade relaciona-se ao período anterior à separação conjugal.

Sentindo-se pai

José descreve passar a sentir-se pai quando o filho completa o primeiro ano – identificando nesta etapa uma maior capacidade de interação por parte da criança.

“(…) Quando Ítalo começa a fazer quase um ano, ali, que já tem mais interação, pra mim como pai eu... a ficha começa a cair. Quando Ítalo faz dois ano já muda tudo. De um ano pra dois o menino lhe rouba, lhe toma de tudo (...)”

Num outro momento, José descreve um marco afetivo em sua vida, referente a sentir-se pai:

“(…) eu como pai, eu digo assim, quando eu me descobri como pai foi quando eu entendi que a minha felicidade ela passa a depender de outra pessoa (...)”

Desafios

José percebe diversas situações desafiantes enquanto pai de família, principalmente aquelas envolvendo decepções com o comportamento da sua ex-cônjuge (descritas na sessão “Separação Conjugal”) e aquelas relativas ao relacionamento com os filhos – notadamente aquelas relativas ao aprendizado sobre como educá-los.

“(…) Ítalo ficou uma época agressivo e a gente sem saber o que é, mesmo a gente fazendo muito a vontade, e tudo, e aí entra o lado de Luana porque, assim, Luana não tinha muita paciência pra dobrar a criança.”

“(…) Porque com Ítalo já começava a ter muito... leva pra casa da minha sogra, trás... isso quando você passa dois anos começa a ficar desgastante. Sai do escritório, pressão no trabalho, metas, e vai pra minha sogra, volta, e tudo, e Luana que não dirigia, não tinha carro, era um carro só pra a família (...) então meio que jogava pra mim mesmo.”

São muito presentes na narrativa de José relatos de situações em que, engajado na construção do projeto de filho que ele deseja ter, situações experimentadas enquanto dificuldades são destacadas.

“(…) e depois gente começa a ver os problemas de Ítalo de socialização em... em eventos, em aniversário, tudo ele batia (...) então Ítalo ou eu batia ou dava bolo, puxava ele, botava muito de castigo, mesmo com dois anos.”

José destaca que a decisão pelo segundo filho surge, inicialmente por parte da ex-cônjuge, como uma forma de solucionar os problemas com o primeiro filho:

“(…) chega um momento em que Ítalo tem quase três anos... é meio que um jogo de empurra, porque eu não quero e ela também não quer (...) Só que Luana condiciona a um novo filho (...) então... eu não sei como eu me deixei levar, mas assim, a gente compra a ideia do segundo filho.”

Neste contexto de aprendizagem sobre como lidar com o primeiro filho, o pai salienta a sua percepção sobre o que pragmaticamente entendeu ser a forma mais eficaz de educá-lo:

“(…) Que na realidade no início eu não tinha muita maturidade como pai, eu demorei de entender como Ítalo funcionava (...)”

“(…) Então eu começo a mudança, porque a gente começa a ir pros lugares e eu começo a ficar com os dois, e eu começo a perceber o que é que eu tenho que fazer pra ter Ítalo como um parceiro. Por quê? Porque senão eu perco os dois, porque primeiro, bater em Ítalo não adianta, quanto mais eu bato em Ítalo... não é bater de matar, mas você dá bolo, você faz as coisas, então a gente começa a entrar na área da conversa. Ítalo tem cinco anos (...)”

“(…) Ítalo funciona na base do amor. Ele *pinta*, ele derruba, ele quebra, e você bota ele no colo, você explica a ele, você vai ali, e o que acontece? Ítalo começa a desenvolver um senso de responsabilidade e de proteção com o irmão, mesmo fazendo coisas erradas em dado momento, mas Ítalo começa mudar a postura e começa a ser visível.”

Através dos relatos, fica implícito que o pai estava ativamente engajado na educação do filho, agindo e verificando, à posteriori, qual o resultado que obtinha como consequência de suas intervenções, e por fim chegando a uma fórmula sobre o funcionamento do filho e a melhor estratégia de ação:

“(...) e você começa a... a passar pra Ítalo o que é que eu tô sentindo.
“Ó Ítalo, a gente vai sair, o que é que você vai fazer, cê vai me ajudar?
Como é que a gente vai fazer o programa em família? Vai ser um
programa em família ou vai ser um péssimo... vai ser tudo horrível?”

“(...) se a gente vai pra um aniversário, primeiro, ele já vai no
aniversário, ele já vai ter comido antes, ele não vai chegar no
aniversário com fome... se for o caso ele vai ter dormido de tarde, ele
vai tá tranquilo...”

“E seri... assim, quando Ítalo começa a responder melhor eu percebo
que em várias situações eu agi errado.”

Neste contexto, José destaca a sua percepção sobre fatores que acreditava serem importantes para a educação do filho. Há indicativos de que signos como “*Hierarquia*”, “*Respeito*”, “*Disciplina*” e “*Desenvolvimento Pessoal*” sejam ontogeneticamente operantes em iniciativas como buscar inserir o filho mais velho no ensino religioso, e em delegar a ele responsabilidades de cuidado para com o irmão mais novo.

“(...) eu começo a perceber que eu tenho que... começar a ir pra igreja
porque meu filho ele tem que ter algum tipo... ele pode até não optar
por ser cristão, ele pode sair, tal, mas eu preciso que ele tenha pelo
menos um senso, um temor, e a igreja, também, me ali... me ajuda num
senso de respeito, de valores de família (...)”

“Ítalo, você tem que me ajudar, porque a gente vai pra praia sozinho
(...) talvez eu atravessasse a pista, e na pista pra atravessar, mesmo a
sinaleira fechada, eu vou tá com a sacola e com o sombrero, você que
tem que dar a mão ao seu irmão (...)”

José destaca ainda a sua percepção sobre o desafio de ter que repreender o que considera o mal comportamento do filho mais velho, todavia levando em consideração que este já experimentava algum mal estar por perceber que as pessoas manifestavam predileção pelo seu irmão mais novo.

“(...) Ítalo faz alguma coisa de errado e eu tenho que colocar ele no colo
e dizer “Meu filho, eu amo você, você é maravilhoso, não é porque você
fez uma coisa de errado que eu vou deixar de gostar de você, mas isso
que você fez *tá* errado, você vai ficar de castigo sem assistir o desenho,
mas eu continuo amando você.” (...)”

“Uns dois meses em dado momento você começa a contornar as situações, mas Ítalo ele demora uns seis meses pra... responder, entendeu?”

Através da análise da narrativa deste pai, é perceptível que ele buscou, através da experiência, a melhor maneira de conseguir conduzir a educação do filho, estando presente um senso de estratégia, de objetividade e de orientação para resultados. A narrativa de José, entretanto, indica também que ele não deixou de estar atento aos afetos do filho e ao impactos que as suas intervenções poderiam causar nesta dimensão, enquanto critério de decisão para os seus atos pedagógicos.

Impactos ontogenéticos

José destaca a sua percepção sobre uma mudança em seu próprio comportamento, enquanto consequência do processo de tornar-se pai. Além de relatar voltar a frequentar a igreja enquanto forma de educar os filhos, este pai descreve a si mesmo enquanto possuindo uma significativa tendência competitiva – sendo este traço o oposto do que gostaria de desenvolver nos filhos: a cooperação. Assim, acreditando na eficácia do exemplo, este pai declara ter passado a alterar a sua própria atitude, em prol do desenvolvimento dos filhos – utilizando o futebol como um exemplo:

“(...) pra mim todas as bolas vão vir pra mim *pô*, eu vou fazer todos os gols, as melhores jogadas, eu vou brigar pro meu time, eu vou discutir, eu vou fazer tudo mas eu vou ganhar... então como eu passo pra Ítalo “Ítalo, não falte com respeito a seu amigo”... “Meu filho você vai empurrar seu amiguinho porque você perdeu?”... então agora eu começo a ter que me tornar uma pessoa melhor.”

Rede de Apoio

De acordo com o seu relato, logo nos primeiros meses após o nascimento do primeiro filho, José e a ex-cônjuge contaram com a ajuda da avó materna e de uma babá:

“Isso, foi, e também assim, a mãe de Luana é uma pessoa maravilhosa e ajudava demais *pô*, tanto que a gente recebe Ítalo já com quase nove meses, dez meses, assim, porque é... a gente tinha uma pessoa que ajudava a gente, mas a gente deixava ele na casa da minha sogra (...)”

Num segundo momento da paternidade anterior à separação conjugal, José demonstra que ele passou a ser a principal figura parental de cuidado, ficando a seu encargo a maioria das atividades, como acordar os filhos, dar o café da manhã, levar ao médico, supervisioná-los nos programas familiares, dentre outros – destacando a percepção de não contar com a ajuda da sua então cônjuge:

“(…) Ítalo começa a *pintar* nos lugares e Luana não fica comigo porque Luana quer conversar, ela quer interagir (…)”

“(…) eu começo a perceber que se eu deixar ela não vai fazer. Porque primeiro eu deixo, eu deixo ele chorar, eu deixo ele sem mingau de manhã, só que ela opta por não fazer independente do que... ou... ou meio que já sabendo com o treinamento do cachorro que eu faria, que na hora que a corda apertar ele vai fazer pelos filhos dele que ele não vai conseguir então eu não preciso fazer, ou não faria mesmo.”

Satisfações/Prazeres

Não há relatos espontâneos de José relativos a momentos de prazer vivenciados nesta etapa de sua paternidade – sendo a expressiva maioria dos destaques perceptivos relacionados com o enfrentamento de desafios e o enfrentamento destes.

Neste contexto, o pai destaca a sua percepção de como estava a sua vida social nesta primeira etapa da sua paternidade:

“(…) E Luan tem um ano então a gente começa a ter a fase da escada, a fase da piscina, a fase das coisas, e os programas em família eles viram muito mais importantes (…) e mais estressantes, por quê? Porque você agora sai com dois filhos e agora um corre pra cada lado, e eu começo a ir pros lugares, e você não tem mais vida social direito (…)”

A SEPARACÃO CONJUGAL

Significativa parcela da narrativa de José destaca as dificuldades encontradas quanto à interação entre duas dimensões da sua vida: “*Paternidade*” e “*Conjugalidade*”. Em sua narrativa, este pai destaca suas percepções sobre as divergências que vivenciou com a esposa, principalmente na forma de pensar, sentir e agir, relativas à educação dos filhos.

Apesar de demonstrar que o início do seu processo de tornar-se pai teve características de passividade e conformismo – no sentido de buscar atender aos desejos de ser mãe da então

cônjuge –, este pai deixa claro que em algum momento ele passa a perceber-se enquanto um cuidador mais interessado e engajado no processo de criação dos filhos do que a própria companheira. Assim, José destaca suas percepções sobre a divisão das atividades de cuidado com os filhos:

“Porque até esse momento Luana ia muito pouco no pediatra. Pediatra, essas coisas ela não ia. “Ah, não posso sair do trabalho.”

“(…) A gente começa a ir pros bábas, levar os meninos pro bába, sem Luana. “Ah, eu tô cansada. Eu quero acordar tarde.”

(…) Os meninos eles querem McDonalds, mas eles já estão com fome, então... eu tinha que... eu conseguia sentar com dois filhos, eu conseguia... eu não comia minha comida logo, eu conseguia dar a comida de Luan, e dando a comida de Ítalo, e o programa... e tentava dizer “Vá lá minha filha, pegue sua comida. Coma. Eu como depois.”. E mesmo eu comendo depois quando ela terminava de comer ela não conseguia nem na sobremesa ela conseguia administrar os dois.”

Provavelmente guiado por signos como “*Família*” e “*Responsabilidade/Compromisso(com os filhos)*”, José passa a dedicar mais atenção à criação dos filhos do que a outras dimensões de sua vida, como a vida social e mesmo a vida sexual com a então esposa.

“E nos aniversários eu meio que abria mão mesmo dos amigos, eu ia mais... em muitos momentos eu levava babá.”

José destaca também as suas percepções sobre as divergências entre ele e a ex-cônjuge na forma de se relacionar com a parentalidade:

“(…) Luana sempre falou que... ela não tem como colocar a felicidade de uma outra pessoa em cima da dela, pra eu fazer feliz eu tenho que estar feliz, esse foi o dilema dela de vida.”

“Ó, eu como pai, eu digo assim, quando eu me descobri como pai foi quando eu entendi que a minha felicidade ela passa a depender de outra pessoa, então, assim, não tem como, eu não tenho como ser feliz nem minha vida ser completa se eu não ver meus filhos bem.”

“E começa assim, a gente começa a tentar administrar a vida de casal e tem vários momentos que Luana quer optar por um programa sem os filhos. E... E programas que cabiam os filhos...”

Em todos estes relatos, há indicativos de sentimentos de *mágoa* e *decepção* para com as atitudes que percebia por parte da ex-cônjuge, no tocante à vida familiar. Possivelmente, em sua hierarquia semiótica, o signo *Filhos/Família* ocupa posição mais elevada do que *Casamento/Entretenimento* – que por sua vez estão ambos em níveis superiores ao signo *Autocuidado*.

Com a passagem do tempo, entretanto, os signos passam a mudar de ordem vertical na hierarquia semiótica deste pai:

“(...) ou você divide a... a... a... as funções comigo ou eu não vou aguentar. Por quê? Porque assim, eu... eu posso *tá* sendo um... eu começo a falhar”

“Aí eu começo a pensar porque eu começo a administrar o que vai ser em relação a minha esposa, porque eu penso “Meu Deus, minha vida começou a ficar muito cansativa e desgastante.”, eu começo a ficar com pena de mim (...)”

José relata então passar a desenvolver algumas atitudes, diante da percepção do declínio do próprio casamento. Ele declara continuar mantendo as atividades de cuidado para com os filhos do mesmo modo, mas dedicando mais energia à vida sexual e afetiva do casal – havendo indicativos de significativa presença dos signos “*Família*” e “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*”.

“(...) porque eu entro em uma assim: “ó, se eu vou me separar de Luana e eu vou ter uma madrasta, uma madrasta nunca vai amar meus filho como... é... a mãe ama... então é jogo eu ter Luana como madrasta dos próprios filhos” (...)”

Há indicativos também do desenvolvimento semiótico de “*Saúde/Bem-estar (dos filhos)*”, quando este pai destaca sua mudança de atitude quanto ao cuidado para com os filhos, no tocante a não expor a eles os seus sentimentos quanto à então cônjuge – mesmo experimentando sentimentos de *mágoa* quanto à mãe dos seus filhos.

“(...) a mudança em relação a não expor a mãe, porque um dado momento da minha mudança eu comecei a jogar “Cadê sua mãe? Cadê sua mãe que não está aqui?”, eu... eu era... eu *tava* irritado, eu *tava* chateado”

“(...) mas o meu objetivo é que meus filhos sejam boas pessoas, então eu não tenho como obrigar ela a fazer, se ela não fizer, paciência, eu

vou ter que tentar fazer e eu vou ter que tentar pintar uma mãe pro meu filho porque senão eu corro o risco de ele ser frustrado”

“(…) Então a gente começa a fase agora dos programas sozinhos. E eu começo a ver que eu consigo sair com os dois sozinhos e começa a ser divertido. Em muitos casos até mais divertido, essa é a verdade (…)”

“(…) os filhos eles não sentem falta da mãe, porque você sai, se diverte, brinca, come, quando você chega em casa sua mãe tá lá, então você pula no colo dela, dá um abraço, dá um cheiro, assiste um desenho (…)”

“(…) os meninos entram na vibe do mundo perfeito... eu tenho meu pai que é meu amigo e tenho minha mãe que me passa o carinho, e toda aquela coisa também de você ter uma presença feminina em casa, né?”

Não conseguindo entretanto modificar o desejo da então companheira de separar-se, e *percebendo* a inevitabilidade da separação, José declara *ter se aconselhado* com a sua irmã quanto a como proceder para conseguir obter a guarda dos filhos – desenvolvendo uma estratégia e conseguindo alcançar o seu objetivo poucos dias após separação. Há indicativos de sentimentos de *segurança*.

“(…) Aí minha irmã senta comigo e fala assim, “Olhe, se você quiser realmente ficar com os meninos, Luana ela... inicialmente ela não vai lhe dar os meninos, então você precisa deixar ela levar, ela não quer sair, quer voltar pra casa da mãe dela, você tem que deixar ela levar os meninos (...) se você falar que quer ela não vai querer lhe, dar porque nenhuma mãe consegue falar que vai dar.”

PATERNIDADE POSTERIOR À SEPARAÇÃO CONJUGAL

A guarda

Em sua narrativa relativa ao momento anterior à separação, José destacou o seu *desejo* de que os filhos vivessem com ele e sobre a sua *percepção* de despreparo da ex-cônjuge para lidar com a situação de guarda dos filhos. *Desenvolveu então, junto à irmã, uma estratégia* para alcançar o seu objetivo, e poucos dias após a separação, *foi decidido*, em comum acordo, que os filhos iriam morar com o pai – havendo flexibilidade para visitação, por parte da mãe.

“(…) ela pega dia de terça e dia de quinta, dificilmente ela pega às sextas porque ela vai sair, tem algum programa e tal, e os finais de semana às vezes ela... ela pega eles sábado de manhã e me d  sábado de tarde, de...

de tardinha. Ou ela pega eles sábado e me devolve domingo no al... depois do almoço.”

Vida financeira

Ao momento da entrevista, José declarou estar atravessando um momento delicado, quanto à vida financeira – estando atualmente desempregado. Diante desta situação, ele consegue manter-se economicamente produtivo realizando serviços avulsos, enquanto autônomo, e dirigindo para uma instituição de transporte de passageiros, enquanto motorista autônomo.

José declara um grande impacto desta contingência nas diversas esferas de sua vida – havendo indicativos de *frustração/decepção* e *tristeza*, em sua narrativa.

“É... eu talvez tenha conseguido ligar, eu... eu... tudo o que a gente conversou aqui em relação ao casamento... mas eu não consigo lidar muito com o meu desemprego.”

“(...) Um exemplo, eu trabalhei, ganhei trezentos reais, cê acha que eu tô feliz? Meu Deus, eu dirigindo? Eu vou começar... É sério? Que minhas irmãs vão me ajudar e eu vou pagar as contas agora assim, pô?”

Apesar de não declarar diretamente como ele gerencia a vida financeira da sua família, existem na narrativa alguns indicativos de que ele consegue obter algum faturamento, além de contar com o auxílio de familiares. Em certo momento da narrativa, José destaca também a condição financeira da ex-cônjuge enquanto sendo significativamente superior à dele, o que pode conduzir à hipótese sobre uma participação financeira por parte dela, relativa ao sustento dos filhos. Num outro momento da narrativa, José destaca também uma *estratégia por ele desenvolvida* para, mesmo num momento de pouca receita financeira, poder proporcionar entretenimento aos filhos:

“A gente hoje tá separado e minha situação financeira é muito delicada, então o que acontece, eu hoje não tenho como fazer grandes programas com os meus filhos (...) por exemplo, a gente vai pro parque, né, eu tenho essa *necessairezinha* então eu boto três garrafinhas de água, eu boto duas de refrigerante, eu pego... eu já compro o biscoito, eu faço um misto e levo, e aí eu posso gastar lá, tipo, dez reais, que seria ou um pula-pula, ou (...) as bolinhas que eles gostam, aqueles negócios que faz as bolinhas, então eu já levo a aguinha com o sabão pronto, por que?”

Porque eu não vou poder comprar. Então assim, quanto é essa tarde toda de programação, eu vou gastar dez reais (...)"

Assim, diante da dificuldade financeira, este pai busca exercer significativo controle racional sobre a forma de proporcionar divertimento aos filhos gastando o mínimo possível – antecipando possibilidades e preparando-se. Há indicativos de signos como “*Responsabilidade/Compromisso (com os filhos)*” e “*Saúde/Bem estar (com os filhos)*”

Ex-conjuge

O signo “*Ex-cônjuge*” é evocado na narrativa de José em dois enquadres semióticos: quando ele destaca percepções que tem sobre o momento de vida dela, e quando ele destaca *preocupações* quanto aos impactos do funcionamento da ex-cônjuge sobre a vida dos filhos.

Assim, José demonstra *perceber* que a mãe dos seus filhos acaba por não desfrutar o quanto poderia do desenvolvimento dos filhos – havendo indicativos de *decepção* e de *tristeza*.

“Puxa, cê...”, é... é... é... ela não consegue enxergar o quanto ela perde porque os meninos começam a se desenvolver muito e quanto os meninos mudam (...)"

José também *presta atenção*, e destaca, a repercussão negativa da atitude de omissão da ex-cônjuge, em relação aos filhos, vinda dos próprios pais dela. Há indicativos de *decepção* e de *mágoa*.

“(...) Tinha muito, porque toda vez que Luana pegava os filhos e que o pai via que ela não tinha mudado mesmo separado os pais iam agora contra ela (...)"

“Tanto isso quanto você fica meio exposta, porque você se separa e você tem dois filhos e você tem todo o tempo livre (...)"

No tocante ao relacionamento dos filhos com a mãe, há indicativos de sentimentos *preocupação*. Assim, este pai busca inteirar-se de quais programações planejadas pela ex-cônjuge, quando busca os filhos – chegando a sugerir possibilidades que ele pessoalmente considera interessantes para os garotos.

“E aí Lu, cê vai pegar os meninos?”, “Vai.”, “Cê vai fazer o quê? Leve eles no parque de Pituáçu (...)"

Ao destacar a falta de interesse e distanciamento da ex-cônjuge quanto aos filhos, José demonstra também um receio à longo prazo: o modelo de relacionamento com o sexo feminino que os filhos estariam construindo. Assim, relata que gostaria que a mãe dos garotos tivesse mais interação com eles – havendo indicativos da presença do signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” enquanto orientador ontogenético do ato de significação.

“(...) eu queria que ela *tivesse* mais, que ela também usufrua, porque assim, o meu medo maior é que tipo de relação o meu filho estabelece com as mulheres (...)”

Um outro *receio* torna-se perceptível na narrativa deste pai: o da possibilidade de que os filhos gostem mais da mãe do que dele.

“(...) então eu fico com um pouco de receio, porque assim, hoje a mãe ela pode proporcionar mais doces, mais brinquedos, mais coisas do que eu aos meus filhos.”

Diante deste sentimento, este pai *realiza uma racionalização*, passando a ativamente *buscar evidências* de que os filhos gostam mais dele do que da mãe.

“(...) Porque eu percebo que o menino apesar de *tá* louco pra ganhar um celular, ou de querer uma motozinha elétrica, na realidade quando ele vê o objeto logo depois ele já pensa em brincar comigo *pô*, entendeu?”

José também presta atenção e salienta as falas dos filhos que conduzem à percepção de que enquanto pai ele é, no mínimo, tão amado quanto a mãe. Há indicativos de sentimentos de *satisfação e segurança*.

“(...) antigamente ele falava “Eu gosto de minha mãe isso aqui, e do meu pai eu gosto isso aqui.”, aí agora ele já fala “Não meu pai, eu agora já gosto dos dois iguais. (...) então assim, eu acho que já *tá* ótimo, entendeu?”

“(...) O que eu percebo é que... Eu falo muito “Ítalo, *cê* vai ficar com sua mãe hoje.”, mas Ítalo fala... “Ah, você vai ficar o final de semana todo.”, aí ele fala “*Pô*, minha mãe, o final de semana todo? É muito.”

Família da ex-conjuge

José destaca a sua atitude diante dos avós maternos dos seus filhos, buscando estar consciente de quais são as intenções dos mesmos. Em certa medida, José coloca-se entre os

avós e os filhos, destacando o seu papel de *mediador*. Há indicativos de sentimentos de *preocupação e insegurança*. Possivelmente o signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” opera enquanto um orientador ontogenético, que guia este pai a preocupar-se com os filhos e a adotar uma *postura de mediador/protetor*.

“Segundo, você quer ter... quer seus netos? Quer. Como é que seus netos estão? Estão ótimos. É o quê que vocês querem? *Cês* querem sair um dia comigo com os seus netos? Sem Lu? Quer que... Quer fazer um dia da vovó? Um dia que vocês peguem eles e vocês proporcionem alguma coisa? Como é que vocês querem agir?”

Namorada

Quanto à dimensão de relacionamentos afetivos, este pai declara não manter, ao momento, nenhum relacionamento com maiores compromissos. O signo “*Namorada*”, todavia, surge quando ele destaca uma pergunta feita por seu filho, quanto a esta realidade, e a sua resposta – havendo indicativos de sentimento de *preocupação* quanto à reação afetiva do filho diante do cenário de ele estar namorando. Há indicativos da presença do signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” operando enquanto um orientador ontogenético que direciona o enquadre de um contexto aparentemente positivo (ter uma namorada) enquanto fazendo parte de um contexto mais amplo, onde estão inclusas *predisposições à preocupação e à cautela*.

“Meu pai, *cê* vai ter namorada?”, “Seu pai vai ter sim, simho.”, outro dia a gente *tava* conversando sobre isso, aí eu falei “Olhe, meu filho, seu pai não tem uma namorada, uma pessoa... Seu pai tem várias amigas, pessoas que ele sai, e tal, como não é uma pessoa muito próxima (...) aí o papai não *tá* saindo com você, com seu irmão, mas no momento que o seu pai gostar de alguém mais, vocês vão sair com a gente sim.”

O signo “*Namorada*” também surge enquanto um questionamento sobre o futuro, quando José descreve que ele costumeiramente abre mão das próprias programações para ficar com os filhos – em situações em que a ex-cônjuge pega-os para um passeio e não consegue lidar com os garotos durante muito tempo, costumeiramente solicitando ao pai para que assumá-os.

“Assim, eu não sei como vai ser isso no futuro. E quando eu *tiver* com uma namorada? (...) Ou se eu tivesse uma programação ou se eu *tivesse* trabalhando? (...) mas se eu puder abrir mão eu abro.”

Rede de Apoio

Após a separação conjugal, José destaca as percepções que passou a ter quanto a contar com a ajuda de pessoas próximas (família, amigos e uma empregada doméstica).

“(…) eu começo a perceber que eu sempre tive sozinho nos lugares, então agora eu cem por cento separado eu começo a contar com a ajuda de todo mundo, eu vou num lugar tem minha irmã, meu pai, minha tia, então é fácil demais *pô*.

“(…) Eu vou pro bába com os meninos, meu amigo do bába ele começa a reclamar com... “Ítalo, vem pra cá, não... Quer o quê tio? Quer uma água de côco?”, então cada hora os programas começam a ficar muito mais prazerosos separado, e os meninos começam a entender isso.”

“A gente desce com Ítalo, a gente desce pra brincar aqui, o play de lá é tipo esse daqui. Poxa, eu faço isso tudo com a menina, com Bele, a menina que me ajuda (...)”

Um aspecto presente na narrativa de José, anteriormente à separação conjugal, era a *decepção* e *mágoa* que sentia ao perceber que não contava com a ajuda da mãe dos garotos. Após a separação conjugal, percebendo-se amparado por diversos personagens, há indicativos de que o pai passa a experimentar sentimentos de *prazer* e *alívio* ao *perceber-se amparado*.

No segundo trecho, enquanto descreve a sua (pessoal) experiência de prazer, nota-se também indícios do surgimento e operação do signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*”, quando José destaca a sua percepção de os filhos passam a compreender o mesmo que ele compreende. A narrativa demonstra que paralelamente à percepção da sua própria reação afetiva, há também indicativos de sentimentos de *preocupação* relativos a como os filhos estariam experimentando esta nova etapa. Assim, há possibilidades de que o signo “*Paternidade*” tenha passado a operar um novo caminho semiótico posteriormente à separação conjugal, quando enquadrado com signos como “*Responsabilidade/Compromisso (com os filhos)*” e “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” – incluindo novos signos, como “*Irmã*”, “*Pai*”, “*Tia*”, “*Amigos*”, e “*Bele*” e possivelmente aliviando, em magnitude, o impacto de sentimentos como *ansiedade* e *preocupação*.

Vida Social, Lazer e Entretenimento

Poucos foram os relatos de José relativos à estas dimensões. Neste sentido, o pai menciona relações sair com algumas mulheres, frequentar a academia e jogar futebol.

“Eu vou pra academia, *cê* me perguntar “Ah, *cê* queria *tá* indo pra a academia?”, não queria não. É legal porque melhora minha saúde, meu preparo físico então eu jogo bola melhor (...)”

Relação com os filhos

Após a separação conjugal, José destaca algumas mudanças na atitude dele diante dos filhos. Neste sentido, este pai relata que *passou a declarar verbalmente o seu amor para os garotos*, tanto enquanto uma *demanda dele* – por *considerar ter errado*, no passado, em não ter percebido que os filhos precisavam de uma linguagem amorosa –, quanto por *perceber* nos filhos a demanda de afeto decorrente de uma mãe pouco presente, passando ele a *buscar compensar* esta ausência através do carinho. Há indicativos de sentimentos de *remorso/culpa* e de *preocupação*. Possivelmente o signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” opera enquanto orientador ontogenético do pensar, sentir e agir, neste contexto.

“Eu come... eu começo a intensificar as palavras de carinho, “Meu filho, eu amo você.”. Tanto que... “Eu já falei que te amo?”, “Já, meu pai, você já falou que me ama.”, e eles começam a corresponder, eles começam a falar “Meu pai, eu também amo você.”

“(…) Que você fica comigo porque eu não consigo ficar sem você, mas sua mãe sente sua falta o tempo inteiro.”.

“(…) minha mãe me cobria de beijo, eu era o melhor filho do mundo, então assim, eu quero o que o meu filho tenha o que eu tive, exatamente o que que tive.”

Personalidade/Comportamento dos filhos

Em sua narrativa, este pai destaca a sua atitude de passar a observar o comportamento dos filhos, de modo a poder descobrir a forma mais eficiente de lidar com eles. Esta mesma tendência persiste quando ele passa a assumir a guarda dos garotos. Possivelmente o signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*” opera enquanto orientador ontogenético do pensar, sentir e agir, deste pai, guiando-o para selecionar os aspectos do ambiente relacionados ao comportamento, ao afeto e ao desenvolvimento dos filhos.

Neste sentido, José demonstra indicativos de sentimentos de *satisfação*, ao notar melhoras no comportamento do filho:

“(...) A gente viaja com minhas irmãs, então o comportamento deles começa a melhorar. E... Eu come... eu começo a intensificar as palavras de carinho (...) e eles começam a corresponder, eles começam a falar “Meu pai, eu também amo você.”

José destaca também a sua percepção a respeito do padrão de funcionamento do filho – havendo indicativos de sentimentos de *identificação* e *satisfação*, ao notar similaridades entre si e o filho. Noutro trecho, demonstra estar atento aos afetos do filho.

“(...) E outra coisa, isso aí Ítalo é muito parecido comigo. A gente não ficou aí? Depois ele vai querer brincar sozinho, *pô*.”

“(...) uma das coisas, assim, que eu... me assustei foi como Ítalo falou que um dos piores castigos dele era quando de noite a gente não contava história pra dormir (...)”

Lazer/entretenimento

José destaca percepções sobre momentos em que ele e os filhos divertem-se juntos, havendo indicativos de sentimentos de *satisfação* e *prazer*. Durante a sua narrativa, o participante destacou o momento delicado que vive na vida profissional, estando desempregado e tendo que conter despesas, inclusive no lazer dos filhos. No entanto, surgem indicativos de sentimentos de *satisfação* e *orgulho* quando ele nota que os fatores que reconhece como os mais importantes, enquanto algo que pais podem dar para os filhos, são o tempo e o interesse – percebendo em si mesmo a abundância destes elementos.

“(...) e eu consigo ter com meu filho programas maravilhosos no play do prédio *pô*, porque... *cê* entende... *ó*, hoje em dia a criança ela não tem a capacidade de brincar com a quantidade de brinquedo que ela tem. Por quê? Porque o pai ou a mãe, a gente dá o brinquedo pra se ver livre *pô* (...)”

“(...) *pô*, você precisa ver a gente brincando com os carrinhos!”

“(...) Sábado se eu não quisesse sair, ou tiver sem grana é muito tranquilo, *pô*, é só um tempo que você quer dedicar a ele, *pô*, a

diversão é essa pô, é desenhar, ou é Ludo, ou é... é muito tranquilo pô (...)"

Futuro: sonhos, desejos, expectativas, receios

Embora não refira-se de forma direta e pontual a expectativas quanto ao futuro dos filhos, durante toda a sua narrativa fica clara a percepção deste pai quanto ao seu papel de educador, buscando intervir no sentido de educar os filhos e proporcionar a eles o melhor ambiente para o desenvolvimento.

"O meu filho vai fazer a diferença. O meu filho... Porque assim, ó, dentro do meu filho ele é uma... ele tem... ê... ele tá vazio pô, só que, assim, todos os dois eles são, eles tem muitas coisas que são acima da média mas que podem ser potencializados pro bem ou pro mal, só que vai caber a mim encher esse vaso (...)"

Preocupações

É um traço notório, na narrativa deste pai, o quanto ele busca proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos filhos – consequentemente estando vigilante e atento aos menores sinais de que algo pode estar caminhando na direção contrária.

Ainda no tocante aos pensamentos relativos ao futuro dos filhos, José observa e analisa a relação que os garotos estabelecem com a mãe, e destaca uma preocupação daí advinda:

"(...) eu queria que ela *tivesse* mais, que ela também usufrua, porque assim, o meu medo maior é que tipo de relação o meu filho estabelece com as mulheres."

Em alguns pontos do seu relato, José demonstra sua percepção de *contrariedade* à forma como a mãe dos seus filhos lida com os garotos – havendo indicativos de sentimentos de *impotência* e *angústia*. Enquanto exemplo, o participante destaca uma *crítica* relativa à forma como os filhos são acordados antes de ir à escola, quando estão com a mãe:

"Porque assim, a gente tem que trabalhar a pressão na pressão, cê não pode tá... pressão no trânsito, na vida, tipo assim, ó, eu tenho um problema no trabalho, uma coisa importante... ótimo momento de você dar o pico de pressão. Eu não posso ter pressão todos os dias pra acordar (...)"

Num outro momento da narrativa, José destaca a fala de um amigo *a quem recorreu* enquanto alguém para ouvi-lo e aconselha-lo. No trecho, ele *confidencia* ao amigo sua preocupação quanto à possibilidade de as atitudes da ex-cônjuge serem contrárias ao que considera correto enquanto proporcionadoras de desenvolvimento, e salienta a resposta do colega:

“(...) Mas ele quis dizer que meu filho ia dizer à separação, tanto comigo como Luana (...) que ele se desenvolveria.”

“Isso mesmo, tudo pra mim é uma perda, então meu filho vai perder, meu filho vai... essa é a verdade (...)”

Saúde e bem estar

As percepções relativas a possíveis fatores de risco para os filhos, os sentimentos de preocupação e angústia, e as atitudes de precaução e de controle são consequências de uma forte orientação ontogenética deste pai quanto à “*Saúde/Bem estar*” dos filhos, aliados também ao signo “*Responsabilidade/Compromisso*”. Assim sendo, são inúmeros os momentos da narrativa em que estes signos combinam-se e determinam o caminho afetivos tomado por este pai, que busca proteger e orientar os filhos enquanto prioridade em sua vida.

Neste contexto, ocorre a participação do signo “*Mãe*” em sua paternidade, orientando este pai a *perceber* nos filhos a necessidade de amor e carinho, e agir no sentido de *supri-la*.

“Primeiro suprir o que é o... a falta da mãe, né? (...) minha mãe me cobria de beijo, eu era o melhor filho do mundo, então assim, eu quero o que o meu filho tenha o que eu tive, exatamente o que que tive.”

É também neste caminho semiótico que José destaca a forma como proeminentemente relaciona-se com o signo “*Ex-cônjuge*”:

“Rapaz, a gente se separou, problema é seu, vai viver sua vida, faça o que você quiser.”, mas no momento em que eu entendo que o meu filho precisa de uma mãe (...)”

Educação

Este é um tema predominante na narrativa deste pai. Um elemento que sobressai, dentre os destaques perceptivos de José, é o processo de enxergar pontos a serem aperfeiçoados, no

comportamento dos filhos, e buscar a melhor estratégia para alcançar o objetivo de fazê-los se desenvolverem.

“(…) cada defeito que seu filho tem, é muito do tempo que você não tem de trabalhar ele, porque se você tem o tempo você consegue, você melhora (…)”

“(…) Só que muitas vezes você vai ter que se tornar organizado pra que seu filho seja organizado.”

Um traço bastante valorizado por este pai, e enfatizado por ele, no processo de educação dos filhos, é a organização:

“(…) a casa ela é toda minha, então dá pra eu ada... adequar melhor os cômodos, e eu tento mostrar a Ítalo o quanto é legal ser organizado, se você separar seus brinquedos, se você fizer você vai usufruir muito mais das coisas (…)”

Neste contexto, José busca ensinar a um dos filhos sobre a liberdade no entretenimento (usufruir dos brinquedos disponíveis) sem perder de vista a organização.

“Aí eu peguei e botei em meu escritório, eu acho lindo, aí eu coloquei, aí eu digo “Ítalo, esses carrinhos eles são meus, você pode brincar, pode pegar a hora que você quiser, mas quando terminar de brincar você vai ter que colocar aqui. Tá certo?”, “Tá.” (…)”

José busca também ensinar ao filho a organização num sentido antecipatório: imaginar o futuro e preparar-se para ele:

“(…) Cê tem um lapisinho pra emprestar? Cê tem uma borracha? Cê tá com os lápis de cor aí? Poxa, meu filho, isso a gente tem que fazer de noite. E se a gente acordar tarde? A gente hoje a gente se passou e acordou mais tarde um pouquinho, a gente vai arrumar a mochila? Vai esquecer um livro?”, entendeu?”

Em certo ponto da narrativa, José destaca o depoimento de um amigo sobre a forma que conduz a educação dos seus filhos – exemplificando as vantagens que este pai observa, relativas à organização e ao cuidado com os filhos. Há indicativos de sentimentos de *satisfação* e *orgulho*.

“(...) é massa você ser o pai que você é, bicho, eu acho você admirável, *pô*, o fato de você colocar pijama, do menino tomar um mingau, de você acordar o menino com calma antes do horário e dar um tempo pra ele acordar, e tudo, condicionar ele, ele acorda, se arruma, e assiste um desenho, quando seu filho for pra escola ele já viveu, *pô*, ele *tá* ótimo, ele foi acordado com calma (...)”

Outros valores pedagógicos enfatizados por José são a responsabilidade e a atenção concentrada:

“Pô, você come no quarto e agora eu vou lavar o quarto porque você comeu? Desligue o desenho e *bora* comer. Meu filho, se concentre na comida, *pô*, a comida é um momento muito importante (...)”

Capítulo 4

DISCUSSÃO – PARTE 01

Considerações sobre a paternidade no contexto da separação conjugal

O objetivo do presente estudo foi o de compreender e descrever quais os aqui chamados “Caminhos Semióticos” percorridos por pais que vivenciaram a experiência de separação conjugal. Quais seriam as reações afetivas, semioticamente reguladas, que estes pais histórica e culturalmente situados estariam apresentando diante da realidade da paternidade na condição de separação conjugal?

Para alcançar tal objetivo, foram investigadas as percepções dos participantes a respeito dos acontecimentos vividos e as suas reações (afetivas, cognitivas e comportamentais) diante das mesmas, passando então à identificação de quais os possíveis signos que estariam regulando a relação dos pais com as suas paternidades – além de analisar como se davam estas semioses. Buscou-se também a identificação de quais as matrizes semióticas mesogenéticas que estariam dando embasamento para a singularidade ontogenética de cada participante.

Visando à compreensão de quais caminhos afetivos foram percorridos por estes pais, a partir do evento aqui entendido enquanto ruptura, optou-se pela investigação de toda a trajetória de paternidade destes pais – o que por sua vez possibilitou verificar não apenas os caminhos semióticos percorridos após a ruptura, mas também quais foram as mudanças nesses caminhos.

Sendo um estudo exploratório, foram escolhidos sujeitos que construíram a sua paternidade em condições diversas (idade; nível de escolaridade; gênero do filho; tempo de separação; atual situação conjugal; modalidade da guarda; coabitação), tendo como única característica aprioristicamente escolhida enquanto comum a todos eles o fato de terem vivido a paternidade no formato de conjugalidade – ou seja, eram *pais de família*, e assim viviam com cônjuge e filho(s) antes de se separarem.

No tocante à diversidade de condições em que as paternidades dos participantes foram edificadas, dois destes pais apresentam contextos significativamente particulares. Por conta da diferença de idade relativa aos demais participantes, a experiência de Bartolomeu permite a identificação clara de diferenças nos significados de paternidade entre as gerações – especialmente nos indícios da experiência no nível mesogenético. Assim, os destaques perceptivos deste participante fornecem pistas de como provavelmente a coletividade, àquele

tempo, significava especificamente algumas dimensões da experiência – como por exemplo a separação conjugal e o relacionamento com filhos.

Outro participante que apresenta uma narrativa representativa de uma condição significativamente singular é José – que passou a deter a guarda dos filhos após a separação conjugal, e atualmente coabita com os mesmos. Desenvolvendo a sua paternidade neste contexto, percebe-se que este participante percorre caminhos semióticos singulares, quando comparado aos demais pais.

A seguir, serão destacados alguns pontos que fornecem indicativos de quais trajetórias de paternidade estão sendo construídas e percorridas pelos pais deste estudo.

1. A paternidade anterior à separação conjugal

A decisão de tornar-se pai

É marcante o fato de todos os entrevistados, nas mais diversas condições em que foram construídas as suas paternidades, partilharem o fato de não terem como prioridade, ao momento que engravidaram as suas parceiras, o desejo de tornarem-se pais. Todos, entretanto, não hesitaram em, direta ou indiretamente, assumir a possibilidade de virem a se tornar pais, e passaram a aceitar esta nova condição ao descobrirem-na, responsabilizando-se pelos filhos.

Neste sentido, Bartolomeu declara não ter utilizado anticonceptivos, mesmo percebendo não ter significativo desejo de ser pai e não ter estrutura financeira adequada à esta condição. Romário, por sua vez, declara que sempre teve a tendência a hesitar diante da possibilidade de tornar-se pai, e mesmo passando a planejar a paternidade, quando casado, percebia em si intensos receios relativos a esta condição. Davi relata a sua percepção sobre a mãe do seu filho ter realizado o desejo de tornar-se mãe, engravidando dele, sem no entanto tê-lo consultado. José, por fim, destaca que o processo de desejar tornar-se pai foi um produto de acompanhar as frustrações da então cônjuge, que já desejava tornar-se mãe, em engravidar.

Uma possível explicação para o fato destes homens terem aceitado tornarem-se pais, mesmo não tendo necessariamente enquanto prioridade este desejo, e terem assumido a condição de paternidade e os seus diversos impactos sobre as suas vidas pessoais – tornando-se comum a todos passarem a ter outros signos guiando as suas atitudes que não “*Satisfação*

Pessoal” – é a fusão entre os signos “*Paternidade*” e “*Conjugalidade*”, ao nível mesogenético da experiência.

Levanta-se assim a hipótese de que uma poderosa atividade semiótica, culturalmente estabelecida, seja a responsável por conduzir diferentes sujeitos a tomarem a mesma decisão de se tornarem pais – escolha esta que além de não estar necessariamente comprometida com signos como a satisfação de desejos e necessidades pessoais, é capaz de sobrepuja-los. Possivelmente, “*Tornar-se pai*” é um poderoso signo compartilhado socialmente, que tacitamente conduz os sujeitos a perceberem a situação de conjugalidade intrinsecamente relacionada à condição de paternidade.

A gênese do sentimento de paternidade

Este ponto também apresentou-se enquanto de convergência de vivências entre os pais, que declaram terem passado a sentirem-se pais enquanto resultado da experiência prática de interação com os filhos, meses após o seu nascimento.

Bartolomeu

Bartolomeu percebe o surgimento deste sentimento como resultado da diversidade de experiências que a condição de ter um filho evocou, principalmente aquelas relativas a cuidados médicos – destacando a característica de novidade/não repetição que as vivências traziam. Signos como “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Saúde/Bem estar (do filho)*” provavelmente guiaram esta percepção, além do sentimento de alegria e da tendência comportamental à aproximação do filho e ao cuidado com o mesmo.

Romário

Romário percebe que passou a experimentar sentir-se pai quando a filha estava aprendendo a andar e utilizava as mãos do pai enquanto apoio. Signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem estar (do filho)*” e “*Desenvolvimento Pessoal (próprio)*” possivelmente guiaram esta percepção, além do sentimento de preocupação e da tendência comportamental de passar a cuidar mais de si mesmo, a fim de estar disponível para dar apoio ao desenvolvimento da filha.

Davi

Davi, por sua vez, percebe este sentimento no contexto em que chegava do trabalho e desfrutava da companhia do filho, assistindo televisão com ele ao lado e presenciando o seu sorriso – quando o bebê tinha 03 meses. Signos como “*Recompensa*” e “*Relaxamento*” possivelmente guiaram esta percepção, além do sentimento de alegria e da tendência comportamental a aproximar-se do filho e interagir com ele.

José

José percebe esta experiência enquanto resultado de interações com o seu filho, que à época tinha por volta de um ano de idade. Este pai percebe que a partir do momento em que o filho tornou-se mais responsivo, ele passou a vivenciar afetivamente a condição de paternidade – destacando, neste enquadre semiótico, que o filho passou a desenvolver comportamentos que ele considerava inadequados. Signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem estar (do filho)*”, “*Educação (do filho)*” e “*Desenvolvimento Pessoal (do filho)*”, possivelmente guiaram esta percepção, além do sentimento de preocupação e da tendência comportamental de engajar-se no processo de modelagem do comportamento do filho.

A construção dos caminhos semióticos: paternidade anterior à separação conjugal

A seguir serão descritos os processos semióticos de construção do significado de paternidade, experimentados pelos participantes da pesquisa:

Bartolomeu

A narrativa de Bartolomeu diferencia-se da dos demais pais deste estudo, por possuir a característica de voltar-se proeminentemente para a percepção do participante sobre as divergências vivenciadas pelo casal – acompanhadas de sentimentos de frustração, abandono e mágoa, que culminaram na separação conjugal.

Diferentemente dos demais participantes, poucos são os relatos relativos à experiências com o filho – havendo a possibilidade de o signo “*Satisfação Pessoal*” ser ontogeneticamente atuante nesta seleção perceptiva e hierarquicamente superior a outros signos relativos ao relacionamento com o filho. Esta hipótese ganha força quando em certo momento de sua narrativa Bartolomeu destaca que ele passava parte do tempo fora de casa, realizando viagens a trabalho. Noutro momento, este pai destaca a sua percepção de que a sua então cônjuge também costumava viajar a trabalho, e que o filho do casal costumeiramente ficava hospedado

na casa de um dos avós. Outro elemento presente na narrativa do participante é o destaque perceptivo de momentos em que ele mantinha uma vida social ativa, separando parte do seu tempo para o entretenimento com os seus amigos.

O fato de estas divergências conjugais fazerem parte proeminente do destaque perceptivo de Bartolomeu pode ter origem no significado atribuído pelo participante aos signos “*Casamento*” (percebido enquanto vínculo indissolúvel, com características de sacralidade) e, automaticamente, ao signo “*Separação Conjugal*”. Assim sendo, este pai destacou a sua percepção sobre a intensa mobilização afetiva que separar-se da esposa trouxe para a sua vida – salientando suas percepções a respeito de situações em que se sentia julgado e incompreendido pelas pessoas da sua rede social, o que o conduzia a dedicar parte da sua energia a buscar justificar-se diante dos demais.

Como consequência deste cenário, Bartolomeu relata por fim ter decidido se afastar da família de origem, dos amigos e conseqüentemente do filho, aproveitando uma oportunidade de trabalho para se mudar de cidade – havendo indicativos de sentimentos de alívio contingentes a esta decisão.

Através da leitura da narrativa deste pai, cabe uma consideração: ficam claros quais percepções/pensamentos, quais sentimentos ocorreram e quais ações foram tomadas diante do evento percebido. É importante considerar que cada sujeito percebe, sente e se comporta de modo subjetivo quando em contato com os objetos e situações do mundo – não podendo entender-se a resposta de afastamento de Bartolomeu enquanto indicativo absoluto da força do signo “*Separação Conjugal*” àquela época. Todavia, não se pode ignorar que o fato dele ter se afastado dos amigos, e principalmente da família (um signo que é notoriamente repetido durante a narrativa e provavelmente carregado de afeto e importância) denote como este sentiu-se pressionado e julgado quando em relação com este signo, quando em conversações com as pessoas de seu meio social. Constatar que ao momento da entrevista o destaque perceptivo deste pai proeminente voltou-se para descrever a dimensão conjugal da sua experiência também corrobora esta hipótese. O destaque perceptivo deste pai, ao relatar a percepção de mal estar da ex-esposa com a situação de ser desquitada também fortalece este raciocínio.

Considera-se aqui que talvez outros sujeitos teriam demonstrado outras respostas ao mesmo signo. Todavia, a magnitude da reação deste pai demonstra indícios de como a coletividade, àquela época, relacionava-se com o evento da separação conjugal – dando

embasamento mesogenético às vivências dos indivíduos quando em contato com este signo, provavelmente enquadrado semioticamente enquanto bastante aversivo e capaz de mobilizar conteúdos situados em camadas profundas da experiência afetiva.

É notável também o mal estar vivenciado por Bartolomeu em reação à percepção de a sua então cônjuge interessar-se mais pela dimensão profissional de sua vida do que propriamente à dimensão conjugal – havendo na narrativa indicativos de sentimentos de revolta e de rejeição. Diversos estudos da literatura revisada apontam a entrada da mulher no mercado de trabalho enquanto um dos fatores que trouxeram como consequência a necessidade de ressignificação da paternidade tradicional, impondo novas demandas ao pai. Há possibilidades de que as reações afetivas vivenciadas por Bartolomeu sejam, ao menos em parte, resultantes de uma falta de roteiros mesogenéticos que pudessem auxiliá-lo a reagir de modo mais flexível a este contexto – provavelmente experimentado pelo participante enquanto significativamente ameaçador.

Romário

Os caminhos semióticos desenvolvidos por este pai estão em significativa parcela orientados ontogeneticamente por signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem estar (da filha)*”, “*Educação (da filha)*” e “*Desenvolvimento Pessoal (dele/da filha)*”. Assim, Romário apresenta uma tendência a perceber as situações enquanto desafios, a vivenciar sentimentos de preocupação e a buscar antecipar obstáculos e preparar-se para enfrentá-los.

Deste modo, Romário destaca a percepção do desafio de educar uma menina, sendo homem – sentindo receio e buscando um amigo de trabalho para compartilhar a sua preocupação e ouvir a experiência do outro, tendo como objetivo superar a sua dificuldade.

Neste mesmo sentido, este pai descreve momentos em que o signo “*Entretenimento*” é evocado, estando semioticamente enquadrado junto aos signos predominantes supracitados. Assim, por exemplo, este pai aproveita os momentos de lazer nadando no mar com a filha para desenvolver habilidades nela, sem deixar de estar atento para os riscos relacionados à atividade, e tomando as medidas necessárias para prevenir-se (uso de boias; observar e conduzir o nado da filha). Há também indicativos de satisfação, quando relata o desempenho da filha.

O mesmo processo semiótico está presente quando este pai passa a identificar traços comportamentais em si mesmo que percebe enquanto desfavoráveis à condição de ter que educar uma criança – passando então a buscar desenvolver-se e posicionar-se enquanto modelo de conduta para a filha.

Quanto ao signo “*Relacionamento/Vinculação (com a filha)*”, este pai resgata semioticamente dois personagens: o seu pai e o seu padrasto – percebidos enquanto figuras desinteressadas e omissas quanto relacionando-se com ele enquanto filho/enteado, e conseqüentemente evocando sentimentos de mal estar. A partir desta semiose, Romário então passa a relacionar-se com a filha a partir de signos simetricamente opostos, como “*Interesse*” e “*Presença*”, além do signo “*Hierarquia*”, que o orientam a relacionar-se com a filha de um modo interessado e afetivamente engajado – adotando, de modo complementar, uma atitude de “treinador” da filha, criando contextos que oportunizem a ela o desenvolvimento de habilidades.

Davi

A narrativa deste pai a respeito da construção de sua paternidade é proeminentemente caracterizada pela presença de signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem estar (do filho)*”, que orientam-no a realizar diversos movimentos na direção de assumir a paternidade e conjugalidade – mesmo não desejando nenhuma das duas condições.

É notável, na narrativa do sujeito, que o signo “*Satisfação Pessoal*” passou a situar-se hierarquicamente abaixo, na estrutura semiótica do sujeito, a partir do momento que ele passou a assumir a condição de pai e de cônjuge.

Davi destaca também sua percepção de situações em que a cônjuge dificultava que ele realizasse algumas atividades com o filho, experimentando sentimentos de mágoa e frustração – percebendo a si mesmo como sendo invalidado, na condição de cuidador. Na própria narrativa sobre a paternidade anterior à separação conjugal, este pai passa a realizar um movimento semiótico de autovalidação, passando a destacar eventos em que ele e o filho realizavam atividades sem a presença da ex-cônjuge.

Nesta mesma direção, Davi também descreve a ex-cônjuge enquanto possuindo características materialistas e possuindo tendências comportamentais agressivas – destacando enquanto um diferencial, em seu processo educativo relativo ao filho, a estimulação de valores como “*Carinho/Não-violência*”. Há possibilidades de que, diante da percepção de invalidação,

este pai tenha passado a percorrer um caminho semiótico que o conduziu a buscar situações em que pudesse validar a sua condição de cuidador.

Quanto ao embasamento mesogenético da experiência afetiva de ser pai, situada num momento histórico e num grupo social, é notável a ausência de mobilização afetiva presente nos relatos de Davi, quando ele descreve chegar cansado do trabalho e encontrar o filho e a então cónyuge – que por sua vez gozava da experiência de licença maternidade. Assim, percebe-se que o signo “*Paternidade*” encontra-se semioticamente enquadrado enquanto “*Provedor Financeiro*”, enquanto o signo “*Maternidade*” encontra-se semioticamente enquadrado enquanto “*Principal Cuidadora*” – havendo indicativos de uma tácita, passiva e mesogeneticamente orientada aceitação da sua invalidação enquanto cuidador, ao menos nos primeiros meses da vida do filho.

José

Assim como Romário, José apresenta uma significativa tendência a perceber situações enquanto desafios, diante dos quais sentimentos de preocupação são evocados, assim como tendências à precaução, à preparação e à resolução. Deste modo, os caminhos semióticos desenvolvidos por este pai estão em significativa parcela orientados ontogeneticamente por signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem estar (da filha)*”, “*Educação (da filha)*” e “*Desenvolvimento Pessoal (dele/dos filhos)*”.

Neste sentido, a narrativa deste pai proeminentemente volta-se para a percepção de desafios enfrentados no processo de educação dos filhos, nas estratégias desenvolvidas para resolvê-los e nos afetos vivenciados – considerando também o próprio comportamento enquanto exemplo para os filhos, buscando desenvolver em si características que deseja que os filhos aprendam.

É notável a característica de objetividade deste pai, no tocante a diagnosticar situações-problema e construir estratégias para resolvê-las, tendo como foco resultados pré-definidos – apresentando, entretanto, enquanto um dos critérios que conduzem-no a tomar decisões e realizar intervenções pedagógicas, o impacto que estas mesmas intervenções podem causar no universo afetivo dos filhos. Assim, proeminentemente guiado pelo signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*”, José apresenta significativa tendência de refletir sobre como os eventos possivelmente são afetivamente vivenciados pelos filhos.

Também em conformidade com Romário, José destaca a participação do próprio pai enquanto um personagem que teve como características marcantes o desinteresse pelos filhos e o distanciamento. Assim, “*Meu pai*” é um signo que evoca em José tendências comportamentais opostas – passando ele mesmo a ser ontogeneticamente guiado por signos como “*Cuidado*”, “*Atenção*”, “*Interesse*” e “*Presença*”, no relacionamento com os filhos.

Há indícios de que esta semiose é significativamente poderosa, tendo em consideração os relatos de José sobre situações em eventos com os filhos, como festas de aniversário, em que apesar de ele não se sentir pessoalmente motivado a participar, este é o movimento que ele realiza. Há indicativos da presença do signo “*Responsabilidade/Compromisso (com os filhos)*” atuando enquanto orientador ontogenético, guiando o pai a mover-se motivado por proporcionar entretenimento aos filhos, e possivelmente aliviando a sua própria autocobrança, relativa à responsabilidade sentida em ser pai.

Além dos signos supracitados, a narrativa de José indica a presença de “*Hierarquia*”, “*Respeito*” e de “*Responsabilidade*” associados aos demais, também exercendo a função de orientadores ontogenéticos dos modos de pensar, sentir e de agir. Neste sentido, este pai busca introduzir os filhos no meio religioso, objetivando facilitar o aprendizado destes valores, além de também passar a delegar ao filho mais velho funções de responsabilidade sobre o filho mais novo.

2. A separação conjugal

Orientados pelos signos “*Responsabilidade/Compromisso*” e “*Saúde/Bem estar (do filho)*”, além de intrinsecamente associarem os signos “*Paternidade*” e “*Conjugalidade*”, todos os pais deste estudo destacaram a resistência que imprimiram em engajarem-se no processo de separação conjugal.

As narrativas dos participantes indicam que, durante algum tempo, a hierarquia semiótica estava conformada de modo que o signo “*Satisfação Pessoal*” ocupava um posicionamento inferior aos signos supracitados. Todavia, gradativamente esta semiose foi se invertendo, até chegar num ponto de mal estar pessoal em que a separação foi a decisão tomada.

De acordo com as narrativas, Romário e Davi foram os proponentes do processo de separação conjugal, enquanto no caso de José este processo foi engatilhado pela então cônjuge.

Quanto a Bartolomeu, este relata ter ocorrido um acordo entre o casal a respeito de que a separação era a melhor decisão.

Neste sentido, quanto a Romário e Davi, há uma semelhança quanto ao sentido que atribuem a algumas das experiências que vivenciaram com as mães dos seus filhos, após a separação conjugal: ambos destacam a percepção sobre a possibilidade de existência de mágoa nutrida pelas antigas companheiras, relativas a desafetos conjugais, enquanto motivação para dificultar o contato deles com os seus filhos.

É relevante o fato de considerarmos que, apesar de todos os participantes apresentarem uma semiose afetiva de afastamento, quando em reação ao signo “*Separação Conjugal*”, a narrativa de Bartolomeu é a que mais proeminentemente ateu-se neste tema – mesmo tendo se passado trinta e quatro anos de ocorrência da ruptura.

É também relevante a singularidade da experiência de separação de José, que destaca a sua percepção de que desde antes da separação passou a ser o depositário da maior parte das responsabilidades e cuidados relativos aos filhos – fator que lhe fazia experimentar intensa frustração e mágoa, relativos à percepção da atitude de omissão da então cónjuge. Em sua narrativa, este pai entretanto salienta o momento em que, mesmo pessoalmente insatisfeito com a companheira enquanto esposa, ele busca o aconselhamento da irmã e racionalmente engaja-se em tentar reverter o mal estar conjugal – tendo como orientadores ontogenéticos os signos “*Família*” e “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*”. Não obtendo êxito nesta empreitada, José novamente recorre ao aconselhamento da irmã, e então desenvolve uma estratégia para obter a guarda dos filhos e a condição de coabitação com eles – sendo desta vez bem sucedido.

3. A paternidade após a separação conjugal

O fenômeno da Alienação Parental e a experiência de Invalidação Parental

Apesar da diversidade de condições em que as paternidades dos participantes deste estudo foram construídas, uma experiência em particular foi a tônica da narrativa dos pais que não coabitam com os filhos, quando narrando a sua paternidade após a ruptura conjugal.

Em diversos momentos de suas narrativas estes pais destacam a percepção de defrontarem-se com situações em que não conseguem desfrutar dos diversos aspectos da guarda de seus filhos (ter contato físico com eles; participar de processo de decisão; contribuir para o desenvolvimento e educação, transmitindo valores que consideram adequados), ou mesmo situações em que percebem que o outro genitor está engajado em condutas de desqualificação da sua imagem, enquanto pais.

Nas narrativas destes pais encontram-se indicativos de que eles percebem-se *invalidados* enquanto cuidadores e responsáveis por seus filhos – ocorrendo esta experiência nas relações com a ex-cônjuge, com a escola, com a polícia, com a defensoria pública ou com outros representantes da sociedade. Sentimentos de impotência e de mágoa são vivenciados por estes indivíduos, ao perceberem que significativa parcela da sua experiência de paternidade não se encontra sob o seu controle. Em resposta a esta situação, diversas são as estratégias comportamentais desenvolvidas de modo a buscar modificar esta realidade.

A aqui denominada experiência de “*Invalidação Parental*” ganha os seus contornos, em partes, enquanto a vivência, pelos cuidadores, em reação ao fenômeno da *Alienação Parental* – bem descrito no texto da Lei 12.318/10. De acordo com esta legislação, qualificam-se enquanto atos de alienação: a) realizar campanhas de desqualificação da conduta do genitor no exercício da paternidade ou maternidade; b) dificultar o exercício da autoridade parental; c) dificultar o contato da criança ou adolescente com o genitor; d) dificultar o exercício do direito regulamentado de convivência familiar; e) omitir deliberadamente ao(à) genitor(a) informações pessoais relevantes sobre a criança ou adolescente, inclusive escolares, médicas e alterações de endereço; f) apresentar falsa denúncia contra o(a) genitor(a) ou contra familiares deste(a), com fins de obstar ou dificultar a convivência deles com a criança ou adolescente; g) mudar o domicílio para local distante, sem justificativa, visando dificultar a convivência da criança ou adolescente com o outro genitor ou familiar deste. O parágrafo único desta lei também permite que o juiz ateste outros atos enquanto alienantes, através do seu entendimento sobre a situação e de informações produzidas via perícia técnica.

As percepções dos pais participantes deste estudo, expressas em suas narrativas, permitem a identificação de diversas situações enquadradas na lei enquanto atos de alienação – quando descrevem desqualificações relativas a eles ou a familiares; quando relatam dificuldades em manter contato físico com os filhos e exercer o direito à convivência familiar, identificando atitudes de arbitrariedade por parte da genitora; quando não tem acesso a convites

relativos à eventos escolares dos filhos; quando percebem obstáculos em exercitar a autoridade parental.

No entanto, a experiência aqui denominada *Invalidação Parental* estende-se para além dos contornos definidos pela legislação da Alienação Parental. Em algumas situações destacadas pelos participantes, eles vivenciaram experiências semelhantes às definidas pela Lei 12.318/10, porém com a particularidade de o agente alienante ser uma instituição social (pública ou privada). Sugere-se então que por *Invalidação Parental* entenda-se a vivência dos genitores diante de atos de alienação parental advindos de representantes civis e de agentes institucionais de uma dada coletividade.

Neste sentido, Romário salienta a falta de reconhecimento dele enquanto cuidador e responsável pela filha, por parte dos agentes da escola da filha. No mesmo sentido, Davi destaca a falta de reconhecimento por parte da instituição policial, que demonstrou não ter ferramentas para lidar com o pai que sofre alienação parental. Davi também relata a vivência de *invalidação parental* diante da fala de uma oficial de justiça, que desconfia das intenções de um pai em procurar a defensoria pública estando unicamente interessado em garantir o contato físico com o filho. Davi também destaca esta experiência, na escola do filho, quando seguindo orientações da ex-cônjuge funcionários tentaram impedi-lo de ver o garoto. Por outro lado, Davi demonstrou que acabou conseguindo o amparo da justiça, após acionar a Defensoria Pública, que intimou a ex-cônjuge e passou a agir no sentido de garantir os direitos deste pai.

É possível também hipotetizar a existência da experiência de invalidação parental dirigida tacitamente dos pais quanto a eles mesmos, quando em suas narrativas eles expressam o nível mesogênético da vivência da sua coletividade relativamente ao papel do pai quanto ao cuidado dos filhos. Assim, Bartolomeu destaca sua percepção sobre momentos em que a sua ex-cônjuge viajava a trabalho, evento que ocasionava a hospedagem do seu filho na casa de um dos avós – o que torna válida a hipótese de uma aceitação, pelo pai e pela rede de apoio, a respeito da incapacidade do mesmo em assumir o papel de cuidador do próprio filho.

Num nível ainda mais sutil, a narrativa de Davi mostra que, de certo modo, ele mesmo adota um posicionamento autoinvalidante, quando descreve a sua percepção sobre o momento em que ele retornava do trabalho e encontrava a ex-cônjuge, em licença maternidade, tomando conta do bebê. O relato deste pai não denota nenhum tipo de reação afetiva relativa ao fato de ele não ter direito a estar de modo intensivo com o próprio filho e com a cônjuge, quando do

momento da chegada desse novo membro à família – aceitando a exclusão de si mesmo quanto ao aprendizado da função de cuidador, que é então naturalmente percebida enquanto inerente à mulher.

Deste modo, num momento familiar em que a chegada de um novo membro ocasiona alterações nas fronteiras semióticas familiares, e conseqüentemente nas outras esferas de vida dos genitores, pode-se pensar que é possível ao pai tacitamente aceitar ocupar a posição de coadjuvante, no sistema familiar – o que possivelmente contribui para que as mães dos seus filhos engajem-se em posturas de alienação parental, quando na situação de separação conjugal se veem diante da impossibilidade de continuarem detendo a guarda de seus filhos de modo intensivo.

As narrativas de Romário e de Davi fornecem indicativos do nível mesogenético da experiência coletiva relativa ao significado de paternidade após a separação conjugal. As percepções dos participantes sobre situações em que sentiram-se invalidados, como cuidadores – seja pela ex-cônjuge, pela família dela, ou por agentes de instituições sociais tais quais a escola, a polícia e a Defensoria Pública – indicam que a coletividade ainda tende a atos de significação tradicionais sobre a paternidade, enquadrada em signos como “*Provisão Financeira*” e “*Distanciamento Afetivo*”. A constatação sobre a existência de legislações que versam sobre os direitos dos pais, assim como o testemunho de Davi sobre ter conseguido a proteção dos seus direitos pela instituição pública, após uma série de tentativas frustradas, indicam todavia que há uma transição semiótica em processamento – textualmente positivada, porém ainda em vias de solidificação, na experiência semiótica coletiva.

Diante do cenário da *Invalidação Parental*, os pais deste estudo desenvolveram um mecanismo semiótico que cumpre a particular função de reduzir os níveis de mal estar conseqüentes às vivências de invalidação e impotência. Frente às mesmas, observa-se que eles se mostram proeminentemente regulados pelo signo “*Passagem do Tempo*”. Passaram também a engajarem-se em caminhos semióticos que têm como resultado produzir o sentimento de reconhecimento e validação do papel de cuidador, possivelmente enquanto reação às experiências de invalidação vivenciadas.

A construção de novos caminhos semióticos

Após a separação conjugal, as vidas dos pais que participaram deste estudo passaram por significativas mudanças objetivas e subjetivas – tendo eles que inevitavelmente passarem a

se relacionar com os novos contextos e conseqüentemente desenvolver novos caminhos semióticos.

Bartolomeu

Em sua narrativa, Bartolomeu destaca a percepção de uma etapa da vida do filho em que este desenvolveu uma atitude magoada e de distanciamento em relação ao pai, influenciado pelos conceitos formados a partir dos relatos da mãe – percebidos pelo participante enquanto destoantes da realidade. Diante desta situação, o pai passou a sentir-se incompreendido e julgado pelo filho, passando então a apresentar o pensamento de que, em algum momento no futuro, Lúcio também iria ter relacionamentos amorosos e então, a partir da própria experiência, passaria a compreender melhor o pai – fato que conseqüentemente concorreria para a melhora da relação entre os dois.

Assim, provavelmente diante do mal estar da vivência de invalidação na relação com o filho, Bartolomeu passou a relacionar-se com o signo verbal “*Passagem do Tempo*” – cujo contato provavelmente provocava alívio, diante do seu sofrimento emocional, e proporcionava o engajamento na manutenção da relação com o filho em condições adversas.

A experiência de Bartolomeu é especialmente significativa, neste estudo, devido ao fato de que a separação conjugal ocorreu há trinta e quatro anos – época em que o signo em questão era evocado por este pai para promover a regulação emocional diante da adversidade da experiência de ser um pai separado. Assim, trinta e quatro anos após a separação conjugal, ao momento da entrevista Bartolomeu destaca a sua percepção sobre a concretização do conteúdo dos pensamentos ativados pelo signo “*Passagem do Tempo*” à época em que era utilizado – constatando que, de fato, a relação com o filho melhorou quando este passou a se relacionar amorosamente com mulheres, particularmente quando engajou-se num relacionamento com uma parceira que já tinha um filho.

Davi

Na narrativa deste pai, a experiência de invalidação ocorre em diversos momentos. Na relação com a ex-cônjuge, Davi destaca indicativos da ocorrência desta experiência desde antes da separação conjugal, quando percebia obstáculos por ela impostos quanto a ele realizar algumas atividades na companhia do filho. Após a ruptura conjugal, esta experiência é então agravada, passando Davi a perceber-se por diversas vezes impedido de estar junto ao filho,

mesmo em datas comemorativas da paternidade, por conta de motivos por si percebidos enquanto arbitrários e irrelevantes – experimentando intensa mobilização afetiva e vivendo sentimentos de impotência, mágoa e raiva.

Davi então declara que, em certo episódio em que se percebe impedido de estar com o filho, direciona-se à delegacia de polícia, munido do documento judicial comprobatório da guarda compartilhada, contando com esta instituição social para conseguir ter acesso ao filho – ao que destaca ter obtido como resposta que a polícia nada poderia fazer por ele.

Diante da experiência de invalidação diante da instituição policial, este pai então busca a Defensoria Pública. Relatando esta experiência, ao momento da entrevista, Davi então destaca a pergunta direcionada a ele, realizada pela oficial de justiça, quanto às suas intenções em ir até o órgão judiciário – salientando o julgamento da agente pública de que a motivação para um pai buscar o órgão seria requisitar alterações na dimensão financeira da guarda compartilhada particularmente vantajosas a ele.

Davi destaca então a sua percepção de que de fato acreditava que seria algo válido, de sua parte, requerer alterações no acordo de guarda que lhe fossem pessoalmente vantajosas e adequadas à situação laboral e financeira de então, visto encontrar-se sem emprego formal. É notável, na conversação com o entrevistador, o destaque que este pai (implicitamente) dá ao caráter inusitado enfrentado pela situação vivida pela oficial de justiça, ao receber um pai que aciona deliberadamente a instituição judiciária apenas para garantir o direito de ver o próprio filho, aparentemente sem outros ganhos pessoais. Assim, há na narrativa do participante, além dos indicativos da presença do signo “*Responsabilidade/Compromisso*” diante das suas obrigações financeiras para com as necessidades materiais do filho, indícios de *sentimentos de orgulho e de satisfação* para com a própria atitude de interesse, enquanto pai, relatada ao entrevistador.

Do mesmo modo como buscou validar a si mesmo enquanto personagem responsável pelo filho, através do destaque perceptivo dos eventos narrados ao entrevistador, no momento mesmo da entrevista, há indicativos de que esta mesma tendência autovalidativa e viabilizadora de um singular *sentimento de paternidade* ocorra em outros momentos da narrativa deste pai. Assim, Davi destaca as falas de professoras do filho, a respeito do efeito que a companhia do pai exerce no humor e comportamento do filho, elogiando-o. Do mesmo modo, este pai destaca sua percepção a respeito do ato praticado pelo filho de chutar o carro do atual namorado da sua

mãe – momento em que, intimamente, Davi sente que o filho o percebe enquanto ocupando a posição paterna.

O mesmo caminho semiótico ocorre quando Davi destaca deslocar-se até a escola do filho, durante a semana, tendo a intenção de dar um abraço no garoto e ser visto pelos colegas do mesmo – tendo a intenção de que as crianças comentem entre si, e com o seu filho, sobre a presença dele como pai, conseqüentemente produzindo no filho a sensação de ter o pai por perto, e produzindo em si mesmo a sensação de estar desempenhando uma função por ele entendida enquanto paterna: estar presente.

Ainda no cenário da escola, Davi descreve uma situação em que percebe tentarem impedi-lo de ver o filho – recorrendo então ao signo tradicionalmente estabelecido no nível mesogenético do “*Pai Provedor*” para validar a sua experiência de paternidade, declarando que teria o direito de ver o filho devido ao fato de ser ele quem paga a mensalidade da escola.

Assim, diante das adversidades das situações de invalidação, percebe-se que Davi engaja-se em caminhos semióticos que cumprem a função de reduzir o seu mal estar relativo a não ser reconhecido enquanto pai, pelo seu filho ou pela sociedade.

Outro mecanismo regulatório utilizado por este pai para reduzir o mal estar conseqüente à experiência de invalidação é a evocação do signo “*Passagem do Tempo*”. Davi passa então a imaginar um momento futuro em que o filho irá decidir morar com ele, e então ele poderá desfrutar da experiência de paternidade sem as restrições que atualmente enfrenta. Deste modo, entrar em contato com este signo verbal, quando do contexto de vivências de impotência e invalidação, conduz à redução do mal estar e ao engajamento na manutenção da relação com o filho.

Romário

Na experiência deste pai, há situações em que são destacadas percepções de experiências de invalidações vindas do relacionamento com a ex-cônjuge e com a escola da filha.

Romário salienta, em sua narrativa, que antevê dificuldades em conseguir obter o reconhecimento da guarda compartilhada, por parte da ex-cônjuge, que já havia verbalizado que não aceitaria esta condição. É notável o fato de que diante da experiência de invalidação,

por parte da ex-cônjuge, da sua condição de paternidade, este pai apresenta indicativos de sentimentos de segurança e certeza quanto à obtenção da guarda, evocando a legislação de 2014.

Assim sendo, diante da possível adversidade advinda da sugestão, por parte da antiga companheira, de que ele não poderá desfrutar da guarda da própria filha, e do mal estar daí decorrente, Romário evoca os signos verbais “*Passagem do Tempo*” e “*Guarda Compartilhada (legislação)*”, que conduzem à redução do possível desconforto e guiam-no em direção a um estado de maior estabilidade biopsicoemocional.

José

Num sentido bastante singular, a narrativa de José apresenta indicativos de que este pai, apesar de deter a guarda dos filhos e coabitar com os mesmos, também defronta-se com contextos evocadores de sentimentos de impotência, e também passa a utilizar-se de mecanismos semióticos para alcançar estados de maior estabilidade biopsicoemocional.

Deste modo, José destaca a sua percepção a respeito da incapacidade da ex-cônjuge em educar os filhos de modo que entende adequado, nos momentos em que ela busca-os na casa do pai. Indicativos de sentimentos como preocupação e de pensamentos a respeito de prejuízos desenvolvimentais para os filhos são provavelmente evocados pelo signo “*Saúde/Bem estar (dos filhos)*”, provocando intensa mobilização afetiva experimentada enquanto desconforto.

Enquanto mecanismo regulatório da afetividade, José descreve um diálogo que teve com um amigo, destacando a interiorização de uma opinião daquele sobre a ausência de prejuízos desenvolvimentais na vida dos filhos, mesmo quando na presença da mãe e então educados com referenciais pedagógicos distintos dos de José. Deste modo, ao deparar-se com situações em que percebe-se impotente, este pai descreve entrar em contato com o signo verbal “*Passagem do Tempo*”, que guiam-no à redução do mal estar e contribuem para um estado de maior estabilidade biopsicoemocional.

Capítulo 5

DISCUSSÃO - PARTE 02

Um modelo semiótico para a paternidade na condição de separação conjugal

A partir da análise e discussão do material proveniente das entrevistas, foi possível a construção de um modelo semiótico da experiência de paternidade dos pais que participaram deste estudo – como percebem os objetos e situações do mundo, o que pensam sobre suas percepções, como reagem afetivamente, e o que tendem a fazer, diante deste cenário. Foi também possível se chegar a algumas conclusões a respeito de quais recursos semióticos coletivos faziam-se presentes nas narrativas dos participantes, dando-lhes embasamento para a construção das suas subjetividades enquanto pais.

A narrativa de Bartolomeu evidencia uma ênfase perceptual e afetiva à experiência de separação conjugal e os seus impactos. Pouco espaço, em seu relato, foi dedicado ao destaque de vivências com o filho – o que no entanto não indica necessariamente que este pai dedicava pouca atenção para esta dimensão da sua vivência enquanto pai.

Por outro lado, é válido inferir que a forma como a coletividade significava a experiência de separação conjugal, orientando os campos afetivos dos indivíduos daquela época, participou na direcionamento das atitudes tomadas por Bartolomeu – que optou por isolar-se do seu meio social como forma de proteger-se dos julgamentos que relatou ser alvo.

Considerando o relato dos demais pais que participaram desta pesquisa, constata-se que apesar de estes, assim como Bartolomeu, buscarem evitar a condição de separação conjugal – permanecendo no casamento, a despeito de estarem pessoalmente insatisfeitos -, a ênfase nos relatos relativos à separação conjugal é significativamente menor, em comparação à narrativa daquele. Assim, na narrativa dos outros três pais, assim como Bartolomeu, todos destacaram o período em que buscaram manter o casamento, à despeito do desgosto pessoal; todavia, os relatos passaram posteriormente à descrição da continuidade de suas vidas enquanto pais separados – abordando as dimensões de vivência do relacionamento e vinculação com os filhos; preocupações com a educação, desenvolvimento pessoal, saúde e bem estar dos mesmos; expectativas, sonhos, desejos, frustrações e desafios, colaterais à condição de paternidade que ocupavam.

Assim, fica a impressão de que significativa parcela da afetividade de Bartolomeu estava voltada para uma reação de defesa diante da percepção de uma sociedade, dentro de uma família particular, que possivelmente à época ainda não tinha muitos recursos semióticos para lidar de modo flexível com o tema da separação conjugal – realidade que provavelmente encontra-se em transição nos tempos atuais, tomando como medida desta hipótese a constatação da maior disponibilidade dos demais participantes para perceberem e se relacionarem com outras dimensões da paternidade posteriormente à separação conjugal, notoriamente o relacionamento com os filhos.

Seguindo o mesmo raciocínio analítico, há também probabilidade de que, à época da separação conjugal de Bartolomeu, não houvesse ao nível mesogenético da experiência muitos roteiros semióticos difundidos a respeito da realidade de mulheres que ativamente engajavam-se no mercado de trabalho. Assim, este pai destaca a sua percepção sobre a ex-cônjuge dedicar mais atenção à sua vida laboral relativamente à vida conjugal e familiar, o que por sua vez lhe evocava sentimentos de mágoa e abandono.

Esta hipótese torna-se ainda mais forte quando, além de considerar a reação deste pai, evidenciarmos que até o ano de 1962 (quando surgiu o “Estatuto da Mulher Casada”) perpassava na experiência mesogenética brasileira a ideia sobre o trabalho feminino da mulher casada estar condicionado à permissão pelo esposo. Tendo em consideração que a separação conjugal de Bartolomeu ocorreu no ano de 1986, à época deste evento havia se passado apenas 24 anos do surgimento do Estatuto da Mulher Casada – o que é um tempo curto, quando se tem por critério as transições nos significados culturais.

O tema da inserção da mulher no mercado de trabalho surge também nas narrativas de Romário e de José, quando ambos destacam a percepção de que as ex-cônjuges atualmente possuem rendimentos financeiros significativamente superiores aos deles. O fato dos dois pais terem destacado esta percepção, dentre diversas outras possíveis, e de ambos terem decidido compartilhá-la com o entrevistador, sugere que ainda hoje é algo estranho à comunidade masculina o fato de mulheres conseguirem se desenvolver enquanto profissionais.

Assim, ambos os pais percebem este evento, e notavelmente, ambos significam o evento de modo semelhante – apesar da diversidade de biografias e das condições de construção de paternidade. Tanto Romário, quanto José, destacam a condição financeira superior das mães dos seus filhos, e então buscam posicionar-se numa atitude de crítica à postura percebida

enquanto “materialista” dessas mulheres, e engajam-se num movimento de diferenciação deles enquanto cuidadores que preocupam-se em transmitir aos filhos valores diversos daqueles que percebem nas ex-cônjuges – salientando o papel por eles desempenhado em incentivar posturas de amorosidade, carinho, cooperação e companheirismo.

Já no caso de Davi, é notável que, apesar de não haverem destaques perceptivos relativos à condição de trabalho da ex-cônjuge, há o mesmo ato de significação relativo a valores materialista da mãe do seu filho. Há também neste pai um movimento semiótico de diferenciação de si mesmo enquanto um cuidador que preza por transmitir outros valores ao filho - os mesmos mencionados por Romário e José. A mesma atitude de diferenciação de si, como cuidador com valores “humanitários”, em comparação com a “*Ex-cônjuge Materialista*” (aqui tornada um signo), é também adotada por Bartolomeu – apesar da distância temporal da construção da paternidade destes indivíduos.

Diante da descrição dos caminhos semióticos percorridos pelos participantes, levanta-se a hipótese de que estes pais buscam ativamente individualizarem-se enquanto cuidadores de papel ímpar, relativamente ao papel ocupado pelas mães dos seus filhos - possivelmente construindo o signo “*Eu Pai*” tendo como uma possível baliza a percepção das atitudes das ex-cônjuges, enquanto cuidadoras. Assim, a partir do que percebem ser as mães, constroem a própria referência do que são, enquanto pais.

Outros indicativos de referências que estes pais buscaram para construírem as suas identidades paternas vêm do significado que atribuíram aos próprios cuidadores que tiveram, em suas infâncias. Neste sentido, Romário resgata a imagem do próprio pai, e a do padrasto, enquanto referências negativas sobre o que deve ser um pai. Quando este participante realiza um movimento semiótico a respeito do pai que ele deseja ser, os signos “*Meu pai*” e “*Meu padrasto*” são evocados através de uma relação semiótica de oposição – participando assim no direcionamento de suas atitudes tendo como guias valores como “*Presença*”, “*Interesse*”, “*Atenção*”, “*Cuidado*”, dentre outros, quando diante das incertezas contingentes à vida de pai.

O mesmo caminho semiótico é percorrido por José, que também resgata a imagem do próprio pai enquanto uma figura marcada por signos como “*Ausência/Omissão*” e “*Desinteresse*”.

As narrativas de Romário e de José permitem a identificação de um fenômeno interessante: a experiência no nível mesogenético que orientava os seus próprios pais em seus

modos de agirem (apontados pela literatura enquanto possuindo características de objetividade, provisão financeira e distanciamento afetivo) continua sendo um roteiro social atuante, na experiência dos pais contemporâneos. No entanto, outrora esta significação coletiva orientava os pais de um modo simétrico (*como pensar, como sentir e como agir*), enquanto atualmente esta mesma referência está enquadrada em outro molde (*como não pensar, não sentir e não agir*). Com o passar do tempo, a relação semiótica de simetria transformou-se em uma relação semiótica de oposição.

É também notável o fato desta mesogênese tradicional também servir de roteiro para os pais exigirem os seus direitos enquanto cuidadores, em contextos em que vivenciam a *Invalidação Parental* – utilizando a referência ao “*Pai Provedor*” enquanto uma estratégia final, diante da falha de outros movimentos, para conseguir alcançar reconhecimento e validação, diante da coletividade, quanto aos seus papéis de cuidadores e responsáveis por seus filhos.

Participa também da construção da semiose de paternidade de alguns dois pais desta pesquisa o signo “*Minha mãe*”. Romário, Davi e José evocam este signo ao perceberem em suas genitoras os valores que desejam que oriente a relação que eles mantêm com os seus próprios filhos – *carinho, atenção, presença, cuidado*.

Tendo em consideração que uma das dimensões inerentes à separação conjugal seja o distanciamento físico, em maior ou menor grau, entre pais e filhos, e considerando a referência negativa dos participantes quanto ao distanciamento que percebiam ser imposto por seus próprios pais, há alguma probabilidade de que a separação conjugal seja uma situação que aumente a intensidade da semiose de simetria relativa ao modelo materno na conformação da paternidade destes pais – uma característica que aparenta ser um caminho semiótico inédito na história da paternidade brasileira.

Deste modo, os participantes deste estudo percebem nas ex-cônjuges valores e atitudes diversos daquelas que eles consideram saudáveis ao desenvolvimento dos seus filhos; percebem também em seus próprios pais a ausência dos mesmos valores que desejam desenvolver e transmitir à prole; e percebem em suas próprias mães a presença destes elementos (ver figura 1).

Em todos os participantes, o signo “*Saúde/Bem estar (do filho)*” mostrou-se um poderoso orientador ontogenético diante da imprevisibilidade das experiências imediatas com

as quais os pais relacionavam-se, associado ao signo “*Responsabilidade/Compromisso*” – conduzindo os pais a perceberem situações desafiantes no dia a dia das suas paternidades, sentirem-se preocupados e buscarem agir para proporcionar bem estar aos filhos, antecipando riscos, precavendo-se ou fazendo planejamentos, de modo a superar os obstáculos.

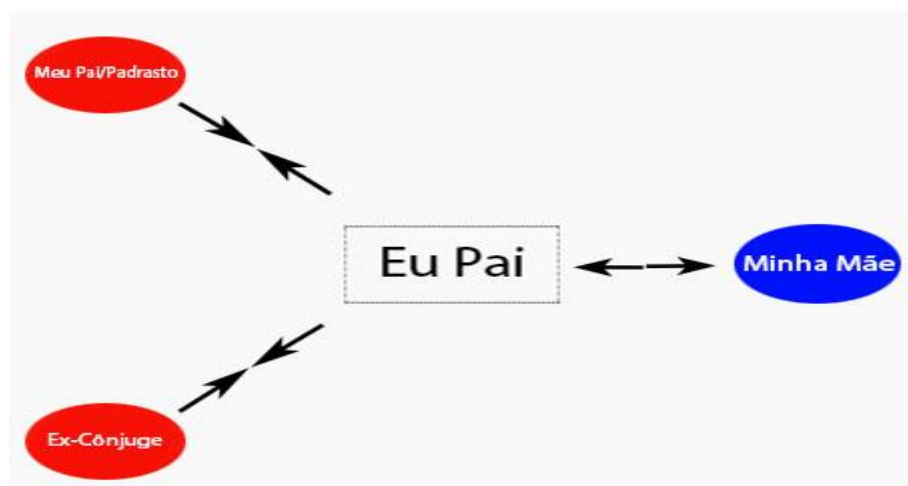


Figura 1 Semioses da paternidade no contexto da separação conjugal. Ao lado esquerdo da figura, as setas estão em vetores conflitantes, sinalizando a relação semiótica de oposição. Do outro lado, as setas estão em posições de alinhamento, sinalizando a simetria.

É notável o fato do signo “*Satisfação Pessoal*” aparecer enquanto um orientador ontogenético provavelmente menos poderoso, e mais abaixo, na hierarquia semiótica destes sujeitos, quando comparados com os signos descritos no parágrafo anterior. Em diversos trechos de suas narrativas, os pais destacaram suas percepções a respeito de terem se engajado em atitudes mais comprometidas com proporcionar bem estar aos filhos do que a si mesmos – estando muito provavelmente fortemente orientados por um sentido de responsabilidade pessoal diante do desenvolvimento dos seus filhos.

Mesmo no exemplo de Bartolomeu, em que houve um grande investimento no bem estar pessoal, ao buscar escapar das sanções culturais aplicadas pela coletividade àqueles que passavam pela experiência de separação conjugal, percebe-se o destaque dado ao cuidado em não deixar transparecer ao filho as desavenças conjugais, enquanto forma de preservá-lo; o esforço em não separar-se; e o mal estar diante da hipótese sobre ter prejudicado o desenvolvimento do filho.

Quanto aos demais pais, o engajamento com a saúde e o bem estar dos filhos é um traço proeminente das narrativas. De modo significativamente marcante nos relatos de Romário e

Davi (pais separados que não coabitam com os filhos), este signo surge enquanto um poderoso orientador ontogenético, diante de situações em que percebem a influência da ex-cônjuge em falas desqualificadoras dos filhos relativas às suas paternidades. As narrativas a respeito destas ocasiões deixam indicativos de percepções de injustiça; de sentimentos pessoais de mágoa e de impotência; de reflexões a respeito da ausência de responsabilidade por parte dos filhos, e de que o melhor para a saúde e bem estar dos mesmos é que os pais não reajam de forma conflituosa ou vingativa. Deste modo, constata-se que apesar de estarem de algum modo afetivamente inclinados às reações bélicas, diante das injúrias percebidas, a presença da responsabilidade e compromisso com a saúde e o bem estar dos filhos impõe-se de modo suficientemente intenso, de modo a barrar atitudes que poderiam prejudicar o desenvolvimento da criança – levando os pais a não expressarem, ao menos diante dos filhos, sua contrariedade.

Outras semioses bastante comuns nas narrativas são aquelas que envolvem os signos “*Educação (do filho)*” e “*Desenvolvimento Pessoal (do filho)*”, que operam enquanto poderosos orientadores ontogenéticos, também atuando em nível hierárquico superior relativamente à “*Satisfação Pessoal*”. Assim, nas narrativas destes pais surgem destaques perceptivos sobre aspectos do ambiente que relacionam-se com o desenvolvimento e educação que querem transmitir aos filhos (p.ex. o destaque crítico à educação materialista dispensada pelas ex-cônjuges, ou a percepção de oportunidades para ensinar alguma competência ao filho), havendo indicativos de sentimentos em sintonia com essas percepções (p.ex. preocupação; mágoa; desejo), assim como ações também em sintonia com as percepções e sentimentos (p.ex. buscar participar da vida escolar do filho; propor desafios; orientar; botar de castigo).

Os pais participantes deste estudo demonstram também, em suas narrativas, um compromisso com o cuidar do relacionamento/vinculação que mantém com os filhos. Nos relatos de Romário e de José signos hipergeneralizados tradicionais, como “*Hierarquia*” coexistem com outros signos conformadores de semioses mais recentes, como “*Cuidado*”, “*Presença*”, “*Carinho*” e “*Atenção*”. As narrativas destes pais demonstram um olhar cuidadoso para o desenvolvimento dos filhos, permeado por considerações e preocupação a respeito do universo afetivo da criança, ao mesmo tempo que engajam-se em ocupar e demonstrar aos filhos que entre eles há uma clara hierarquia.

No caso de Davi, há também semioses governadas pelo signo “*Hierarquia*”, solidificadas quando, por exemplo, ele percebe situações em que pode orientar o filho quanto a algum aspecto do mundo, assumindo esta atitude. No entanto, o relacionamento deste pai com

o seu filho está mais guiado por signos como “*Parceria*”, “*Confidencialidade*” e “*Companheirismo*”, como em situações em que o pai relata ter expectativas por momentos futuros em que ele e o filho possam vivenciar experiências de um ponto de vista horizontal/igualitário – utilizando o mesmo estilo de vestimentas e engajando-se nas mesmas atividades.

Percorrendo caminhos semióticos compromissados com a saúde, o bem estar, o desenvolvimento pessoal e a educação dos filhos, além do cuidado com a relação/vinculação que constroem a cada interação com a prole, surge nas narrativas de José e de Romário a tendência marcante de perceberem a si próprios enquanto modelos de comportamento para os filhos – ao que estes pais relatam passarem a realizar esforços no sentido de eles mesmos buscarem modificar algumas de suas características que percebem enquanto inadequadas para um cuidador. Assim, à serviço do que consideram melhor para o desenvolvimento dos filhos, o signo “*Desenvolvimento Pessoal (próprio)*” passa a ser submisso aos signos supracitados – ocupando um espaço hierarquicamente inferior na estrutura semiótica do participante (figura 2).

Ainda neste mesmo sentido, uma característica provavelmente nova, por parte destes pais – tendo em conta as descrições da literatura sobre o pouco repertório historicamente desenvolvido por homens quanto a envolverem-se com questões afetivas -, é o engajamento ativo em buscar aconselhamento e compartilhar experiências com pessoas em quem confiam (familiares, colegas de trabalho e profissionais especializados).

Outra característica que também possivelmente apresenta novidades semióticas é a conformação de uma nova atitude no modo de se relacionar com os filhos - mantendo características de racionalidade e foco em resultados, típicas do modelo tradicional, juntamente com considerações a respeito do impacto afetivo na subjetividade dos filhos contingente às suas decisões e intervenções.

No tocante à relação com os filhos, diversos foram os obstáculos descritos pelos pais deste estudo. Destacando o pouco tempo disponível para desfrutar da companhia dos filhos (“*Escassez do Tempo*”), além de percepções de situações em que vivenciam a invalidação parental, muitas vezes tendo os seus direitos subtraídos, os participantes desenvolveram a semiose regulada pela “*Passagem do Tempo*” – sendo um signo que cumpre a função de aliviar o impacto afetivo de outros signos. Assim, por exemplo, os pais passam a relacionarem-se com

o sentimento de impotência de uma forma mais branda, *enquanto algo passageiro*

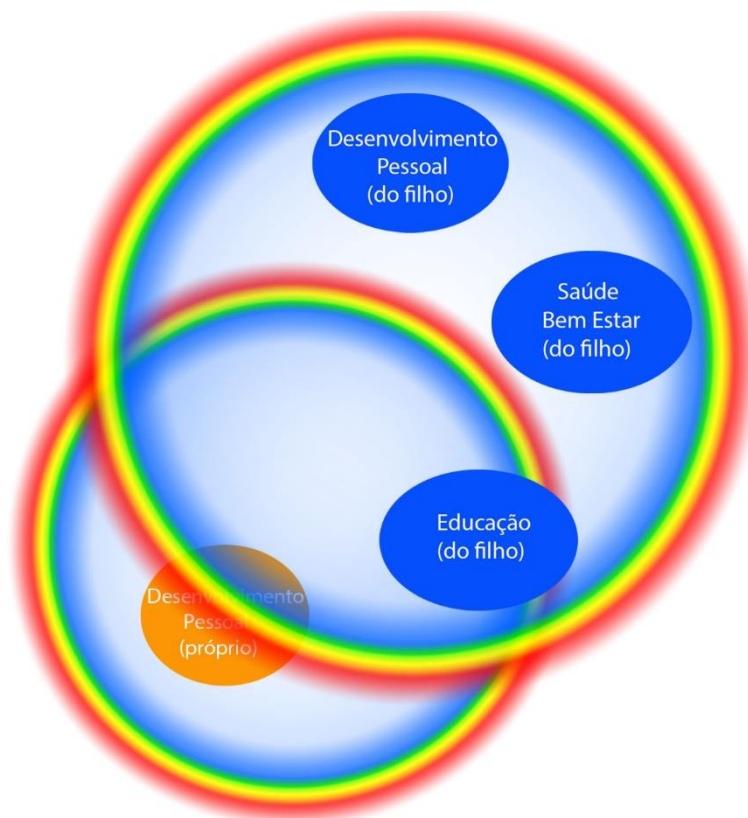


Figura 2 Hierarquia Semiótica. Num ponto semiótico mais elevado, encontram-se os signos Saúde/Bem Estar, Desenvolvimento Pessoal e Educação (relativos ao filho), direcionando as semioses reguladas pelo signo Desenvolvimento Pessoal (próprio).

Ainda neste mesmo sentido, uma característica provavelmente nova, por parte destes pais – tendo em conta as descrições da literatura sobre o pouco repertório historicamente desenvolvido por homens quanto a envolverem-se com questões afetivas -, é o engajamento ativo em buscar aconselhamento e compartilhar experiências com pessoas em quem confiam (familiares, colegas de trabalho e profissionais especializados).

Outra característica que também possivelmente apresenta novidades semióticas é a conformação de uma nova atitude no modo de se relacionar com os filhos - mantendo características de racionalidade e foco em resultados, típicas do modelo tradicional, juntamente com considerações a respeito do impacto afetivo na subjetividade dos filhos contingente às suas decisões e intervenções.

No tocante à relação com os filhos, diversos foram os obstáculos descritos pelos pais deste estudo. Destacando o pouco tempo disponível para desfrutar da companhia dos filhos

(“*Escassez do Tempo*”), além de percepções de situações em que vivenciam a invalidação parental, muitas vezes tendo os seus direitos subtraídos, os participantes desenvolveram a semiose regulada pela “*Passagem do Tempo*” – sendo um signo que cumpre a função de aliviar o impacto afetivo de outros signos. Assim, por exemplo, os pais passam a relacionarem-se com o sentimento de impotência de uma forma mais branda, *enquanto algo passageiro*.

Outros signos também regulam a relação dos pais desta pesquisa com eventos semioticamente enquadrados enquanto sofrimentos – como a “*Alienação Parental*”. Assim, no caso dos pais que não coabitam com os filhos, alguns mecanismos semióticos operam de modo a manterem a vinculação com os mesmos – considerando a pouca disponibilidade de tempo juntos, e os momentos em que os filhos reproduzem discursos alienantes particularmente sofríveis aos pais. Assim, além da semiose organizada pela “*Passagem do Tempo*”, o signo “*Saúde/Bem Estar (do filho)*” também opera enquanto um regulador da afetividade paterna – direcionando-o a não responder com agressividade aos atos alienantes, em prol do desenvolvimento saudável dos seus filhos.

Quanto à vida social dos pais deste estudo, com exceção de Bartolomeu, os pais deste estudo declaram não manterem vidas sociais ativas. Há indicativos que parte da experiência destes participantes com o mundo tenha passado a incluir, em seus enquadres semióticos, o signo “*Paternidade*”. Deste modo, ao falarem sobre novas companheiras (atuais ou futuras), os pais deste estudo destacam a percepção sobre a importância do bom relacionamento destas com os filhos. Neste sentido, Romário e Davi salientam o papel destas mulheres enquanto figuras participantes de suas redes de apoio. Davi destaca também gostar de crianças foi um dos critérios para a escolha da sua atual companheira. José, atualmente solteiro, destaca a sua preocupação sobre o momento em que terá uma nova companheira – relativo a encontrar alguém que ame os seus filhos.

Quanto ao instituto da guarda compartilhada, à exceção de Bartolomeu, as narrativas dos pais desta pesquisa denotam o interesse paterno, em maior ou menor grau, em compartilhar a responsabilidade com as genitoras – sendo proeminentemente regulados por signos como “*Responsabilidade/Compromisso*”, “*Saúde/Bem Estar (do filho)*”, “*Desenvolvimento Pessoal (do filho)*” e “*Educação (do filho)*”.

Neste sentido, Davi relata ter a guarda compartilhada judicialmente formalizada. Este pai declara engajar-se em se fazer presente na vida do filho, desenvolvendo estratégias para

superar as arbitrariedades que percebe, por parte da ex-cônjuge; declara também estar estruturando-se financeiramente para, num momento futuro (*“Passagem do Tempo”*), poder desfrutar da condição de coabitação – mantendo expectativas quanto à escolha do filho por morar com o pai. Já no caso de Romário, este pai destaca ter comprado um apartamento próximo ao apartamento da ex-cônjuge, de modo a facilitar a consecução da guarda compartilhada. Quanto a José, na posição semiótica fronteira, quanto aos pais da pesquisa, este pai coabita com os filhos e assume o papel de principal cuidador.

Capítulo 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente investigação demonstram a complexidade e a diversidade de caminhos semióticos possíveis que estão sendo construídos por homens que tornaram-se pais num momento histórico em que ao mesmo tempo em que novas demandas por atitudes são requisitadas destes personagens sociais, escassas são as semioses mesogenéticas que conduzam a afetividade destes indivíduos por caminhos culturalmente estabelecidos e seguros – principalmente quando a separação conjugal impõe-se enquanto ruptura ao nível ontogenético da experiência.

Percebe-se que, com o decorrer da história brasileira, semioses foram conformadas em torno da separação conjugal, que passou a ser um signo menos intenso, quanto à mobilização de respostas à nível afetivo. Tendo se tornado um fenômeno cada vez mais normativo, também cada vez mais existem recursos semióticos culturalmente compartilhados que auxiliam os sujeitos a elaborarem as suas experiências de modo menos aversivo.

No entanto, apesar da crescente apropriação mesogenética do fenômeno da separação conjugal, e também da figura do pai separado, em termos legislativos, chega-se à conclusão de que apesar das diferentes condições e combinações de variáveis que vêm a conformar paternidades únicas, há possibilidades de que a experiência de sentir-se invalidado/não reconhecido seja um traço comum na paternidade do “novo pai” – especialmente aqueles que vivenciaram o processo de separação conjugal.

As narrativas dos pais que participaram deste estudo apresentam indicativos de que é uma experiência comum perceberem-se invalidados enquanto personagens responsáveis por seus filhos – seja no relacionamento com a ex-cônjuge, ou mesmo no relacionamento com instituições representantes da sociedade civil, como a Escola, a Polícia ou a Justiça.

A partir da realidade desta experiência, as narrativas destes pais sugerem que grande parte das suas atitudes, diante das diversas possibilidades semióticas ofertadas no contato com o inexorável e inédito instante do aqui-agora, possam estar sendo significativamente guiadas pela satisfação de uma demanda subjetiva por validação da própria condição de pais. Deste modo, a partir da forma como a sociedade, a partir dos seus agentes, lida com o fenômeno da paternidade, especialmente quando associada à separação conjugal, torna-se aumentada ou

diminuída a probabilidade de que as atitudes dos pais sejam reguladas por demandas pessoais de validação psicoemocional, ao invés de serem orientadas por fatores outros como as necessidades dos filhos, ou o tipo de paternidade que deseja-se construir, baseada em valores racionalmente decididos.

A observação e conceituação do fenômeno da Invalidação Parental foi também um dos importantes frutos desta investigação, e abre caminho para diversas investigações e também discussões à nível político. Diversas dimensões deste fenômeno podem ser exploradas – como um aprofundamento da vivência subjetiva dos pais quanto a este fenômeno; a investigação a respeito de em quais contextos ela ocorre; a percepção dos filhos sobre a responsabilidade do pai quanto ao seu desenvolvimento.

Neste momento, uma das dimensões deste debate será aqui clarificada. Diante do instituto da licença maternidade, algumas questões necessitam ser cuidadosamente observadas. Considerar que apenas à mãe é permitido o direito de ausentar-se das obrigações laborais para dedicar-se ao cuidado dos filhos, cabendo ao pai apenas alguns dias de resguardo após a chegada do novo membro da família, é uma medida que possui vantagens em termos de produtividade econômica, mas que todavia também apresenta custos à nível psicossocial. Às mães é reservado o papel de principal cuidador do filho devido à função exclusiva de amamentação, único alimento recomendado ao bebê – razão pela qual ao homem não é autorizado muito tempo de licença, e automaticamente lhe é reservada uma posição subalterna quanto à função cuidadora.

Cabe aqui a consideração de que a chegada de um novo membro à família não traz consigo apenas a novidade da necessidade de amamentação. Quando um bebê passa a integrar uma família, novas redes de relacionamento serão inauguradas, tendo que ser negociados novos sentidos. Considerando principalmente um casal que tem o seu primeiro filho (consequentemente inexperientes quanto à função parental), deve-se considerar que a recém-mãe, obrigatoriamente imbuída do cuidado intensivo para com a criança, passa a ocupar uma posição inevitavelmente caracterizada por intensa pressão psicoafetiva. É ela quem vai estar a massiva parte do tempo com o filho, tendo que entender os seus sinais e organizar as rotinas relativas ao seu cuidado – muitas vezes não sendo possível deixar de também organizar outras rotinas, como as domésticas e as conjugais, diante do novo cenário.

Esta reflexão pode nos ajudar a contextualizar o evento da Alienação Parental – que é costumeiramente visto enquanto um ato criminoso vindo de um agente, sob quem repousa a culpa, contra o outro cuidador, tido como vítima. Em verdade, há desde a chegada da criança um desequilíbrio de poder relativo à função de cuidado e responsabilidade para com o filho, que apenas manifesta-se de modo mais claro no momento da separação conjugal e da disputa pela guarda.

Nesse sentido, a Alienação Parental, quando vinda da mulher para o homem, pode ser vista como um sintoma social do modo como a coletividade significa a maternidade enquanto função hierarquicamente superior em comparação com a paternidade, no critério do exercício parental. Através deste foco culpabilizador na mulher (principal agente alienante), deixa-se de perceber que a legislação brasileira posiciona o pai enquanto coadjuvante quanto à função de cuidador, desde a chegada da criança na família – tacitamente contribuindo para a construção dos primeiros caminhos semióticos de sua paternidade.

Este fenômeno aqui abstraído e discutido é visível quando, por exemplo, Romário declara, em tom de risada, não ter se envolvido nos banhos da filha, enquanto recém nascida – atitude que provavelmente não ocasionou conflitos conjugais ou familiares significativos, tomando como indicativo o modo como foi verbalizado este fato, além de não haverem relatos contíguos envolvendo conflitos contingentes. De certo modo a coletividade não estranha os posicionamentos do pai na posição de poder omitir-se – considerando desde a legislação até o tipo de evento cotidiano descrito na narrativa do participante.

Compreendendo que a forma como um indivíduo ou um agrupamento social relaciona-se com um dado signo é o resultado da eficácia em prover respostas eficazes e adaptativas, em termos da produção de estabilidade e segurança biopsicoemocional (Valsiner, 2012), observa-se que os roteiros mesogenéticos que guiarão os processo de formação de identidade paternos no futuro estão sendo ensaiados no presente momento histórico.

A curiosidade científica e a necessidade de um relacionamento com estes personagens sociais pautado pelo conhecimento das suas realidades cotidianas conduz ao convite para a produção de novas investigações, que possam acompanhar o desenvolvimento dos significados de paternidade com o passar do tempo, facilitando aos pais e àqueles que com eles relacionam-se (familiares, filhos, instituições judiciais, profissionais da saúde, do direito e do serviço

social e investigadores da ciência) a expansão dos caminhos semióticos e a produção de novas realidades.

REFERÊNCIAS

- Aiello, A. L. R., Cia, F. & Williams, L. C. A. (2005) Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. Relacionamento pai-filho. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9 (2), 225–233.
- Albuquerque, E. M.. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.
- Arend, J. C., Smeha, L. N., & Souza, K. SI M. (2012). A relação entre pais e filho(s) após a separação conjugal. *Barbarói*, 37, 7–29.
- Arsénio, C. I. F. (2012) *Paternidade na Infância: Envolvimento Paterno e Estilos Parentais Educativos em Pais de Crianças em Idade Escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Bandeira, D. R. & Wellausen, S. (2010) O Tipo de Vínculo entre Pais e Filhos está Associado ao Desenvolvimento de Comportamento Antissocial? *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 44 (3), 498–506.
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Barham, E. J. & Cia, F. (2009) O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14 (1), 67–64.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do Envolvimento Paterno na Atualidade. *Barbarói*, 32, 205–226.
- Biernaki, P., & Waldorf, D. (1981). Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, 10 (2), 141 – 163.
- Bottoli, C. (2010) *Paternidade e separação conjugal: a perspectiva do pai*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Braghirolli, E. M, Pereira, S & Rizzon, L. A. (2005). *Temas de Psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Cezar-Ferreira, V. A. M., & Macedo, R. M. S. (2016). A paternidade contemporânea em face da separação e do divórcio. Em L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich, & P. C. S. V. Zucoloto (Orgs). *Paternidade na Sociedade Contemporânea* (Vol 1, Cap. 14, pp. 257–271). Curitiba: Juruá Editora.
- Crepaldi, M. A. & Gomes, L. B. (2013). O Engajamento Paterno como Fator de Regulação da Agressividade em Pré-Escolares. *Paidéia*, 54, 21–29.
- Creswell, J. W. (2003). *Research Design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. London: Sage Publications.

- Dantas, C., Féres–Carneiro, T. & Jablonski, B. (2004) Paternidade: considerações sobre a relação pais–filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347–357.
- Davies, B. & Harré, R. (1990) Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20(1), 43–63.
- Ellis, B.J., Bates, J.E., Dodge, K.A., Fergusson, D.M., Horwood, L.J., Pettit, G.S., & Woodward, L., (2003). Does Father Absence Places Daughters at Special Risk For Early Sexual Activity and Teenage Pregnancy? *Child Development*, 74(3), 801–821.
- Féres–Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367–374
- Freire, G. O. (2009) *A vivência da paternidade por homens separados*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, Ceará, Brasil.
- Grzybowski, L. S. & Wagner, A. (2010) O Envolvimento Parental Após a Separação/Divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (2), 289–298.
- Hall, S. S. (2005) Change in Paternal Involvement from 1977 to 1997: a Cohort Analysis. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 34 (2), 127–139.
- Huff, A. S. (2009). *Designing Research for Publication*. Thousand Oaks (CA): Sage.
- Laskey, B. & Cartwright–Hatton, S. (2009) Parental discipline behaviours and beliefs: associations with parental and child anxiety. *Child: Care, Health & Development*, 35 (5). 717–727.
- Leedy, P. D. & Ormrod, J. E. (2005). *Practical research: planning and design*. Columbus, Ohio: Pearson Prentice Hall.
- Lei 12.318, de 26 de agosto de 2010*. Dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF. Retirado em 10/10/2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007–2010/2010/Lei/L12318.htm
- Lei 13.058, de 22 de dezembro de 2014*. Altera os arts. 1.583, 1.584, 1.585 e 1.634 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), para estabelecer o significado da expressão “guarda compartilhada” e dispor sobre sua aplicação. Retirado em 03/05/2015, de <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/veja-a-integra-da-nova-lei-da-guarda-compartilhada/>
- Lei 8.560, de 29 de dezembro de 1992*. Regula a investigação de paternidade dos filhos havidos fora do casamento e dá outras providências. Brasília, DF. Retirado em 10/10/2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18560.htm
- Lei n.11.698, de 13 de junho de 2008*. Altera os arts. 1.583 e 1.584 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, para instituir e disciplinar a guarda compartilhada. Brasília, DF. Recuperado em 10/10/2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007–2010/2008/Lei/L11698.htm
- Lewis, C. (1999) O pai no Contexto Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (1), 009–016.
- Lieblich, A., Tuval–Mashiach, R. & Zilber, T. (1998). *Narrative research: reading, analysis and interpretation*. Thousand Oaks: Sage.

- Morrison, D.R., & Cherlin, A. J. (1995). The divorce and young children's well being: a prospective analyses. *Journal of Marriage and the Family*, 57 (3), 800–812.
- Neuman, W.L. (2006). *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. Toronto: Pearson
- Shapiro, A. & Lambert, J. (1999). Longitudinal effects of divorce on the quality of the father–child relationship and on father's psychological well being. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 397–408.
- Valsiner, J. (2001). Process Structure of Semiotic Mediation in Human Development. *Human Development*, 44, 84–97.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural. Mundos da mente, mundos da vida*. Artmed.
- Valsiner, J., & Lawrence, J. A. (1997). Human Development in Culture Across the Life Span. Em J. W. Berry, P. R. Dasen, & T. S. Sarawathi (Eds.). *Handbook of crosscultural psychology. Volume 2. Basic processes and human development, 2 ed*, pp. 69–106. Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Warpechowski, A. & Mosmann, C. (2012) A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20 (1), 247–260.
- Zittoun, T. (2012). Tools for Living: Transcending Social Limitations. Em *The Oxford Handbook of Cultural Psychology*, 511 – 535. (org. Jaan Valsiner). Oxford University Press: USA.

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IPS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA



TEMÁRIO PARA A ENTREVISTA

Pergunta disparadora: “Conte-me a história da sua paternidade”

1. De que modo a separação conjugal influencia na experiência de ser pai?
 - a. Como se sente quanto a isso?
 - b. Você gostaria que fosse diferente? Como?
2. Quais as experiências de paternidade mais marcantes para você, ocorridas após a separação conjugal?
3. Como era ser pai antes da separação conjugal?
 - a. Quais experiências mais te faziam sentir-se pai? Como você se sentia?
 - b. Quais as coisas que você mais gostava em ser pai? Como se sentia?
 - c. Quais as coisas que você menos gostava em ser pai? Como se sentia? Como você lidava com esta situação?
4. Houve alguma mudança na relação com os filhos, após a separação conjugal?
 - a. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - b. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - c. Como você lida com a situação?
 - d. Estas mudanças modificaram, de alguma forma, a experiência de ser pai?
5. O relacionamento com a ex-conjuge mudou após a separação conjugal?
 - a. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - b. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - c. Como você lida com a situação?
 - d. O relacionamento com a ex-conjuge interfere de algum modo na forma de você exercer a paternidade?

6. A separação conjugal mudou, de alguma forma, outras dimensões da sua vida?
- a. Relacionamento com família de origem;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?
 - b. Trabalho;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?
 - c. Lazer;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?
 - d. Relacionamentos sociais;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?
 - e. Relacionamentos afetivos;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?
 - f. Espiritualidade;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?
 - g. Objetivos e planejamentos de vida;
 - i. O que aconteceu? Como você se sente, quanto a isso?
 - ii. Você gostaria que fosse diferente? Como?
 - iii. Como você lida com a situação?

ANEXO B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IPS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:

Telefones para contato: (____) _____ – (____) _____

Nome do voluntário:

Idade: _____ anos.

R.G. _____

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa:

“ _____ ”, de

responsabilidade do pesquisador:

Justificativa

Desde o final da década de 1990, a paternidade passou a ser alvo de interesses científicos e jurídicos. Muitos estudos foram feitos sobre este tema, em diversas áreas (mudanças na paternidade no decorrer da história; consequências da ausência ou presença do pai no desenvolvimento infantil; o fenômeno do envolvimento paterno), e diversas leis foram também editadas sobre esta temática. Porém, pouca atenção foi dedicada à pessoa dos pais – buscando compreender como os pais da atualidade pensam, sentem, e agem, enquanto pais.

Objetivo

A presente investigação tem por objetivo explorar as possíveis formas de se construir significados sobre paternidade – tendo como sujeito da pesquisa o pai que passa pela separação conjugal.

Método

Para alcançar o objetivo da pesquisa, será realizada uma entrevista individual com cada participante. Será utilizado instrumento de gravação de áudio, a fim de possibilitar a transcrição das falas dos participantes, viabilizando, por sua vez, a análise do material.

Riscos e benefícios

O tema de interesse da presente investigação é um tópico ainda pouco debatido e explorado, tanto na comunidade científica, como nos discursos do senso comum. Deste modo, consideramos que o momento de diálogo sobre este tema é significativamente produtivo.

Ao serem entrevistados, é possível que os participantes relacionem-se cognitivamente e afetivamente com a própria identidade paterna – o que por sua vez pode ser um contexto evocador de novas reflexões, emoções e atitudes –, fazendo da situação de entrevista um evento facilitador de possíveis transformações pessoais na trajetória vida do participante.

Considera-se aqui o cuidado relativo ao abordar alguns assuntos que podem ser emocionalmente carregados, o que justifica a devida atenção do investigador às reações dos

participantes. Emoções como constrangimentos, nostalgia, alegria, alívio, dentre outras, podem emergir. Desta forma, o pesquisador, graduado em psicologia e especialista em saúde mental, oferecerá a sua escuta para sujeitos que porventura desejem aprofundar as suas reflexões sobre a própria vivência. O encaminhamento para serviços de atendimento psicológico, gratuitos ou pagos, é também uma opção para este tipo de demanda.

Equidade, Justiça, privacidade e sigilo (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde)

A colaboração com a presente investigação é voluntária, e o participante poderá, a qualquer momento, decidir por não mais contribuir. O Termo de Consentimento Livre e esclarecido será impresso em duas vias, a serem assinadas pelo pesquisador e pelo participante, sendo que uma delas ficará com o participante.

Toda e qualquer informação coletada terá caráter confidencial. Neste sentido, os nomes dos participantes serão alterados, de modo a preservar a privacidade e o sigilo do participante da pesquisa.

As informações coletadas constituirão o material de análise para a realização dos objetivos propostos neste projeto de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (POSPSI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Os dados da pesquisa ficaram sob a guarda e a responsabilidade do pesquisador por um período de 05 anos, contados após o término da pesquisa.

Considerações finais

Ao participar desta pesquisa, o participante estará contribuindo para a compreensão de um fenômeno que, apesar da atual popularidade, ainda é pouco debatido, segundo a ótica de quem o vivencia. Esta investigação espera poder apontar possíveis variáveis envolvidas no fenômeno, possibilitando um conhecimento aprofundado e servindo de referência para novos estudos sobre a paternidade e a separação conjugal (contribuindo para o campo da Psicologia do Desenvolvimento), além de poder referenciar a atuação de profissionais que lidam com o evento da separação conjugal (do direito, da assistência social, da psicologia). O estudo também pretende disseminar discursos sociais sobre como está sendo construído o pai atual, facilitando

o seu processo de formação de identidade num momento histórico apontado pela literatura como marcado por fronteiras pouco claras sobre este papel.

Eu, _____, RG n° _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Testemunha: _____

Salvador, _____ de _____ de 201_.

Considerações éticas

Cuidados éticos serão dispensados aos participantes da pesquisa, de modo a proteger a sua dignidade e saúde.

Inicialmente, o projeto será entregue ao comitê de ética designado para realizar a avaliação do trabalho. Tendo o parecer positivo, os possíveis participantes serão convidados a participar da investigação, sendo previamente explicados sobre o que se trata o trabalho (os procedimentos e os objetivos) – estando tais informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II). Este documento também irá tratar do sigilo relativo à imagem pessoal do participante. Concordando sobre o disposto, o termo será assinado e o sujeito estará pronto para participar da pesquisa.

O tema de interesse da presente investigação é um tópico ainda pouco debatido e explorado, tanto na comunidade científica, como nos discursos do senso comum. Deste modo, consideramos que o momento de diálogo sobre este tema é significativamente produtivo.

Ao serem entrevistados, é possível que os participantes relacionem-se cognitivamente e afetivamente com a própria identidade paterna – o que por sua vez pode ser um contexto evocador de novas reflexões, emoções e atitudes –, fazendo da situação de entrevista um evento facilitador de possíveis transformações pessoais na trajetória vida do participante.

Considera-se aqui o cuidado relativo ao abordar alguns assuntos que podem ser delicados, como a separação conjugal, o que justifica a devida atenção do investigador às reações dos participantes. Desta forma, o pesquisador, graduado em psicologia e especialista em saúde mental, oferecerá a sua escuta para sujeitos que porventura desejem aprofundar as

suas reflexões sobre a própria vivência. O encaminhamento para serviços de atendimento psicológico, gratuitos ou pagos, é também uma opção para este tipo de demanda.